UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Monalisa Maria Lauro

O ESTATUTO DA PSICOLOGIA EMPÍRICA NO PROJETO FILOSÓFICO DE JOHANN NICOLAUS TETENS (1736-1807)

Juiz de Fora
2020

Monalisa Maria Lauro

O estatuto da psicologia empírica no projeto filosófico de Johann Nicolaus Tetens (1736-1807)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Orientador: Dr. Saulo de Freitas Araujo.

Juiz de Fora
2020

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lauro, Monalisa Maria.
O estatuto da psicologia empírica no projeto filosófico de Johann Nicolaus Tetens (1736-1807) / Monalisa Maria Lauro. -- 2020.
96 f.

Orientador: Saulo de Freitas Araujo
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2020.

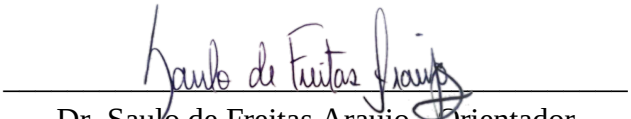
1. Johann Nicolaus Tetens. 2. Psicologia Empírica. 3. História e Filosofia da Psicologia. I. Araujo, Saulo de Freitas, orient. II. Título.

Monalisa Maria Lauro

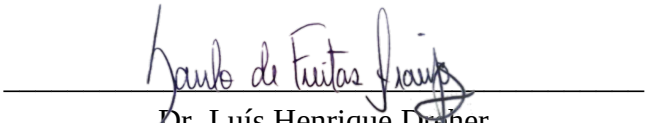
O ESTATUTO DA PSICOLOGIA EMPÍRICA NO PROJETO FILOSÓFICO DE JOHANN NICOLAUS TETENS (1736-1807)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

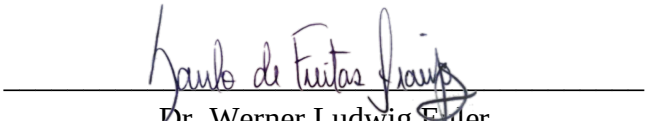
BANCA EXAMINADORA



Dr. Saulo de Freitas Araujo - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dr. Luís Henrique Dreher
Universidade Federal de Juiz de Fora



Dr. Werner Ludwig Euler
Universidade Federal da Integração Latino-Americana



Dr. Andréa Luisa Bucchile Faggion
Universidade Estadual de Londrina



Dr. Thiago Constâncio Ribeiro Pereira
Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Gerzu (*in memorian*) e Aparecida por todo amor e esforço dedicado à minha formação pessoal e profissional.

Ao meu orientador Saulo de Freitas Araujo por ter me ensinado de forma única e exemplar a admirar e respeitar a área de História e Filosofia da Psicologia. Agradeço também por sua dedicação à minha formação intelectual e inestimável auxílio nas traduções aqui apresentadas.

Sou grata também aos meus irmãos e amigos por compreenderem minha ausência em certos momentos e me incentivarem a prosseguir com meus estudos.

RESUMO

Ainda que seja possível observar um recente interesse pela obra principal de Tetens, *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwickelung* (1777), e reedições de suas outras obras filosóficas, ainda restam muitas lacunas a serem preenchidas na compreensão da profundidade e originalidade do seu projeto intelectual. Esse é o caso, por exemplo, do estatuto da psicologia empírica no seu sistema metafísico. Não obstante alguns estudos tenham contribuído para uma melhor compreensão das principais características da investigação psicológica em seus *Philosophische Versuche*, é possível observar que questões fundamentais, como a existência de uma proposta coerente e unificada de psicologia empírica e sua relação com a ontologia e a psicologia racional, permanecem sem um claro entendimento. Partindo do pressuposto de que uma análise dos escritos filosóficos e psicológicos anteriores e posteriores à sua obra magna podem auxiliar na compreensão dessas questões, o presente trabalho inicia-se com alguns apontamentos acerca da psicologia e da metafísica no período de 1759 a 1775. Em seguida, priorizamos uma descrição das investigações psicológicas nos *Philosophische Versuche*, para só então discutirmos o estatuto de sua psicologia empírica, a partir da análise da *Metaphysik* (2015). Em nossa análise, verificamos que não há nenhuma mudança significativa na sua concepção de psicologia empírica ao longo de sua obra, incluindo aí sua definição como disciplina metafísica e o uso do método analítico, ainda que isso nem sempre esteja detalhado nas discussões iniciais. Além disso, apontamos algumas evidências textuais para sustentar a tese de que a filiação da psicologia empírica à metafísica é baseada em seu caráter propedêutico à ontologia e à psicologia racional, mas também em uma concepção geral de psicologia, que, como ciência da alma, necessita ser complementada por uma análise racional, inclusive por conceitos e princípios fundamentais da ontologia.

Palavras-chave: Johann Nicolaus Tetens. Psicologia Empírica. História e Filosofia da Psicologia.

ABSTRACT

Although it is possible to observe a recent interest in Tetens' magnum opus, *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwickelung* (1777), and new editions of his other philosophical works, there are still many gaps to be filled in understanding the depth and originality of his intellectual project. This is the case, for example, of the status of empirical psychology in Tetens' metaphysical system. Although some studies have contributed to a better understanding of the main characteristics of psychological investigation in his *Philosophische Versuche*, it is possible to observe that fundamental questions – such as the existence of a coherent and unified proposal of empirical psychology and its relation to ontology and rational psychology – remain poorly understanding. Based on the assumption that an analysis of philosophical and psychological writings before and after his magnum opus can help us understand these questions, the present work begins with some notes about psychology and metaphysics in the period from 1759 to 1775. Then, we describe the psychological investigations in the *Philosophische Versuche.* Finally, we discuss the status of empirical psychology, based on the analysis of his *Metaphysik* (2015). We conclude that there is no significant change in the conception of empirical psychology throughout his work, including his definition as a metaphysical discipline and the use of the analytical method, although this is not always clear in Tetens' initial discussions. Besides, we present textual evidence to support the thesis that the affiliation of empirical psychology to metaphysics is based not only on its propaedeutic character to ontology and rational psychology, but also on a general conception of psychology, which, as a science of the soul, needs to be complemented by a rational analysis, including fundamental concepts and principles of ontology.

Keywords: Johann Nicolaus Tetens. Empirical Psychology. History and Philosophy of Psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... **08**

2 A PSICOLOGIA EMPÍRICA NOS ESCRITOS INICIAIS.....

14

2.1 TETENS E A CRISE DA METAFÍSICA ALEMÃ..... 15

2.1.1 **A definição de metafísica**..... 18

2.1.2 **A necessidade de uma reforma da metafísica**..... 20

2.2 O SIGNIFICADO DA PSICOLOGIA EMPÍRICA..... 27

2.2.1 **A relação entre psicologia empírica e metafísica**..... 27

2.2.2 C**onsiderações iniciais sobre o método de investigação psicológica**..... 30

2.2.3 **As questões fundamentais sobre a natureza humana**..... 33

3 A PSICOLOGIA EMPÍRICA NOS *ENSAIOS FILOSÓFICOS*..... **40**

3.1 O PROJETO DE PSICOLOGIA EMPÍRICA..... 41

3.1.1 **O objeto da psicologia empírica**..... 42

3.1.2 **O método de investigação psicológica**..... 45

3.2 A TEORIA DAS FACULDADES DA ALMA..... 53

3.2.1 **Sentimento, entendimento e vontade**..... 55

4. A PSICOLOGIA EMPÍRICA COMO DISCIPLINA METAFÍSICA..... **65**

4.1 A OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO RACIONAL..... 65

4.2 A RELAÇÃO CORPO-ALMA..... 73

4.3 A ARQUITETÔNICA DA METAFÍSICA..... 83

5 CONLUSÃO..... **88**

REFERÊNCIAS..... **91**

1 INTRODUÇÃO

Estudos mais recentes na historiografia da psicologia e da filosofia têm permitido uma melhor compreensão e caracterização do conhecimento psicológico presente no século XVIII (e.g., Araujo, 2012, 2013; Bell, 2005; Cassirer, 1932/1997; Hatfield, 2002/2012; Jahnke, 1990; 2009; Pereira & Araujo, 2015; Sturm, 2006, 2009; Vidal, 2000, 2011). Em linhas gerais, esses estudos evidenciam uma diversidade de propostas de ciência psicológica, que não só se preocupam em demarcar seu objeto e método próprios, mas também destacar sua relevância para as reflexões metafísicas, morais, estéticas, etc., embora isso não implique a institucionalização da psicologia como disciplina; fato que só ocorreu no século XIX.[1]

Essa efervescência e magnitude de discussões em torno da fundamentação de uma ciência psicológica podem ser especialmente observadas na tradição alemã da *Aufklärung*, onde prosperaram investigações empíricas da natureza humana, nos moldes das ciências naturais, tanto no campo da filosofia quanto da fisiologia e da antropologia. Nesse cenário, a obra magna de Johann Nicolaus Tetens (1736-1807), *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwickelung* (*Ensaios Filosóficos Sobre a Natureza Humana e Seu Desenvolvimento*), publicada em 1777, parece representar um caso de particular interesse. Primeiro, por propor uma análise psicológica da alma baseada na experiência, que dispensa qualquer fundamentação teórica *a priori* ou hipótese metafísica sobre a essência da alma.[2] Segundo, por demarcar as peculiaridades do objeto e método psicológicos, indicando a realização de experimentos e mensurações de fenômenos senso-perceptivos, o estabelecimento de leis psíquicas e a formulação de uma teoria das faculdades da alma. Terceiro, por conferir à investigação empírica um importante papel nas discussões metafísicas sobre a objetividade dos conceitos e princípios racionais, a liberdade humana, a relação corpo-alma etc., em um claro sinal de que a psicologia empírica está na base de sua filosofia.

---

[1] Nesse trabalho, consideramos a importante distinção conceitual sugerida por Gundlach (2006), segundo a qual o termo 'psicologia' refere-se tanto a uma ciência ou campo de conhecimento teórico-empírico dos fenômenos psíquicos (*Wissenchaft*) quanto a uma disciplina ou matéria institucionalizada, lecionada por especialista e obrigatória à formação profissional (*Disziplin*). Na atualidade, a psicologia, no primeiro sentido, está vinculada à disciplina acadêmica, mas isso de modo algum significa que seus limites coincidam necessariamente. Aqui, cabe frisar que nosso interesse volta-se apenas para a psicologia em sua primeira acepção.

[2] É importante frisar que, ao longo de toda a sua obra, Tetens emprega diferentes termos para se referir à psicologia. Em um sentido mais geral, ele utiliza os termos 'doutrina da alma' (*Seelenlehre*) ou 'psicologia' (*Psychologie*). Já os termos '*Psychologia empyrica*' e '*Erfahrungsseelenlehre*' fazem referência à investigação empírica da alma, e os termos '*schliessende Seelenlehre*', '*metaphysische Psychologie'*, '*raisonnirende Psychologie'*, '*Psychologia rationalis*' dizem respeito à investigação racional da alma. Ao longo de nosso texto, optamos por utilizar o termo 'psicologia' para nos referirmos à psicologia em seu sentido geral, e os termos 'psicologia empírica' e 'psicologia racional' para nos referirmos às duas disciplinas específicas.

Em que pese, porém, a proeminência da psicologia empírica nos *Ensaios Filosóficos Sobre a Natureza Humana e Seu Desenvolvimento* (mencionados a partir daqui apenas como *Ensaios Filosóficos*), essa obra não chega a ser mencionada nos principais manuais de história geral da psicologia (e.g., Goodwin, 2005; Herrnstein & Boring, 1971; Hothersall, 2006; Schultz & Schultz, 2015) ou então aparece apenas de forma superficial (e.g., Bell, 2005; Brett, 1921/1953; Klein, 1970; Pillsbury, 1929; Villa, 1903). Na literatura nacional, a situação é ainda mais delicada. Com exceção de nossos trabalhos iniciais (Araujo & Lauro, 2018; Lauro & Araujo, 2015), não encontramos nenhum estudo sobre as ideias psicológicas de Tetens.

Essa situação geral contrasta, por um lado, com alguns antigos manuais de história da psicologia alemã (e.g., Dessoir, 1901/1964; Sommer, 1892/1966), onde há uma discussão mais sistemática de alguns temas dos *Ensaios Filosóficos*; e, por outro, com algumas tentativas mais recentes de retomar parte dos *Ensaios Filosóficos* como referência para as discussões atuais sobre o desenvolvimento humano ao longo do ciclo da vida (e.g., Lindenberger & Baltes, 1999; Müller-Brettel & Dixon, 1990). Em que pese o mérito de oferecer uma análise mais rigorosa e baseada em fontes primárias, esses trabalhos não têm sido suficientes para produzir impacto na historiografia da psicologia. Isso se deve, a nosso ver, a sua restrição a aspectos específicos dos *Ensaios Filosóficos* – como, por exemplo, as faculdades da alma, a linguagem e o desenvolvimento humano. Falta-nos, portanto, uma discussão mais aprofundada sobre as discussões psicológicas em Tetens e como estas se relacionam com seu projeto filosófico. Sem esses esclarecimentos, é impossível compreender o verdadeiro significado da psicologia empírica em sua obra, e, por conseguinte, indicar sua contribuição para o desenvolvimento histórico da psicologia.

No âmbito da historiografia da filosofia, embora abundem análises mais pormenorizadas sobre os *Ensaios Filosóficos*,[3] sua interpretação ainda é predominantemente orientada pelas similaridades e diferenças em relação à *Crítica da Razão Pura* de I. Kant (1724-1804) (e.g., Apitzsch, 1871/2010; Beck, 1969; Kitcher, 1990, 2011; Lorini, 2018; Puech, 1992; Sturm, 2006, 2009; Thiel, 1997; Uebele, 1911; Watkins & Kuehn, 2009; Wunderlich, 2005). Em que pese, porém, a influência dos *Ensaios Filosóficos* sobre Kant,[4] e a

[3] Há também algumas referências ao ensaio de 1775, *Ueber die allgemeine speculativische Philosophie* (*Sobre a Filosofia Especulativa Geral*), como as análises empreendidas por Puech (1992) e Beck (1969).

[4] Além de haver indícios na obra de Kant que sugerem uma influência de Tetens, sua correspondência com M. Herz (1747-1803), em abril de 1778, também evidencia sua familiaridade com os *Ensaios Filosófico*s. Nessa carta, Kant afirma ter encontrado alguns pontos penetrantes na obra de Tetens, ainda que sua leitura seja fatigante e não conclusiva (Kant, 1778/2007). Ademais, Kuehn (1989) observa ainda que, em carta a J. F.

incontestável importância desses trabalhos para uma reconstrução histórica de sua filosofia transcendental, não podemos deixar de notar que, quando se toma a filosofia kantiana como referência para a leitura dos *Ensaios Filosóficos*, corre-se o risco de ignorar a originalidade e a especificidade do projeto filosófico de Tetens, e de produzir uma narrativa teleológica e anacrônica, em que a filosofia transcendental constituiria o ápice de toda uma produção filosófica turva e inacabada que lhe antecedeu.[5]

É bem verdade que parte desses riscos vem sendo suprimida através das recentes edições das obras filosóficas de Tetens (e.g., Engfer, 2005; Krouglov & Delfosse, 2017; Sellhoff, 2015) e de alguns trabalhos que apresentam uma análise para além da contextualização da *Crítica* (e.g., Krouglov, 2009; Sellhoff, 2014; Stiening & Thiel, 2014). Esses estudos representam um passo importante para a compreensão da profundidade e originalidade do projeto filosófico de Tetens, ao permitir que se repensem muitos aspectos de sua relação com o empirismo inglês, o racionalismo alemão e o materialismo francês.[6]

Ainda como resultado desses novos estudos, cabe destacar a compreensão dos *Ensaios Filosóficos* como uma obra em que a investigação filosófica se dá por meio da articulação de elementos empíricos (psicológicos) e metafísicos. Essa interpretação traz consequências pertinentes para o estudo do estatuto da psicologia empírica no projeto filosófico de Tetens. Trata-se de esclarecer como a psicologia pode ser capaz de desempenhar um papel vital na solução da crise da metafísica, por meio da investigação das faculdades cognoscitivas, e, ao mesmo tempo, ser apresentada como uma disciplina metafísica, que requer a necessária complementação de seus fatos empíricos por raciocínios e reflexões, inclusive por conceitos e princípios fundamentais da ontologia.[7]

É bem verdade que há aqui uma análise pouco minuciosa dessa relação entre a psicologia empírica e a ontologia, e outras questões que permanecem sem uma fundamentação satisfatória.

Herder (1744-1803) – maio de 1779 –, J. G. Hamann (1730-1788) afirma que os *Ensaios Filosóficos* permaneceram sob os olhos de Kant durante o tempo em que trabalhou na *Crítica da Razão Pura.*

[5] Como destacamos em um trabalho anterior (Lauro & Araujo, 2015), o melhor exemplo disso é a análise apresentada por Beck (1969), segundo a qual os *Ensaios Filosóficos* representam uma falha de Tetens em desenvolver um genuíno sistema de filosofia transcendental.

[6] Do empirismo inglês, destacam-se as obras de e F. Bacon (1561-1626), J. Locke (1632-1704) e D. Hume (1711-1776). Na tradição racionalista alemã, as referências fundamentais são: G. W. Leibniz (1646-1716), C. Wolff (1679-1754) e J. H. Lambert (1728-1777). Da tradição materialista francesa, Tetens menciona principalmente os trabalhos de D. Hartley (1705-1757) e C. Bonnet (1720-1793).

[7] Embora esses estudos recentes da historiografia da filosofia sejam o principal ponto de partida para o nosso trabalho, é importante frisar que isso de modo algum significa afirmar que a interpretação dos *Ensaios Filosóficos* em um contexto de síntese empírico-racional representa uma unanimidade na historiografia da psicologia e da filosofia. Como procuramos mostrar em um trabalho anterior, o significado dos *Ensaios Filosóficos*, bem como o escopo e a função da psicologia empírica nessa obra, é objeto de divergências interpretativas (Lauro & Araujo, 2015). Ao longo de nosso trabalho, retomaremos algumas dessas linhas interpretativas.

Duas delas são particularmente importantes para a nossa discussão. A primeira questão refere-se à relação entre a psicologia empírica e a psicologia racional. Com exceção de alguns estudos (e.g., Hauser, 1994; Sellhoff, 2015), em que essa questão aparece de forma superficial, falta uma discussão mais aprofundada sobre como Tetens delimita esses dois domínios da psicologia, e concebe sua relação. A segunda questão nos remete à continuidade ou ruptura de seu projeto filosófico. Nesse contexto, observamos alguns desacordos. Por um lado, afirma-se que as semelhanças entre os *Ensaios Filosóficos* e seus dois principais escritos filosóficos anteriores[8] sugerem uma continuidade no pensamento intelectual de Tetens, inclusive em relação ao estatuto da psicologia empírica (Araujo & Lauro, 2018; Lauro, 2014; Sellhoff, 2014, 2015). Por outro, existem análises que defendem que os *Ensaios Filosóficos* introduzem uma ruptura em relação ao escrito de 1775, *Ueber die allgemeine speculativische Philosophie* (*Sobre a Filosofia Especulativa Geral*), na medida em que só neles a investigação psicológica passa a desempenhar um papel vital na fundamentação do conhecimento metafísico (e.g., Beck, 1969; Krouglov & Delfosse, 2017).

A nosso ver, uma resposta satisfatória a essa questão requer uma investigação mais ampla da obra filosófica de Tetens, incluindo o seu Curso de Metafísica (*Metaphysik*), ministrado no final de sua carreira acadêmica na Universidade de Kiel (1789) e publicado apenas recentemente (2015). A esse respeito, é um aspecto marcante da literatura secundária – tanto da historiografia da filosofia quanto da historiografia da psicologia – o fato de existirem poucas análises das obras anteriores e posteriores aos *Ensaios Filosóficos*. Considerando a bibliografia clássica e recente, encontramos apenas duas referências que apresentam uma breve descrição da obra de Tetens em sua totalidade (e.g., Engfer, 2005; Uebele, 1911) e alguns trabalhos que avaliam algumas obras anteriores ou posteriores aos *Ensaios Filosóficos,* sobretudo, aquelas diretamente relacionadas à ontologia, à filosofia da linguagem e à teologia (e.g., Heinz, 2014; Krouglov, 2005, 2009; Krouglov & Delfosse, 2017; Nowitzki, 2014; Puech, 1992; Sellhoff, 2014, 2015; Vesper, 2014). Nesse cenário, a psicologia empírica nos textos iniciais de Tetens permanece sem receber uma análise aprofundada.

Com base nessa análise da literatura secundária, o presente trabalho tem como objetivo aprofundar a discussão sobre o estatuto da psicologia empírica no projeto filosófico de Tetens, oferecendo uma melhor sustentação para a hipótese de que não há nenhuma mudança significativa na concepção de psicologia empírica ao longo de sua obra, incluindo aí seu estatuto como

[8] Trata-se das obras: *Gedanken über einige Ursachen, warum in der Metaphysik nur wenige ausgemachte Wahrheiten sind* (*Pensamentos Sobre Algumas Causas, Por Que na Metafísica Há Apenas Poucas Verdades Estabelecidas*) e *Ueber die allgemeine speculativische Philosophie* (*Sobre a Filosofia Especulativa em Geral*), publicados em 1760 e 1775, respectivamente

disciplina metafísica e sua posição proeminente nas questões metafísicas da ontologia e da psicologia racional.

Para atingir o objetivo apresentado acima, o presente trabalho segue as diretrizes gerais de uma história filosófica da psicologia, cujo objetivo central é compreender o desenvolvimento histórico de vários projetos psicológicos em sua relação com a tradição filosófica a partir de uma análise teórico-conceitual (Araujo, 2016, 2017a, 2017b). A nosso ver, a escolha por essa estratégia metodológica se justifica pelo fato de a psicologia empírica de Tetens ser parte de seu projeto filosófico e ter entre seus objetivos a resolução de problemas essencialmente metafísicos. Além disso, cabe destacar que optamos por uma abordagem cronológica de sua obra, a fim de identificarmos quaisquer alterações em sua concepção de psicologia empírica.

Cabem ainda alguns esclarecimentos sobre os aspectos técnicos desse trabalho. Apesar de adotarmos as normas da *American Psychological Association* (APA) para citações e referências, introduzimos uma exceção em relação às citações de Kant, quando seguimos o padrão internacional da Edição da Academia (*Akademie-Ausgabe*). No caso das obras de Tetens, indicamos no corpo do texto apenas a data do original, mas é possível identificar todas as edições consultadas nas referências. Além disso, é importante ressaltar que as passagens das obras de Tetens que fundamentam nossa interpretação foram mantidas no original alemão em notas de rodapé. Suas traduções, presentes no corpo do texto, foram feitas a partir do original e são de nossa inteira responsabilidade.

Por fim, para cumprir nosso objetivo principal, o trabalho foi organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, é apresentada uma análise dos textos iniciais de Tetens, publicados entre 1759 e 1775. Aqui, primeiramente destacamos a concepção de filosofia teórica, especialmente a estruturação da metafísica e o posicionamento de Tetens em relação à sua crise na tradição alemã da *Aufklärung*, o qual já revela uma íntima relação entre a metafísica e a psicologia empírica. Destacamos também as semelhanças com os *Ensaios Filosóficos*, sobretudo no que concerne ao método de investigação psicológica.

No segundo capítulo, é apresentada e discutida a consolidação de sua proposta de psicologia empírica. Aqui, nossa análise concentra-se em sua obra mais representativa, os *Ensaios Filosóficos.* Nesse momento, não só oferecemos uma delimitação mais sistemática e precisa do campo da psicologia empírica – seu objeto e método –, como também demarcamos os limites de suas principais conclusões sobre as faculdades da alma, esclarecendo assim como a tripartição da alma – sentimento, pensamento e vontade – é concebida por Tetens.

O objetivo principal do terceiro capítulo é analisar o estatuto e o papel da psicologia empírica na metafísica. Para isso, discutimos sua relação com as demais disciplinas metafísicas, mais particularmente com a ontologia e a psicologia racional. Aqui, para além dos *Ensaios Filosóficos*, seu curso final de *Metafísica* nos permite reforçar a tese de que a psicologia empírica é imprescindível para a metafísica, ao destacar seu caráter propedêutico. Além de servir de fundamento para as demais disciplinas metafísicas, a filiação da psicologia empírica à metafísica também deve ser entendida a partir de sua concepção geral de psicologia – entendida sempre como ciência da alma. Nesse último sentido, Tetens pensa a psicologia empírica intimamente ligada à psicologia racional, em uma clara indicação de que, em seu projeto filosófico, é necessária a complementação dos fatos empíricos por raciocínios e reflexões, inclusive por conceitos e princípios fundamentais da ontologia.

Por fim, na conclusão, retomamos nossos principais apontamentos sobre o significado da psicologia empírica no projeto filosófico de Tetens, destacando sua importância para o desenvolvimento histórico da psicologia, e indicamos alguns problemas ou lacunas teórico-conceituais em nosso trabalho.

2 A PSICOLOGIA EMPÍRICA NOS ESCRITOS INICIAIS

O primeiro passo empreendido em nossa investigação é uma análise dos escritos iniciais de Tetens publicados no período situado entre os anos de 1759 e 1775. Nesse período, Tetens lecionou física, matemática pura, metafísica, lógica, filosofia prática etc. na recém-fundada Academia de Bützow, onde foi nomeado *Professor* de física em 1763. Posteriormente, em 1765, ele assumiu a direção do *Pädagogium* de Bützow, um instituto de ensino secundário preparatório tanto para o estudo universitário quanto para o trabalho prático. Tetens permaneceu em Bützow até 1776, quando assumiu a cátedra de filosofia na Universidade de Kiel (Dessoir, 1892; Engfer, 2005; Krouglov & Delfosse, 2017; Sellhoff, 2015; Uebele, 1911; Zöller, 1998).

O objetivo principal desse capítulo é apresentar como a psicologia empírica aparece nos escritos iniciais de Tetens. Assim, vamos procurar mostrar como ele articula seu programa inicial de reforma da metafísica em torno de um aprimoramento metodológico, no qual a psicologia empírica já aparece como parte fundamental. A este respeito, encontramos aqui uma primeira indicação do que mais tarde veio a se constituir um dos propósitos fundamentais dos *Ensaios Filosóficos*, a saber, investigar a formação dos conceitos metafísicos a partir da observação da natureza do entendimento humano. Além disso, como parte de nossa exposição inicial, pretendemos mostrar como Tetens concebeu e empreendeu seus primeiros estudos. Aqui, uma análise atenta dos textos iniciais revela que as regras para a investigação da natureza, para além do *Ensaio Sobre o Entendimento Humano* de Locke (1690), parecem ser uma importante referência na investigação psicológica das questões essenciais da natureza humana – por exemplo, as faculdades fundamentais, a espontaneidade e a perfectibilidade da alma.

Tendo traçado o objetivo geral desse capítulo, resta indicar o caminho para sua realização. Para a primeira seção, em que são reunidas as primeiras considerações de Tetens acerca da estrutura e evidência do conhecimento metafísico, foi relevante a análise de dois textos de caráter preponderantemente filosófico, a saber: *Gedanken über einige Ursachen, warum in der Metaphysik nur wenige ausgemachte Wahrheiten sind* (*Pensamentos Sobre Algumas Causas, Por Que na Metafísica Há Apenas Poucas Verdades Estabelecidas*) e *Ueber die allgemeine speculativische Philosophie* (*Sobre a Filosofia Especulativa em Geral*), publicados em 1760 e 1775, respectivamente. Além disso, outros textos iniciais são aqui brevemente mencionados, no intuito de enriquecer e esclarecer alguns posicionamentos e concepções presentes nos dois ensaios anteriores.

A segunda seção reúne os textos que nos permitem situar o lugar da psicologia empírica no sistema metafísico admitido por Tetens, e obter uma melhor caracterização das suas primeiras observações psicológicas. Aqui, aos ensaios mais filosóficos foi acrescentada a análise dos seguintes textos: *Gedanken von dem Einfluß des Climatis in die Denkungsart des Menschen* (*Pensamentos Sobre a Influência do Clima na Maneira de Pensar do Homem*); *Schreiben an...über die Frage: Ob die Verschiedenheit der Erkenntniß-Fähigkeiten und Neigungen der Menschen in einer angebohrnen Verschiedenheit, oder in den äusserlichen Umständen seinen Grund habe?* (*Escritos Sobre a Questão: Se a Diversidade das Capacidades de Conhecimento e Inclinações dos Homens Tem Seu Fundamento em uma Diversidade Inata ou em Circunstâncias Externas*); *Vor der Verschiedenheit der Menschen nach ihren Haupt-Neigungen* (*Da Diversidade dos Homens Segundo Suas Inclinações Principais*); *Ueber den verschiedenen Nuzen der menschlichen Erkentnissen* (*Sobre os Diferentes Benefícios dos Conhecimentos Humanos*); *Ueber den Uhrsprung der Ehrbegierde* (*Sobre a Origem do Anseio de Honra*), publicados em 1759, 1761, 1762, 1765 e1766 respectivamente.

2.1 TENS E A CRISE DA METAFÍSICA ALEMÃ

Nos dois escritos mais filosóficos da primeira fase, Tetens refere-se predominantemente à metafísica, sobretudo à legitimidade de seus conceitos e princípios gerais e à disposição de suas partes. Para que sua ênfase sobre essas questões faça sentido, é preciso mencionar alguns aspectos cruciais do contexto em que sua obra se situa. Particularmente, interessa aqui a conjunção de dois fatores no segundo momento do Iluminismo alemão (1750-1780). Primeiro, destacam-se as críticas e as reelaborações do sistema filosófico de Wolff, cuja obra exerceu uma influência decisiva no desenvolvimento da terminologia e do método filosófico na tradição alemã da *Aufklärung* (Araujo, 2012; Beck, 1969; Cassirer, 1932/1997). Em parte, a crise da filosofia wolffiana deve-se à ampla divulgação e recepção do empirismo britânico e do sensualismo francês na Alemanha, que se opõem ao apriorismo da filosofia racionalista alemã (Dessoir, 1892; Stiening & Thiel, 2014; Zammito, 2002). Nesse contexto, é possível observar que o próprio Wolff tenta integrar dados factuais e análise racional em seu sistema filosófico. Dessa forma, ele admite que o conhecimento empírico sirva de base inicial para o conhecimento filosófico, que, em um plano mais elevado, suplementa a descrição factual com explicações racionais sobre a existência e ocorrência das coisas no mundo (Araujo, 2012; Richards, 1980).

O segundo fator que cabe aqui ressaltar é o crescente emprego da análise psicológica na investigação da natureza humana, na fundamentação do conhecimento e da filosofia prática – p.ex., moral, política, direito natural, economia, etc.[9] –, resultando na necessidade de se discutir a ordenação das disciplinas metafísicas, notadamente o lugar da psicologia empírica (Cassirer, 1932/1997; Sellhoff, 2014, 2015; Vidal, 2011). Nesse mesmo período, torna-se evidente a proeminência da observação empírica sobre o tratamento conceitual da alma e a gradual aplicação do método da ciência da natureza – observação, experimento e mensuração – à investigação da alma humana. Junto a isso, também prosperam discussões em torno da fundamentação de uma ciência do homem baseada em explicações essencialmente psicológicas e/ou fisiológicas (Hatfield, 1995, 2002/2012; Linden, 1976; Moravia, 1978, 1980; Sturm, 2009).

Nesse cenário, Tetens mostra-se convencido de que um empreendimento de reestruturação da metafísica deve valer-se do método da tradição empirista britânica, sem perder, porém, as reflexões perspicazes e os conceitos fundamentais produzidos pela tradição racionalista alemã, como fica evidente nas seguintes passagens:

> Os filósofos britânicos podem ser nosso modelo nas observações; mas eles não devem sê-lo na filosofia especulativa. (...) Ao contrário, a nova filosofia alemã recebeu seu impulso, que ela ainda mantém ou sente, de Wolff – de suas lições e de seu exemplo. Mas Wolff conhecia e tinha sempre diante de si o espírito das ciências matemáticas, ao estabelecer métodos e planos. Além disso, a partir de Tschirnhaus, ele conhecia o caminho da especulação. (Tetens, 1775, pp. 87-89)[10]

> Na minha opinião, nosso Leibniz compreendeu a natureza do entendimento humano, suas formas de pensar e, mais particularmente, os conhecimentos transcendentes da razão, de modo muito mais profundo, aguçado e correto do que Locke, cujas observações eram mais meticulosas. Ele enxergou mais longe do que o sagaz Hume e do que Condillac, Beattie, Search e Home (...). Mas todos os vôos do espírito leibniziano foram igualmente bem-sucedidos? E era então de se admirar que aqueles que não puderam segui-lo e não tiveram nenhum meio para distinguir se ele tinha permanecido no caminho correto ou se tinha se desviado dele considerassem suas descobertas como

[9] Na filosofia do Iluminismo alemão, o termo 'filosofia prática' refere-se tanto a uma filosofia moral – proposições que fundamentam o que é virtude – quanto a uma teoria pragmática – habilidades necessárias à obtenção de felicidade na vida prática, seja em relação aos atos políticos, jurídicos, econômicos etc. Tetens adota esse sentido amplo de filosofia prática, ao contrário de Kant, que a restringe ao primeiro sentido (Krouglov & Delfosse, 2017).

[10] Die Brittischen Philosophen mögen unsre Muster im Beobachten seyn; aber sie sollten es nicht seyn in der speculativischen Philosophie. (...) Die deutsche neuere Philosophie empfing dagegen ihren Schwung, aus dem sie noch jetzt nicht ganz wieder zurück gekommen ist, von Wolfen, von dessen Vorschriften und Vorgang. Aber Wolfen war der Genius der mathematischen Wissenschaften bekannt und beständig vor Augen, als er Methoden und Plan vestsetzte. Aus dem Tschirnhausen kannte er dazu den Weg der Speculation. (Tetens, 1775, pp. 87-89)

> idéias não confiáveis ou até mesmo como fantasias vãs? A análise do entendimento segundo o método de Locke deve tornar evidente em que medida as concepções férteis de Leibniz são um conhecimento racional real e verdadeiro, e em que medida não o são. (Tetens, 1775, pp. 91-93)[11]

Como podemos notar, o projeto intelectual de Tetens caracteriza-se muito mais pela tentativa de compatibilizar tradições filosóficas distintas do que pela filiação a uma tradição específica.[12] Historicamente, esse posicionamento – assim como o de J. G. H. Feder (1740-1821), C. Meiners (1747-1810) e E. Platner (1744-1818) – tem sido interpretado como parte do empirismo alemão (e.g., Dessoir, 1892; Engfer, 2005; Hauser, 1994; Sommer, 1892/1966; Stiening & Thiel, 2014). A esse respeito, cabe esclarecer que não se trata aqui de uma escola empirista genuína. Pode-se dizer que o empirismo ganha limites, uma vez que o elevado apreço em relação às investigações empíricas é acompanhado da recusa do ceticismo e do reducionismo empírico, assim como da exigência de salvaguardar o valor da análise racional e dos princípios fundamentais universais. (Fischer, 1975; Kuehn, 1989, 2004; Stiening & Thiel, 2014; Sturm, 2009; Vidal, 2011). Por se tratar de uma tentativa de mediação entre empirismo e racionalismo, também é comum caracterizar o projeto filosófico de Tetens como eclético (e.g., Barnouw, 1979, 1983; Hauser, 1994; Puech, 1992; Uebele, 1911; Zöller, 1998). A nosso ver, não se pode recusar o uso do ecletismo como uma estratégia metodológica, na medida em que Tetens procura reunir teses de diferentes sistemas filosóficos. Todavia, deve-se ter o cuidado de desvinculá-la de um sentido pejorativo, pois o que lhe interessa não é justapor arbitrariamente teses conciliáveis, negligenciando aspectos não compatíveis. Isso ficará mais claro ao longo do nosso trabalho, quando indicarmos os critérios e a inteligibilidade própria ao pensamento de Tetens, que se propõe a rever, aperfeiçoar e sintetizar teses de diferentes sistemas filosóficos.

---

[11] Wie ich meyne, hat unser Leibnitz weit tiefer, schärfer und richtiger die Natur des menschlichen Verstandes, seine Denkarten, und insbesondere die transcendenten Vernunftkenntnisse eingesehen, als der mit mehr Geflissenheit beobachtende Lock. Er hat weiter gesehen, als der sonst scharfsichtige Hume, als Reid, Condillac, Beattie, Search und Home (...). Aber war denn auch ein jeder Flug des Leibnitzischen Geistes auf eine gleiche Art glücklich? Und war es denn sehr zu verwundern, wenn diejenigen, die ihm nicht nachkommen konnten, und keine Kennzeichen hatten es zu unterscheiden, ob er auf der rechten Bahn geblieben, oder davon ausgewichen sey, seine Entdeckungen für unzuverläβige Einfälle, oder gar für leere Phantasien, ansahen? Die Analysis des Verstandes nach Locks Methode muβ es evident machen, wie viele oder wie wenige von Leibnitz fruchtbaren Aussichten echte reelle Vernunftkenntniβ sey, und es nicht sey. (Tetens, 1775, pp. 91-93)

[12] Krouglov e Delfosse (2017), Sellhoff (2014, 2015) e Uebele (1911) destacam o projeto filosófico de J. C. Eschenbach (1719-1759) como principal modelo para as discussões filosóficas iniciais de Tetens. De acordo com Sellhoff (2014, 2015), Eschenbach recomendava que os fundamentos metafísicos fossem compreendidos através de princípios empíricos ou princípios imediatamente apoiados neles, e prescrevia que a busca por verdades filosóficas não fosse acompanhada de deslumbramentos ou restrições a grandes nomes.

2.1.1 A definição de metafísica

Antes de prosseguirmos na análise que Tetens nos apresenta acerca dos principais obstáculos ao progresso da metafísica e das estratégias apontadas para a sua reestruturação, convém esclarecer melhor a concepção de metafísica presente nos ensaios filosóficos de 1760 e 1775.

Segundo Tetens, a metafísica – ou filosofia especulativa – caracteriza-se por uma reunião de ciências filosóficas. De um lado, há a filosofia transcendente ou ciência fundamental – ou, ainda, ontologia –, que representa o grau mais abstrato e geral do conhecimento metafísico, na medida em que se ocupa com a determinação das propriedades possíveis e necessárias de todas as coisas em geral sobre as quais os ramos da filosofia teórica se fundamentam. De outro, há dois grandes ramos da filosofia teórica: a filosofia intelectual ou dos seres incorpóreos, que reúne em si a psicologia e a teologia natural; e a filosofia das coisas corpóreas, na qual encontramos as ciências da natureza, como a física, astronomia e outras partes da matemática aplicada. Em suas próprias palavras:

> Na Alemanha, o que chamamos de *metafísica*, ou também *filosofia especulativa*, é uma reunião das melhores ciências. A *filosofia geral transcendente*, que se chama *ciência fundamental* ou *ontologia*, e que inclui apenas princípios *mais elevados e mais gerais* que os *conceitos das coisas corpóreas*, por um lado, e os *conceitos dos objetos imateriais*, que nos pertencem apenas através da sensação interna, por outro, é uma ciência por si mesma. Ela é o tronco comum dos dois grandes ramos da *filosofia teórica*. O primeiro constitui-se pela filosofia sobre as *almas*, os *espíritos* e *Deus*, cujos objetos são seres *incorpóreos* e *imateriais*, e que, por isso, quero chamá-la de filosofia do *incorpóreo* ou *filosofia intelectual*. Esse ramo defronta-se com o segundo, que se refere às coisas *corpóreas* e suas qualidades – *física* e *matemática* em grande parte**.** Com relação à forma não há nenhuma diferença entre a *filosofia intelectual* e a filosofia *corpórea*. Ambas baseiam-se em experiências e tornam-se ciências filosóficas por meio da ligação da teoria geral com as experiências. (Tetens, 1775, pp. 23-24 – itálicos no original)[13]

[13] Was wir in Deutschland *Metaphysic*, oder auch wohl *speculativische Philosophie* nennen, ist eine Sammlung von mehrern Wissenschaften. Die *allgemeine transcendente Philosophie*, die man *Grundwissenschaft*, *Ontologie*, nennet, und die sich nur auf solche Grundsätze einlässet, welche *höher und allgemeiner sind, als die Begriffe von körperlichen Dingen* auf einer Seite, und als die *Begriffe von immateriellen Gegenständen*, die uns allein durch die innere Empfindung zukommen, auf der andern, ist eine eigne Wissenschaft für sich. Sie ist der gemeinschaftliche Stamm zu den zweyen groβen Aesten der *theoretischen Philosophie*, davon die Philosophie über die *Seelen* und *Geister* und über *Gott*, einen ausmachet, dessen Gegenstände die unkörperlichen und immateriallen Wesen sind, und den ich deswegen Philosophie vom *Unkörperlichen* oder *Intellektual- Philosophie*, nennen mögte. Diesem stehet der zweyte Zweig, der mit *körperlichen* Dingen und ihren Beschaffenheiten zu thun hat, – *Physic* und *Mathematic* gröβtentheils – gegen über. In Hinsicht der Form ist kein Unterschied zwischen der *Intellektual-Philosophie* und zwischen der Philosophie des *Körperlichen*. Beyde beruhen auf Erfahrungen und werden philosophische Wissenschaften durch die Verbindung der allgemein Theorie mit den Erfahrungen. (Tetens, 1775, pp. 23-24 – itálicos no original)

Ao mesmo tempo, porém, em que destaca a identidade formal entre os dois ramos da filosofia teórica – ambos baseiam-se na experiência e integram teorias gerais a princípios empíricos –, Tetens reconhece que há entre eles uma importante distinção. De acordo com ele, o auxílio de raciocínios, conceitos e princípios gerais da ontologia cresce à medida que o objeto de estudo afasta-se do campo de observação, e temos que nos contentar com impressões parciais, como ocorre, por exemplo, na investigação da natureza da alma, dos atributos de Deus, dos elementos primários do corpo, etc. Essa maior dependência da ontologia, segundo Tetens, é a principal razão para se reservar o termo 'metafísica' apenas para as disciplinas da filosofia intelectual:

> A razão pela qual se costuma associá-la [filosofia transcendente – acréscimo nosso] às ciências dos *objetos imateriais* e, a partir da junção de ambas, formar um códice com o nome de *metafísica* parece-me ser esta: porque os princípios da *psicologia*, que juntos com a *teologia natural* constituem o fundamento para uma religião prática da razão, dependem menos das observações e mais dos raciocínios ontológicos gerais. Aqui, portanto, a ciência fundamental torna-se mais utilizada que na física e na matemática. (Tetens, 1775, pp. 24-25, itálicos no original)[14]

Em seu ensaio prévio, cujo objetivo primordial era identificar as principais razões da estagnação da metafísica, Tetens já tinha concebido a metafísica como um sistema que reúne em si uma disciplina geral – ontologia – e três disciplinas específicas – cosmologia, psicologia e teologia natural, como fica claro na seguinte passagem:

> A ontologia é, como a matemática teórica, uma ciência na qual as propriedades das coisas são derivadas de conceitos determinados arbitrariamente (...). As demais partes da metafísica – a cosmologia, a psicologia e a doutrina natural de Deus – devem ser construídas por meio da ligação das verdades ontológicas com princípios empíricos, assim como a matemática aplicada e a doutrina da natureza devem ser construídas pela associação da matemática teórica com experimentos;... (Tetens, 1760, pp. 10-11)[15]

---

[14] Die Ursache, warum man sie mit den Wissenschaften von *immateriellen Gegenständen* verbindet, und aus beyden einen Codex unter der Benennung von *Metaphysic* zu machen pfleget, scheinet mir diese zu seyn, weil die Lehrsätze aus der *Psychologie*, die mit der *natürlichen Theologie* zusammen genommen, den Grund zu einer practischen Religion der Vernunft ausmachen, weniger von den Beobachtungen, und mehr von den allgemeinen ontologischen Raisonnements, abhängen. Hier wird also die Grundwissenschaft mehr gebrauchet, als in der Physic und Mathematic. (Tetens, 1775, pp. 24-25, itálicos no original)

[15] Es ist die Ontologie, wie die theoretische Mathematik, eine Wissenschaft, in welcher aus wilkürlich bestimten Begriffen die Eigenschaften der Dinge hergeleitet werden (...). Die übrigen Theile der Metaphysik, die Cosmologie, die Seelenlehre, die natürliche Gottesgelahrtheit, müssen durch die Verbindung der ontologischen Wahrheiten mit Erfahrungssäzen erbauet werden, wie die angewandet Mathematik und Naturlehre durch die Verbindung der theoretischen Mathematik mit Versuchen;... (Tetens, 1760, pp. 10-11)

Nesse contexto, Tetens parece seguir o princípio ordenador estabelecido por Wolff, segundo o qual qualquer disciplina que forneça princípios para outras deve precedê-las (Araujo, 2012; Vesper, 2014). Em outras palavras, isso significa que Tetens concebe a metafísica como um sistema hierarquizado de conhecimento, no qual a ontologia representa seu grau mais elevado, devendo preceder as demais disciplinas e ocupar o primeiro lugar na estruturação da metafísica por ter princípios gerais necessários e imprescindíveis às disciplinas específicas.

Tendo esclarecido o significado da metafísica nos escritos iniciais de Tetens e situado o lugar da ontologia nesse sistema, torna-se claro porque ela é o alvo central em sua análise dos principais obstáculos ao progresso da metafísica. Para que a ontologia exerça sua função, Tetens endossa a ideia de que os filósofos devem seguir os requisitos matemáticos – isto é, devem ter conceitos e princípios fundamentais claramente determinados. No entanto, isso não significa que, em sua proposta de reforma da metafísica, ele defenda o usual aprimoramento das demonstrações racionais, segundo o método dedutivo-geométrico de Wolff e seus seguidores. Ao contrário, como mostraremos na próxima seção, há aqui um crescente e contínuo direcionamento à determinação do modo de formação dos conceitos e princípios metafísicos através da investigação empírica das faculdades cognoscitivas.

2.1.2 A necessidade de uma reforma da metafísica

Os dois primeiros textos filosóficos de Tetens pretendem determinar as principais razões para as dificuldades que os filósofos racionalistas (e.g., Descartes, Leibniz, Wolff, Lambert etc.) encontravam na sustentação das teses e princípios metafísicos como verdades estabelecidas. Dito em outros termos, interessa a ele esclarecer a seguinte situação: se os filósofos racionalistas esforçavam-se verdadeiramente para expandir a metafísica – como de fato Tetens acreditava – e se os procedimentos adotados já eram semelhantes aos da matemática e da ciência da natureza, então por que a ontologia não atingia a mesma evidência encontrada na matemática pura? O que a diferenciava e a mantinha como um campo discutível e duvidoso? E por que as disciplinas metafísicas específicas raramente chegavam a certezas ou conhecimentos prováveis, se elas, assim como as ciências naturais, construíam-se pela integração entre teoria geral e conhecimento empírico?

Para Tetens, a explicação do atraso da metafísica e sua diferença em relação à matemática e às ciências naturais exige um exame minucioso de seus procedimentos, tomando sempre como referência os procedimentos de matemáticos e cientistas da natureza. Seu

objetivo primordial não é, contudo, censurar seus predecessores e contemporâneos por suas falhas, mas, ao contrário, animá-los a prosseguir na expansão daquela estimada ciência. Ele mostra-se, de fato, otimista em relação às possíveis contribuições de sua análise, ao entender que "o conhecimento do erro, diz-se corretamente, é metade do aperfeiçoamento. Portanto, quando descubro as causas da incerteza na metafísica, eu faço progredir seus esforços [dos seus compatriotas – acréscimo nosso] de elevá-la" (Tetens, 1760, p. 67).[16]

Como mencionamos anteriormente, Tetens não admite de antemão que a crise da metafísica resulte unicamente da necessidade de aprimoramento de suas demonstrações racionais. Em seu diagnóstico inicial, as principais razões subjacentes à estagnação da metafísica são encontradas no descuido com o uso do método, nas próprias dificuldades dos conceitos filosóficos e na carência de uma base empírica satisfatória. Vejamos essas razões mais detalhadamente.

Um dos problemas presentes na metafísica, mais particularmente na ontologia, refere-se à falta de univocidade dos termos empregados. Nesse sentido, Tetens observa que a ausência de um léxico conceitual próprio na ontologia faz com que ela, diferentemente da matemática pura, não disponha de sinais determinados para seus conceitos, favorecendo, por conseguinte, o uso de termos ambíguos e vagos, e a ocorrência de disputas verbais. Como saída para essa dificuldade, Tetens anseia pelo estabelecimento de uma linguagem filosófica, em que os conceitos seriam pensados a partir de sinais determinados para cada ideia simples, cuja associação sucederia segundo regras gerais previamente estabelecidas. Entretanto, se uma linguagem tão completa e abrangente como esta mostrar-se impossível, dever-se-ia tentar estabelecer, a exemplo da matemática, sinais variáveis com significados previamente determinados (1760, pp. 29-31, 42-44, 47-49).[17]

No entanto, é a ausência de conceitos claros e distintos que traz as maiores dificuldades para a ontologia. De acordo com Tetens, as demonstrações *a priori* de teses e princípios metafísicos estão comprometidas pelo fato de fundamentarem-se em conceitos que carecem de provas suficientes de sua possibilidade. Isso ocorre porque aqui não há uma

---

[16] Die Erkenntniβ des Irthums, sagt man ganz richtig, ist die halbe Besserung. Indem ich also die Ursachen der Ungewisheit in der Metaphysik entdecket, bin ich Ihren Bemühungen, solche zu heben, vorgegangen. (Tetens, 1760, p. 67)

[17] Aqui, vale lembrar a importância da investigação etimológica para a construção do léxico filosófico. Segundo Tetens (1765, 1766), a etimologia revela o desenvolvimento histórico da linguagem, esclarecendo os fundamentos das denominações, os significados originais e os parentescos das palavras. Além disso, fornece um conhecimento instrutivo sobre os conceitos do entendimento humano comum, permitindo solucionar desacordos entre a filosofia e o senso comum. Nesse sentido, como bem observam Engfer (2005) e Heinz (2014), o valor da etimologia para a filosofia implica uma relação imediata entre linguagem e pensamento, de modo que as palavras seriam sinais tanto dos objetos quanto das idéias pelas quais os objetos são pensados.

clareza que permita conhecer e comparar todas as idéias simples que compõem os conceitos, eliminando a possibilidade de contradições entre eles.[18] Apesar de admirar o empenho dos metafísicos em determiná-los claramente, Tetens observa que o grau de clareza necessário ainda não foi alcançado em função da própria condição desfavorável da metafísica. Segundo ele, a análise dos conceitos na ontologia é sempre mais extensa e numerosa que na matemática pura, pois, enquanto esta pode ater-se à determinação das coisas apenas segundo a sua grandeza e pensar suas relações em termos de igualdade e desigualdade, aquela precisa estabelecer todos os modos de determinação e relação. Além disso, a ontologia, diferentemente da matemática, não dispõe do auxílio das capacidades de sentir e imaginar na determinação de sinais que permitem representar mais claramente seus conceitos gerais (1760, pp. 19-21, 23-25, 50-51).

Com esse diagnóstico, torna-se evidente que, no texto de 1760, um recurso indispensável para o alcance de verdades certas e estabelecidas na metafísica – inclusive para se iniciar a construção de uma linguagem filosófica universal – é retroceder à experiência para se chegar a idéias claras e simples. Sendo assim, Tetens entende que é necessário empreender uma análise cuidadosa dos conceitos metafísicos até as idéias simples, que se referem às mudanças ou representações que sucedem em nós como efeitos das impressões sensíveis de objetos externos e internos ou do ato de abstração – que separa e retém as sensações mais simples em uma representação comum. De acordo com ele:

> Para evitar toda e qualquer imprecisão, na medida em que isso for possível, os conceitos na ontologia devem ser reconduzidos até tais idéias simples; e os conceitos compostos devem ser formados a partir desses conceitos simples, de tal modo que se possa reconhecer quais desses conceitos encontram-se naqueles. Enquanto isso não acontece, não temos motivo para nos surpreender com a imprecisão e as disputas daí resultantes. (...) De fato, os filósofos ainda não estão em acordo sobre os conceitos simples; e quantas disputas não surgiram sobre os conceitos de causalidade, espaço e tempo, que são considerados como simples por alguns, mas não por outros. Se se deseja resolver as disputas que surgiram sobre essas coisas, o melhor a fazer é retroceder às sensações que deram origem ao conceito em disputa e

[18] Aqui, Tetens admite como exceção a prova *a priori* referente ao conceito de Deus. Um ano mais tarde, no ensaio *Abhandlung von den vorzüglichsten Beweisen des Daseins Gottes* (*Tratado das Provas Mais Primorosas da Existência de Deus*), ele analisa uma grande quantidade de provas da existência de Deus e novamente reconhece a robustez das provas *a priori*, mas as avalia como argumentos de difícil compreensão quando comparadas com as demonstrações *a posteriori*. Essas últimas constituem o cerne de sua análise, pois, segundo ele, permitem chegar a conclusões fortes e, sobretudo, mais evidentes, ao serem fundamentadas em princípios empíricos notórios. Além disso, por pressuporem princípios ensinados pela própria experiência, as provas empíricas são capazes de produzir convicção não só em grandes filósofos, mas em todos.

> observar exatamente o que está sendo representado, quando esta ideia é percebida nos objetos. (Tetens, 1760, p. 27)[19]

Que a ampliação da base empírica é um recurso imprescindível torna-se ainda mais claro a partir da análise do tímido avanço das três disciplinas metafísicas específicas, mais particularmente quando Tetens coloca grande parte de seu aprimoramento na extensão de suas provas *a posteriori*. Aqui, encontramos a enfática afirmação de que os objetos dessas disciplinas, sobretudo a alma e Deus, só podem ter sua natureza interna ou causas atuantes conhecidas a partir do conhecimento de seus efeitos observáveis.[20] Em suas palavras:

> Toda a doutrina da alma e da sapiência de Deus e, em parte, a cosmologia, são ciências de coisas reais, cujos efeitos experienciamos e a partir dos quais, com o auxílio de princípios gerais, devemos inferir a natureza interna delas. Se ainda não conhecemos exatamente os efeitos e faltam-nos experiências corretas e completas; ou se estas estão presentes, mas as causas destes efeitos estão tão afastadas de nós que jamais conseguimos alcançá-las pela nossa reflexão; então, pouco conseguiremos descobrir, mesmo com nossa melhor teoria. (Tetens, 1760, p. 60)[21]

Para Tetens, enquanto houver um descuido com as investigações empíricas, essas disciplinas estarão sujeitas a um amontoado de fatos desordenados, a leis restritas, a erros e a hipóteses fantasiosas. Como exemplo, ele cita aqui as investigações psicológicas que não explicam com exatidão e rigor quais mudanças anímicas associam-se às corpóreas e como ocorre esta relação. Além disso, identifica frequentes erros de sub-repção (*Erschleichungs-Fehler*), quando afirmações que não estão ou não podem ser solidamente amparadas na experiência são admitidas como empíricas, como ocorre, por exemplo, nas asserções de que alma atuaria

---

[19] Bis auf solche einfache Ideen müssen die Begriffe in der Ontologie gebracht werden, wenn alle Undeutlichkeit, so viel als möglich ist, vermieden werden soll; und die zusammengesezten müssen aus diesen einfachen so gebildet werden, daβ erkant werden könne, welche von diesen darinnen stecken. So lange dies nicht ist, haben wir nicht Ursache, uns über Undeutlichkeit und die daher entstehende Streitgkeiten zu verwundern. (...) Es sind sich ja die Philosophen noch nicht einig über die einfachen Begriffe; und wie viele Streitigkeiten sind nicht über die Begriffe der Causalität, des Raums, und der Zeit entstanden, die von einigen als einfache angesehen werden, von andern aber nicht. Will man die Streitigkeiten, welche hierüber entstanden, entscheiden; so ist es am besten, daβ man auf die Empfindungen zurück gehe, aus welchen der bestrittene Begrif entstanden ist, und genau beobachte, was man sich vorstellet, wenn man diese Idee in den Gegenständen gewahr wird. (Tetens, 1760, p. 27)

[20] Essa proposta de inferir a natureza interna ou princípio fundamental a partir de efeitos ou modificações observáveis revela sua ênfase no método indutivo. Isso ficará claro no próximo capítulo (seção 2.1.2).

[21] Die ganze Seelelehre und Gottesgelahrheit, und zum Theil die Cosmologie, sind Wissenschaften von wircklichen Dingen, deren Würckungen wir nur erfahren, von welchen wir durch Hülfe der algemeinen Grundsäze auf die innere Beschaffenheit derselben zurückschliessen müssen. Kennen wir nun die Würkungen noch nicht genau, und fehlt es uns an richtigen und volständigen Erfahrungen: oder wenn diese da sind, sind die Ursachen dieser Wirckungen zu weit von uns entfernet, daβ wir dieselbe niemals durch unser Nachdenken erreichen können; so werden wir auch mit unser besten Theorie hierinnen wenig ausmachen. (Tetens, 1760, p. 60)

sobre corpo através de influência física e de que se pode pensar a si mesmo, com toda atenção possível, no exato momento em que se pensa um objeto (1760, pp. 61-62).

Em *Sobre a Filosofia Especulativa em Geral,* Tetens mantém sua pretensão de prosseguir com a reforma da metafísica a partir da investigação empírica. Nessa obra, porém, a falha fundamental da ontologia refere-se ao fato dos filósofos não se preocuparem em estabelecer, antes de tudo, o modo de formação dos conceitos e princípios ontológicos a partir da investigação da natureza humana. Isso fica particularmente evidente nesta passagem:

> Deve-se trilhar o caminho aberto primeiramente por Locke: com a tocha da observação na mão procurar as sensações a partir das quais as noções gerais são extraídas; e, de modo mais exato do que Locke fez, diferenciá-las dos efeitos de nossa imaginação produtiva. (...) A diversidade de opiniões nos conhecimentos abstratos, assim como os diferentes modos de pensar sobre os objetos práticos e sensíveis, tem suas raízes últimas na diversidade de sensações e no modo como o entendimento as transforma em princípios. (Tetens, 1775, pp. 72-73)[22]

Aqui, o caminho indicado para o progresso da metafísica impõe como necessária a determinação das condições de realização (*Realisirung*) dos conceitos metafísicos. Trata-se de determinar sua validade objetiva, distinguindo os que correspondem a objetos – externos, internos e coisas em geral – daqueles que expressam mera ilusão ou ficção, a partir de uma investigação que se estende para além da determinação da sua relação com as sensações, introduzindo uma indagação complementar a respeito do tratamento que as faculdades cognoscitivas oferecem ao material sensível (1775, p. 48)[23]

Assim, o reconhecimento por parte de Tetens da importância de Locke não deve ser exagerado, e de modo algum podemos falar em um reducionismo empírico, como alguns trabalhos já apontaram – e.g., Engfer, 2005; Hauser, 1994; Lauro, 2014; Sellhoff, 2015; Stiening & Thiel, 2014; Veter, 2014. De acordo com Tetens, Locke e Hume foram precursores na observação do entendimento, do seu modo de ação e dos seus conceitos gerais, mas suas análises são deficitárias. Ao seguirem a prescrição: "*todos os conceitos gerais têm sua origem nas sensações. Portanto, deve-se reduzi-los a essas, isto é, procurar as sensações*

---

[22] Man muβ den Weg verfolgen, auf den Locke zuerst geführet hat, mit der Fackel der Beobachtung in der Hand, die Empfindungen aufsuchen, aus denen die allgemeinen Notionen gezogen worden sind; und diese genauer, als es Locke gethan hat, von den Wirkungen unsrer schöpferischen Dichtkraft unterscheiden. (...) Die Verschiedenheit der Meynungen in den abstractesten Kenntnissen hat eben sowohl, als die verschiedene Denkungsarten über pratische und sinnliche Gegenstände, ihre letzten Wurzeln in der Verschiedenheit der Empfindungen und in der Art, wie der Verstand diese zu Grundsätzen umbildet. (Tetens, 1775, pp. 72-73)

[23] Em relação aos princípios puramente formais – princípios de contradição, razão suficiente e identidade –, Tetens afirma que eles formam a primeira classe de princípios transcendentes, e entende sua validade objetiva como um modo natural da razão relacionar os conceitos. Nos *Ensaios Filosóficos*, esses princípios são referidos como juízos subjetivamente necessários, como veremos no último capítulo (seção 3.1).

a partir das quais a força de pensar os extraiu" (Tetens, 1775, p. 48 – itálicos no original),[24] eles atentaram apenas para a matéria dos conceitos gerais e, por conseguinte, não conferiram às faculdades da imaginação e do entendimento um papel ativo e constitutivo na sua formação. A razão para isso, conclui Tetens, está na admissão do pressuposto "*os conceitos são sensações desagregadas*" (Tetens, 1775, p. 49 – itálicos no original),[25] o qual, segundo ele, induz à crença de que tudo o que é requerido está dado nas sensações. Com base nessa interpretação, Tetens apresenta enfim o único sentido em que a lição empirista pode ser admitida como correta: "as sensações são o *primeiro elemento fundamental*, que a razão tem para as nossas *representações*, *idéias* e *conceitos*; a matéria, a partir da qual tudo isso é produzido por meio da atividade do pensamento" (1775, p. 50 – itálicos no original).[26]

Ora, se nem tudo o que há nos conceitos está presente quando são dadas apenas as sensações, é evidente que a redução dos conceitos metafísicos aos seus elementos sensíveis deixa de ser uma condição suficiente para a demonstração de sua objetividade. Dessa forma, ao mesmo tempo em que admite que representações e conceitos sejam produzidos a partir de sensações, Tetens insiste na necessidade de se investigar menos a matéria do conhecimento do que o seu emprego a partir da atividade do entendimento.

De fato, Tetens sustenta que há uma quantidade ínfima de ideias que são puras abstrações de sensações, sobre as quais a ação do pensamento limita-se ao ato de torná-las conscientes. Essas representações são referidas como sinais (*Zeichen*) e imagens (*Bilder*) de objetos singulares. Em uma segunda classe, encontram-se as ideias que reúnem em si representações de objetos particulares, que, embora sejam formadas a partir da matéria fornecida pelas impressões sensíveis – sentido externo, no caso de conceitos de objetos corpóreos; e sentido interno, no caso de conceitos de objetos intelectuais –, são comparadas, relacionadas e, até mesmo, modificadas segundo a lei da associação ou por meio da reflexão e do raciocínio (*Raisonnement*). Têm-se aqui as representações da imaginação (*Erdichtungsvorstellugen*) e as ideias da reflexão (*Reflexionsideen*), respectivamente. (1775, pp. 62-65).

Uma diversidade semelhante é encontrada entre os conceitos gerais. Desse modo, Tetens entende que, pela ação da imaginação, há a formação de abstrações sensíveis ou

---

[24] *Alle allgemeine Begriffe haben ihren Ursprung aus den Empfindungen. Man muß jene also auf diese wieder zurück führen, das ist, die Empfindungen aufsuchen, woraus die Denkkraft sie gezogen hat*. (1775, p. 48 – itálicos no original).

[25] *Begriffe sind aufgelösete Empfindungen* (1775, p. 49 – itálicos no original).

[26] der *erste Grundstof*, den die Vernunft zu unsern *Vorstellugen*, zu *Gedanken* und zu *Begriffen* hat, die Materie, aus der sie durch die Thätigkeit der Denkkraft gemacht worden, Empfindungen sind (1775, p. 50 – itálicos no original).

imagens gerais (*sinnliche Abstracta, allgemeine Bilder*). Com o acréscimo da reflexão, têm-se os conceitos comuns deduzidos ou representações de coisas gerais (*abgezogene Gemeinbegriffe* ou *Vorstellungen von allgemeinen Dinge*). Além disso, há também os conceitos produzidos pelo próprio ato de pensar segundo as leis do raciocínio e sua espontaneidade. No primeiro caso, trata-se de ideias de raciocínio ou conceitos de demonstração (*Raisonnementsideen* ou *Demonstrationsbegriffen*) e, no segundo, de representações gerais espontâneas (*selbsterfundene* ou *selbstthätig ersonnene allgemeine Vorstellungen*) (1775, pp. 65-68).

Para Tetens, o não reconhecimento dessa diversidade de representações e conceitos ocasionava na filosofia erros de transposição de conceitos gerais de um gênero a outro, produzindo construções teóricas ilusórias e entrelaçamento de elementos da imaginação e da reflexão às sensações.[27] Assim, como primeiro passo para a realização dos conceitos metafísicos, ele destaca a necessidade de distinguir os conceitos necessariamente gerais ou transcendentes da ontologia – como, por exemplo, causalidade, unidade, substância, etc. – e os conceitos meramente gerais referentes ao mundo intelectual ou corpóreo. Nos primeiros, tem-se uma generalidade completamente diferente, na medida em que se referem a todos os gêneros de ser – as coisas em geral – e representam o que há de comum neles, sendo formados pela faculdade de reflexão independentemente das particularidades das sensações, que lhe servem inicialmente de matéria.[28] Em suas palavras:

> No que diz respeito a essa exigência relativa aos conceitos gerais do entendimento, se os filósofos tivessem feito ao menos o que é exigido pelo propósito e pela natureza da coisa, um passo grande e essencial para a realização teria sido dado. Se o transcendente fosse precisamente separado daquilo que é meramente geral a partir de sensações externas, e daquilo que é imaterial, então saberíamos o que temos e não temos em nossos princípios gerais. Saber-se-ia quando se devem aplicar somente à extensão dos objetos corpóreos, ao externamente sensível, quando se limitam apenas a objetos não materiais e quando se estendem ainda mais e tornam-se conceitos gerais fundamentais para todas as coisas em geral. Justamente esse recurso anularia a confusão em muitos conceitos transcendentes, a qual resulta da mistura com o particular, que é apenas um veículo do transcendente. (Tetens, 1775, pp. 60-61)[29]

---

[27] Aqui, segundo Tetens, ele aproxima-se do propósito ao de Leibniz, Wolff e Kant, que às vezes tinham em mente a separação do conteúdo sensitivo e imaginativo do intelectivo.

[28] De acordo com Krouglov (2005), Tetens adota a tradução do termo latino 'transcendentalis' por 'transcendent', já presente em Lambert. Por conta disso, equipara os termos 'transcendente' e 'transcendental', que são usados sempre para se referir ao caráter necessariamente geral dos conceitos e princípios ontológicos.

[29] Hätten die Philosophen nur in Hinsicht dieses Erfordnisses bey den allgemeinen Verstandesbegriffen das gethan, was die Natur der Sache und ihre Absicht erfordert; so würde schon ein groβes, und etwas wesentliches von dem, was die Realisation erfordert, geschehen seyn. Wäre das transcedente genau

A nosso ver, nesse momento em que Tetens expande sua proposta de investigação dos conceitos metafísicos para além da determinação de sua relação com as sensações, introduzindo uma indagação complementar a respeito do tratamento que as faculdades cognoscitivas oferecem ao material sensível, torna-se enfim evidente que seu programa de reforma da metafísica está fortemente articulado a um projeto de psicologia empírica, o que passamos agora a analisar.

2.2 O SIGNIFICADO DA PSICOLOGIA EMPÍRICA

Para esclarecermos nossa afirmação anterior, segundo a qual a investigação psicológica torna-se o cerne da reforma da metafísica em Tetens, é preciso entender como ele vinha desenvolvendo seu projeto de psicologia empírica. Aqui, algumas questões impõem-se naturalmente. A primeira é: o que Tetens entende por psicologia empírica nos seus escritos iniciais e que tipo de relação ela mantém com a metafísica? Além disso, como suas investigações psicológicas foram concebidas?

2.2.1 A relação entre psicologia empírica e metafísica

Inicialmente, é importante relembrarmos a estruturação da metafísica em Tetens. De acordo com sua divisão, é possível definir a psicologia como uma das partes especiais da metafísica que se ocupa com o estudo da alma e que depende da ontologia como disciplina geral. Sendo assim, a psicologia, em seu sentido mais amplo, não designa um campo autônomo de conhecimento, pois não é uma disciplina epistemologicamente separada da atividade filosófica. Mesmo quando considera que a psicologia deva ampliar sua base empírica, Tetens não vê a necessidade de separar essa parte mais amplamente empírica da metafísica. Assim, em acordo com Wolff, ele afirma:

> Ela [a metafísica – acréscimo nosso] foi assim organizada pelo Barão Wolff, o qual, segundo a profecia de um grande homem, ainda será mencionado com grande estima, quando a maioria de seus detratores já há muito

---

abgesondert von demjenigen, was blos etwas allgemeines aus äußerlichen Empfindungen, und von dem, was etwas immaterielles ist; so würden wir wissen, was wir an unsern allgemeinen Grundsätzen haben, und nicht haben. Man würde wissen, wo sie nur allein auf den Umfang der körperlichen Gegenstände, auf das äußerlich empfindbare anzuwenden sind, wo sie allein auf unmaterielle Objecte sich einschränken, und wo sie sich weiter ausdehnen, und leitende Gemeinbegriffe für alle Dinge überhaupt sind. Eben dieses Mittel würde die Verwirrung in so manchen transcendenten Begriffen aufheben, die aus der Beymischung des Besonderartigen, was doch nur das Vehiculum des Transcendenten ist, entstehet. (Tetens, 1775, pp. 60-61)

> estiverem esquecidos; e eu não vejo nenhuma razão suficiente para separá-la da doutrina experimental da alma e transformá-la em uma ciência que contivesse em si apenas os princípios gerais necessários de cada coisa possível e seus modos principais, princípios esses derivados de conceitos produzidos por ela própria. (Tetens, 1760, pp. 4-5)[30]

Ao caracterizar a psicologia como uma ciência filosófica, Tetens está claramente indicando que ela não é um conhecimento meramente factual – o que ele chama de conhecimento histórico, à semelhança de Wolff[31] –, restrito à enumeração e descrição de eventos particulares, pois há o uso de raciocínios e conteúdos ontológicos na integração dos eventos empiricamente observados e na construção de teorias gerais sobre a essência da alma, a natureza de sua força fundamental, a relação alma-corpo, etc. No entanto, para atingir seu objetivo de fornecer explicações seguras sobre a alma, a psicologia deve sempre partir da experiência:

> Ora, é impossível que pudéssemos conhecer a natureza das causas atuantes sem um conhecimento histórico completo dos efeitos: por isso, enquanto ignoramos as experiências relativas aos efeitos de nossa alma, não é de surpreender que seremos incapazes de descobrir se a mesma seria uma coisa simples ou composta, desde que não quisermos chegar ao nosso conhecimento com a ajuda de hipóteses. Daí, pode-se ver a importância da psicologia empírica e julgar os procedimentos de alguns filósofos, que a suprimem totalmente da metafísica ou tomam dela emprestado apenas algumas proposições empíricas, mas ainda assim querem demonstrar as verdades mais importantes na psicologia. Descartando a sorte incomum na descoberta de hipóteses ou propriamente na divinação, não vejo como alguém possa proferir algo desse modo. (Tetens, 1760, p. 62)[32]

---

[30] So ist sie von dem Freiherrn von Wolf eingerichtet, den man nach der Prophezeiung eines grossen Mannes alsdenn noch mit Hochachtung nennen wird, wenn die mehresten seiner Verächter schon längstens werden vergessen sein; und ich sehe keinen hinreichenden Grund hievon abzugeben, die Experimental-Seelenlehre von ihr zu trennen, und sie in eine Wissenschaft zu verändern, die nur die nothwendigen aus selbstgemachten Begriffen hergeleiteten algemeinen Lehrsäze von jedem möglichen Dinge, und dessen Hauptarten, in sich enthielte. (Tetens, 1760, pp. 4-5)

[31] Segundo Sellhoff (2015), Tetens parece aceitar aqui as três formas de conhecimento estabelecidas por Wolff: conhecimento histórico, filosófico e matemático. No entanto, pensa sua distinção apenas em termos de aquisição. Assim, para Tetens, a principal diferença entre o conhecimento histórico e as demais formas de conhecimento está no fato de ele ser obtido pela experiência; sem o acréscimo do raciocínio.

[32] Nun ist es unmöglich, daβ wir die Natur der wirkenden Ursachen ohne eine volständige historische Erkentniβ der Wirkungen, solten erkennen können: so lange uns daher die gehörige Erfahrungen von den Wirkungen unserer Seele fehlen, ist es nicht zu verwundern, daβ wir nicht ausmachen können ob selbige ein einfaches oder zusammengeseztes Ding sei, wenn wir unserer Erkenntniβ nicht durch Hypothesen zu Hülfe kommen wollen. Man kan indessen die Wichtigkeit der Erfahrungs-Seelenlehre hieraus ersehen, und von dem Verfahren einiger Philosophen urtheilen, welche entweder dieselbe aus der Metaphysik ganz weglassen, oder nur einige wenige Erfahrungs-Säze daraus entlehnen, und doch in der schliessenden Seelenlehre die wichtigsten Wahrheiten Demonstriren wollen. Ist jemand nicht ungemein glücklich im Erfindung der Hypothesen, oder eigentlich im Errathen; so sehe ich nicht, wie er auf diese Art etwas heraus bringen könne. (Tetens, 1760, p. 62)

Além disso, Tetens indica claramente, nessa mesma passagem, que a psicologia racional deve estar intimamente ligada à psicologia empírica. No entanto, sua preocupação inicial em assegurar que a psicologia empírica preceda e sirva de base para as reflexões e especulações sobre a alma não é acompanhada de maiores esclarecimentos sobre o sentido exato de sua relação com a psicologia racional. Dada essa falta de esclarecimentos, mesmo que tenhamos evidências textuais de que Tetens pretendia manter a estruturação da metafísica de Wolff, não podemos determinar satisfatoriamente sua concepção sobre a divisão estabelecida por ele entre a psicologia empírica e a psicologia racional. De fato, em relação à psicologia racional, não é possível indicar aqui com precisão como Tetens entende conceitualmente seu domínio e procedimento, pois não há sequer uma referência a isso nos seus primeiros escritos.[33]

Em que pesem essas dificuldades, acreditamos ser possível sustentar que a psicologia empírica já ocupa um lugar significativo nas discussões metafísicas iniciais de Tetens, principalmente em relação à ontologia. Sem abandonar a ideia de que a psicologia, em seu sentido geral, é uma disciplina filosófica, mais especificamente uma disciplina metafísica, no texto de 1775, Tetens concebe a investigação empírica das faculdades cognoscitivas como ponto de partida para a própria ontologia:

> Aos princípios fundamentais da *segunda classe* pertence a maior parte daqueles que constituem a *filosofia transcendente*. Neles, a forma ou modo de ligação é sempre uma dentre as que aparecem nos princípios mais gerais da primeira ordem ou, pelo menos, que encontram nesses seu fundamento. O restante, que lhes é específico, assim como sua generalidade, depende dos próprios conceitos. Realizar esses princípios é a mesma coisa que realizar as *ideias* gerais que são os sujeitos e predicados. A obscuridade e a confusão que são encontradas em tantas noções, incluindo as mais férteis, tornam novamente necessárias as investigações psicológicas, das quais não se deve afastar, portanto, enquanto não for concluída a prova em relação aos princípios fundamentais anteriores. (Tetens, 1775, pp. 44-45 – itálicos no original)[34]

---

[33] O domínio da psicologia racional, bem como sua relação com a psicologia empírica, só ganhou contornos mais definitivos em seu curso de Metafísica (*Metaphysik*), em 1789, como veremos adiante no capítulo 3, especialmente nas seções 3.2 e 3.3.

[34] Zu den Grundsätzen der *zwoten Classe* gehöret bey weitem der gröβte Theil derer, welche die *transcendente Philosophie* ausmachen. In diesen ist die Form oder die Verbindungsart immer eine von denen, welche in jenen allgemeinsten Sätzen der ersten Ordnung ausgedruckt sind, oder wenigstens darin zum Grunde lieget. Das übrige, was ihnen eigen ist, wie auch ihre Allgemeinheit, hänget von den Begriffen selbst ab. Sie *realisiren* heiβet so viel, als die allgemeinen *Ideen realisiren*, die in ihnen die Subjecte und Prädicate sind. Die Dunkelheit und Verwirrung, welche in so vielen und in den fruchtbarsten Notionen gefunden wird, machet hier wieder psychologische Untersuchungen nothwendig, denen alsdenn noch nicht auszuweichen ist, wenn gleich in Hinsicht der voringen Grundsätze die Prüfung vollendet worden. (Tetens, 1775, pp. 44-45 – itálicos no original)

Mais adiante, ele sintetiza sua proposta de reforma da ontologia da seguinte maneira:

> Sem entrar aqui nas prescrições detalhadas, que se podem encontrar por meio de uma reflexão adequada, eu acrescento apenas o resultado geral do que foi dito, a saber: *A filosofia transcendente ou ciência fundamental precisa ser tratada, acima de tudo, como uma parte da filosofia da observação do entendimento humano e suas formas de pensar, dos seus conceitos e seu surgimento, antes de poder tornar-se uma ciência racional geral dos objetos externos ao entendimento.* (Tetens, 1775, p. 72 – itálicos no original)[35]

Aqui, torna-se claro que sua intenção de seguir o método de observação de Locke é acompanhada da interpretação de seu *Ensaio Sobre o Entendimento Humano* como uma obra exemplar para a investigação empírica dos fenômenos anímicos (Tetens, 1775, pp. 88-89). Essa apropriação da obra de Locke de forma alguma é exclusiva de Tetens. Conforme indica Sturm (2009), no século XVIII, o *Ensaio* lockeano foi interpretado como um texto psicológico, negligenciando-se sua intenção originalmente epistemológica: "investigar qual é a origem, a veracidade e a extensão do *conhecimento humano*, e quais são os fundamentos e graus da *crença*, da *opinião* e do *assentimento"* (Locke, 1700/2010, pp. 21-22 – itálicos no original).

De acordo com nossa interpretação, o contexto dentro do qual a psicologia empírica aparece aqui se aproxima daquele apresentado nos *Ensaios Filosóficos* e no seu curso de *Metafísica*, na medida em que Tetens acredita firmemente que as investigações psicológicas desempenham um papel vital na solução dos problemas metafísicos. No entanto, os textos iniciais não nos permitem esclarecer algumas questões. Por exemplo, se a investigação psicológica deve preceder e ser o modo inicial de se proceder na filosofia transcendente, então poderíamos falar aqui em uma mudança estrutural da metafísica, notadamente no que diz respeito ao lugar da psicologia empírica? Se for assim, como devemos entender a afirmação anterior de que a investigação psicológica depende de conceitos e princípios ontológicos? Retomaremos essas questões no capítulo 3 (seção 3.3), na qual discutiremos o estatuto da psicologia empírica a partir da análise dos *Ensaios Filosóficos* e da *Metafísica*.

2.2.2 Considerações iniciais sobre o método de investigação psicológica

[35] Ohne mich weiter auf die nähere Vorschriften, einzulassen, die man mit einen mäβigen Nachdenken selbst findet, setze ich nur das allgemeine Resultat von dem gesagten hinzu, nämlich: *Die transcendente Philosophie, oder die Grundwisenschaft, muβ zuvördest als ein Theil der beobachtenden Philosophie von dem menschlichen Verstande und seinen Denkarten, seinen Begriffen und deren Entstehungsarten, behandelt werden, ehe sie zu einer allgemeinen Vernunftwissenschaft von den Gegenständen ausser dem Verstande gemacht werden kann.* (Tetens, 1775, p. 72 – itálicos no original)

Tendo discutido a significativa afirmação de que a investigação psicológica deve ser um empreendimento inicial na consolidação de um sistema filosófico racional, resta-nos, enfim, considerar os ensaios iniciais mais estritamente psicológicos, a fim de mostramos como suas primeiras observações psicológicas sobre a natureza humana foram concebidas.

Embora os textos iniciais não apresentem uma formulação explícita de um programa de investigação psicológica, é possível encontrar algumas indicações precisas, ainda que breves, sobre como Tetens entende o modo de proceder da psicologia empírica.

O primeiro aspecto que merece ser ressaltado aqui é seu apreço pelo método de investigação de Locke. Como ele próprio afirma:

> Enquanto manual de como observar e ampliar o conhecimento empírico, o *Organum* de *Bacon* é uma obra-prima tão completa que nada de importante lhe pôde ser acrescentado nesse aspecto pelas doutrinas racionais subsequentes. Os *livros de Locke sobre o entendimento humano* representam um modelo excelente de como utilizar o mesmo método no conhecimento de nossa alma e seus efeitos. (Tetens, 1775, pp. 88-89 – itálicos no original)[36]

De acordo com nossa interpretação, quando Tetens afirma que as obras de Locke são exemplares para a observação da alma, estão implícitas nessa referência algumas indicações sobre como ele concebe sua própria investigação psicológica. Trata-se aqui do uso da auto-observação ou introspecção dos fenômenos psíquicos por meio do auto-sentimento (*Selbstgefühl*). Conforme nos revelam as análises de Frank (2002) e Thiel (1997, 2014), o termo '*Selbstgefühl*', em seu sentido epistêmico, foi introduzido e difundido na Alemanha durante o século XVIII como uma tradução do termo lockeano 'sentido interno' (*inner sense*) através dos trabalhos de J. B. Basedow (1724-1790) e J. G. H. Feder (1740-1821). Isso não significa, contudo, que a tradição filosófica alemã tenha conservado o sentido original lockeano em suas obras, como bem notou Thiel (1997, 2014).

O próprio Tetens nos fornece um bom exemplo disso nos *Ensaios Filosóficos*, onde esclarece o caráter imediato do auto-sentimento, distinguindo-o do ato de reflexão (*Nachdenkung, Überdenkung*), que designa uma capacidade intelectual da alma.[37] Nos textos

---

[36] Das *Organon* des *Bacon* ist, als eine Anweisung zum Beobachten, und zur Vermehrung der Erfahrungskenntnisse betrachtet, ein Meisterstück, und so vollständig, daβ ihm an dieser Seite nichts beträchtliches von den nachfolgenden Vernunftlehrern hat hinzugesetzet werden können. *Lockes Bücher über den menschlichen Verstand* enthalten ein vortrefliches Muster, die nämliche Methode bey der Erkenntniβ unsrer Seele und ihren Wirkungen zu gebrauchen. (Tetens, 1775, pp. 88-89 – itálicos no original)

[37] Em Locke, o conhecimento das atividades anímicas por meio do sentido interno é denominado também de reflexão (*reflection*) e não se refere a uma auto-relação imediata, mas, ao contrário, a uma auto-observação que requer atenção e esforço em sua realização. Apenas a consciência é parte integrante de todas as

iniciais, porém, apenas fica claro o caráter sensitivo do '*Selbstgefühl'*. Em *Sobre a Filosofia Especulativa*, Tetens esclarece que há dois gêneros de sensações: as que provêm das impressões de objetos corpóreos – sensações externas –, e aquelas que são causadas por processos internos e se referem ao próprio ser que sente – sensações internas. A estas últimas pertencem os sentimentos (*Gefühle*) que nos permitem conhecer os efeitos das atividades anímicas do entendimento, da vontade etc., na medida em que essas capacidades anímicas tornam-se o próprio objeto da representação (1775, pp. 6, 53, 54, 92).[38]

Outro aspecto que consideramos fundamental nessa discussão sobre a investigação psicológica, e que parece ter escapado à literatura secundária, diz respeito à intenção de Tetens de seguir o método físico-matemático no estudo da natureza humana. Com base no que foi apresentado até aqui, não restam dúvidas de que as ciências da natureza, mais especificamente a física, sempre foram tomadas por Tetens como uma referência para as disciplinas metafísicas especiais, especialmente quando ele discute a necessidade de ampliar o domínio empírico dessas disciplinas. Nas palavras do próprio Tetens: "nas grandes descobertas de Newton na doutrina da natureza vê-se o que uma teoria completa pode conseguir quando se associa com as experiências" (1760, p. 59).[39]

De acordo com nossa interpretação, na ampliação da experiência prescrita para a psicologia, Tetens não só tem em mente o conhecimento obtido pela observação dos fenômenos, mas também pela experimentação, tal como era empregada nas ciências naturais. De fato, desde seu primeiro ensaio, ele postula a aplicabilidade do método experimental no estudo da alma:

> Eu ainda quero indicar um caminho que nos revelaria os efeitos do clima sobre o ânimo (...). Procedamos na solução dessa tarefa como os matemáticos, que, quando querem encontrar os efeitos particulares de certa causa, isolam todas as outras causas cooperantes e colocam a coisa em circunstâncias tais que nenhuma outra causa, além da causa dada, poderia influir sobre ela. (Tetens, 1759, pp. 472-473)[40]

---

representações, devendo acompanhá-las imediatamente (Locke, 1700/2010). No próximo capítulo (seção 2.1.2), essa distinção ficará clara.

[38] Aqui, convém esclarecer que o termo 'sentimento' (*Gefühl*) tem um caráter sensitivo e uma função epistêmica. Portanto, ele não corresponde à dimensão afetiva e emocional comum na literatura contemporânea. Ao longo de sua obra, Tetens utiliza os termos sentimento e sensação (*Gefühl, Empfindung*) para designar a faculdade sensitiva, uma das faculdades do conhecimento. Contudo, no nono ensaio de sua obra principal, ele prioriza o termo *Gefühl*, quando se dedica à comparação das três faculdades anímicas – sentimento, entendimento e vontade. Em nosso trabalho, optamos por nomear a faculdade sensitiva de 'sentimento', seguindo essa classificação final.

[39] Was eine volständige Theorie ausrichten kan, wenn man Erfahrungen damit verknüpft, siehet man an den grossen Erfindungen des Newtons in der Naturlehre; (Tetens, 1760, p. 59).

[40] Ich will noch einen Weg angeben, welcher uns die Würkungen des Climatis auf das Gemüth des Menschen entdecken würde; (...) Lasset uns in Auflösung dieser Aufgabe wie die Mathematiker verfahren, welche,

Insatisfeito tanto com as afirmações ousadas dos antigos quanto com as declarações espirituosas dos mais novos, sobretudo dos franceses, que, segundo ele, apoiavam-se mais na capacidade imaginativa que em observações consistentes, Tetens apresenta o método físico-matemático como único caminho possível na determinação da influência do clima sobre o modo de pensar dos homens. Para ele, esse método implicava, por um lado, coletar observações amplas das regiões pesquisadas, tendo o cuidado de observar uma nação inteira, seja ela civilizada ou silvícola. Por outro lado, ele requer um procedimento de análise, separando as ações do clima dos demais fatores externos, a fim de determinar as mudanças na constituição nervosa ocasionadas pela qualidade do clima, sem lhe imputar nada além do que a observação permite. Por fim, implicava ainda conhecer as forças anímicas que se manifestam junto da constituição nervosa investigada (1759, pp. 474-475).[41]

Mas se Tetens explicitou, desde o primeiro ensaio, o seu intuito de seguir o método experimental na investigação dos fenômenos mentais, só mais tarde, nos *Ensaios Filosóficos* (1777), é que apresentou um programa mais sistemático para a investigação psicológica, onde há indicações mais precisas sobre como esse empreendimento foi realizado, como mostraremos adiante (capítulo 2, seção 2.1.2).

2.2.3 As questões fundamentais sobre a natureza humana

Vimos até aqui que os textos iniciais de Tetens apresentam uma breve formulação do que mais tarde constituirá sua concepção sobre o método de investigação da psicologia empírica e sua relação com o conhecimento filosófico. Agora, veremos que também há certa continuidade em relação aos propósitos de sua investigação psicológica. Assim, devemos nos atentar para o fato de que, além de servir de base para a reforma da metafísica, as investigações psicológicas iniciais de Tetens abordam algumas questões centrais à compreensão da natureza humana. Uma dessas questões é referida, nos *Ensaios Filosóficos*, como "a maior questão da psicologia": trata-se da determinação da força fundamental da alma

---

wenn sie die besonderen Würkungen einer gewissen Ursache finden wollen, alle andere mitwürckende absondern, und die Sache unter solchen Umständen setzen, daβ keine als die gegebene Ursache in dieselbe einfliessen könne. (Tetens, 1759, pp. 472-473)

[41] Nesse terceiro passo, Tetens admite um princípio compartilhado por psicólogos e fisiologistas de sua época, segundo o qual as capacidades cognoscitivas dependem da estrutura cerebral e da constituição nervosa, sem determinar precisamente a extensão dessa relação. Disso, segue-se que as observações empíricas que fundamentam a influência do clima sobre a diversidade do corpo humano são simultaneamente provas de seus efeitos sobre a alma (1759, pp. 456, 458). Na seção 3.2, isso ficará mais claro, quando discutirmos a relação corpo-alma.

e suas faculdades (1777/1913, p. 733). Outra questão – igualmente importante – diz respeito ao caráter espontâneo e perfectível da alma.

Nos cinco textos aqui analisados, a primeira questão aparece em suas considerações sobre a determinação inata ou adquirida das capacidades cognoscitivas e a classificação das capacidades anímicas. No ensaio, *Gedanken von dem Einfluß des Climatis in die Denkungsart des Menschen* (*Pensamentos Sobre a Influência do Clima na Maneira de Pensar do Homem*), como o próprio título indica, a análise dos fatores externos, mais particularmente do clima – qualidade frequente e constante do ar em uma determinada região –, ocupa um lugar central na discussão sobre a diversidade das capacidades cognoscitivas dos homens. Aqui, ainda que a conclusão de Tetens seja afirmativa, ela não deve ser exagerada, pois o clima não é admitido por ele como causa suficiente dessa diversidade:

> Só a diversidade do clima não contém nem sequer o fundamento da diferença que se observa no corpo humano e, portanto, muito menos daquela que se encontra nos efeitos da alma. A educação, o conhecimento, o estilo de vida, a alimentação e muitas outras coisas já referidas acima atuam em conjunto com o clima, de modo que a influência do último pode ocultar-se completamente sob as demais e fazer-se imperceptível. (Tetens, 1759, p. 472)[42]

Dois anos mais tarde (1761), Tetens reafirma que o conhecimento sobre a diversidade cognoscitiva dos homens é limitado, pois, mesmo sendo possível identificar a influência de um determinado fator interno – e.g., diferenças na organização cerebral, na qualidade dos órgãos sensoriais, na força anímica, etc.– ou externo – e.g., estilo de vida, educação, ocupações, doenças, etc. –, não se pode provar que não existam outros fatores atuantes.

Assim, mesmo reconhecendo que é fácil deduzir de estudos psicológicos uma situação em que duas crianças com capacidades cognoscitivas iguais seriam colocadas em circunstâncias externas distintas, e concluir a partir disso que elas representariam diferentemente os objetos – por associá-los a sensações agradáveis ou desagradáveis –, apresentando, por conseguinte, diferentes inclinações e empregos distintos de suas capacidades, Tetens não deixa de destacar a limitação dessa observação. Segundo ele, ainda que essa situação possa revelar a influência de fatores externos sobre a capacidade cognoscitiva dessas crianças, ela não permite excluir a existência de outras causas, como, por

---

[42] Die Verschiedenheit des Climatis enthält nicht einmal allein den Grund zu dem Unterscheid, welche man an den menschlichen Cörper bemerket, und also noch viel weniger von dem, der sich in den Wirkungen der Seele findet. Die Erziehung, die Erkänntniβ, die Lebensart, Nahrung und viele andere oben schon berührte Dinge würken mit dem Climate gemeinschaftlich, so, daβ der Einfluβ des letzten unter den Wirkungen der übrigen sich ganz verstecken und unmerkbar machen kan. (Tetens, 1759, p. 472)

exemplo, uma diferença na vivacidade de suas forças representativas. Além disso, Tetens lembra que também há observações favoráveis aos determinantes inatos das capacidades cognoscitivas, como mostram a frequente e grande semelhança entre pais e filhos, e o diferente progresso intelectual alcançado por duas pessoas instruídas simultaneamente na mesma ciência pelo mesmo mestre (1761, pp. 286, 293-294).

Nesse ponto, fica evidente mais uma vez seu propósito de seguir o método experimental, tomado de empréstimo da ciência da natureza. Ou seja, para que um fator – inato ou adquirido – possa ser responsabilizado pela diversidade corpórea e anímica entre os homens, seria preciso controlar os eventos cooperantes, de modo que nenhuma causa, além da investigada, pudesse exercer sua influência.[43] Como nesse caso há a constatação de que várias causas internas e externas são atuantes na diversidade cognoscitiva entre os homens, e como as investigações não permitem estabelecer uma causa como suficientemente responsável por essa diversidade, Tetens encerra sua discussão atendo-se apenas ao que pode ser empiricamente demonstrado:

> A causa da diferença nas capacidades cognoscitivas dos homens e, por conseguinte, no seu modo de pensar e nas suas inclinações não está nem na diversidade das circunstâncias externas nem na organização distinta do cérebro, como se costuma aceitar recentemente, nem na distinção das almas. Na verdade, todas as três causas atuam conjuntamente ou, quando as duas últimas são reduzidas a uma, a saber, a diversidade inata, as duas causas em conjunto fazem os homens tão diferentes quanto realmente são. (Tetens, 1761, p. 296)[44]

Ainda em relação à caracterização da força anímica e suas faculdades, no ensaio de 1762, *Vor der Verschiedenheit der Menschen nach ihren Haupt-Neigungen* (*Da Diversidade dos Homens Segundo Suas Inclinações Principais*), Tetens identifica a alma humana com "uma *força pensante*, que pode ora direcionar sua força a um objeto, ora retirá-la novamente e conduzi-la a outro lugar" (Tetens, 1762, p. 306 – itálicos no original).[45] Nesse contexto, o

---

[43] Mais especificamente, Tetens parece seguir aqui duas regras de causalidade estabelecidas por Newton. Trata-se 1) da cautela em admitir apenas "*causas verdadeiras e suficientes*" na explicação dos fenômenos; e 2) do cuidado de "*aos mesmos efeitos naturais atribuir as mesmas causas, tanto quanto for possível*", eliminando as hipóteses alternativas (Newton, 1713/2017, pp. 185-186 – itálicos no original).

[44] Es ist also an der Verschiedenheit der Erkentniβ-Fähigkeiten der Menschen, folglich an ihrer Art zu Denken; folglich an ihren Neigungen, weder die Verschiedenheit der äusserlichen Umstände allein; noch allein die verschiedene Einrichtung des Gehirns, wie sich einige neuere überredet; noch der Unterscheid der Seelen allein die Ursache; sondern in der That kommen alle drey Ursachen, oder wenn die beyde letzten auf eine, nemlich die angebohrne Verschiedenheit, gebracht werden, beide Ursachen zusammen, um die Menschen so verschieden zu machen, als sie wirklich sind. (Tetens, 1761, p. 296)

[45] Die Seele des Menschen ist eine *denkende Kraft*, die ihre Force bald auf einen Gegenstand richten, bald wieder abziehen und anderswohin lenken kan. (Tetens, 1762, p. 306 – itálicos no original)

termo ‘força pensante’ designa um princípio interno ativo, pois, como o próprio Tetens explicita, a alma é um ser que tem um impulso (*Trieb*) constante para atuar de diferentes modos – conforme suas capacidades de sentir, imaginar, pensar, etc. – e ter modificações – sensações, representações, pensamentos, etc. Posteriormente, ele acrescenta que, na alma, não há apenas um impulso naturalmente operante, mas também uma inclinação livre (*freye Neigung*) para ser consciente e sentir suas mudanças internas (Tetens, 1762, pp. 318, 325-326).[46]

Junto dessa última afirmação, Tetens aponta uma distinção da força anímica em relação à força dos seres corpóreos. Enquanto o impulso (*Trieb*) para mudar é uma qualidade compartilhada com as coisas corpóreas – especialmente com os corpos elásticos –, a inclinação (*Neigung*) de querer sentir e ser consciente das mudanças é um direcionamento característico e diretamente relacionado à faculdade volitiva da alma (*wollende Vermögen*) – referida também como faculdade de apetição (*Begehrungs Vermögen*) ou vontade (*Willen*) –, junto do qual se encontra a liberdade de determinar-se.[47] Em suas próprias palavras:

> Uma corda elástica retorcida tem um esforço de estender-se e repelir o corpo que ela quer reprimir, mas falta a ela isso: ela não pode dirigir-se e aplicar-se sobre outros corpos em outras circunstâncias, não pode diminuir nem fortalecer seu empurrão; ela não tem, portanto, nenhuma *liberdade*. (...) A alma pode não apenas conduzir o impulso de uma coisa a outra, mas também impedir um determinado impulso de atuar e empregar outro. Ela pode dedicar-se a trivialidades ou a verdades importantes; deixar sua imaginação repousar e empregar o entendimento (Tetens, 1762, p. 319 – itálico no original)[48]

Além de definir a força da alma como um princípio espontâneo e livre, capaz de mobilizar o emprego das faculdades cognoscitivas e de determinar-se a agir de um modo ou de outro, Tetens estabelece que “a inclinação principal, ou determinação dominante de sua

---

[46] Nesse texto, Tetens não explica como a alma torna-se consciente de suas mudanças, e usa indistintamente os termos ‘consciência’ (*Bewußtseyn*) e ‘sentimento de si mesmo’ (*Gefühl seiner selbst*). É somente nos *Ensaios Filosóficos* que vamos encontrar um uso mais preciso desses termos, juntamente com uma explicação acerca de sua relação. No capítulo 2, essa questão será tratada mais detalhadamente.

[47] A afirmação de que a alma determina-se livremente, conforme seu agrado – podendo escolher fazer algo novamente, fazer diferentemente do que já fez, ou, até mesmo, deixar de fazer determinada coisa –, não significa, porém, que ela seja absolutamente livre, pois o próprio Tetens reconhece que tanto circunstâncias internas quanto externas podem interferir em sua expressão. Essa questão é um dos temas centrais do segundo volume dos *Ensaios Filosóficos*.

[48] Eine zusammen gebogene elastische Feder hat ein Verstreben sich auszudehnen, und den Körper, der sie zusammen drücken will, wegzustessen; aber es fehlet ihr, daβ sie sich nicht unter diesen Umständen auf einen andern Körper anwenden und lenken, ihren Stoβ mindern und verstärken kan; sie hat also keine *Freyheit*. (...) Es kan die Seele nicht nur den Trieb von einer Sache auf die andere lenken; sondern auch einen bestimten Trieb vermehren zu wirken, und einen andern gebrauchen. Sie kan von Kleinigkeiten auf wichtige Wahrheiten sich anwenden; sie kan ihre Phantasie ruhen lassen und den Verstand anstrengen; (Tetens, 1762, p. 319 – itálico no original)

força, é agir com a capacidade principal" (Tetens, 1762, p. 338).[49] Trata-se de trabalhar com aquela capacidade que lhe permite obter mais fácil e rapidamente mudanças internas e maior consciência de sua perfeição, que é entendida aqui como um estado em que a alma é capaz de rapidamente formar muitas idéias e apreendê-las por mais tempo.

Com base nesse pressuposto, Tetens propõe uma classificação da diversidade cognoscitiva e do ânimo (*Gemüth*) – isto é, da capacidade de se deixar afetar por objetos externos, mas também por impulsos e inclinações. Segundo ele, em alguns homens, a força da alma é visivelmente mais veemente e determinada a aplicar-se sobre um único ou poucos objetos; em outras, é caracterizada pela propagação sobre muitos objetos ao mesmo tempo. Na primeira classe, encontram-se os homens que fixam as idéias profundamente na imaginação, tem um modo de pensar intenso e apresentam de modo obstinado suas opiniões e decisões. Comparados com a classificação antiga,[50] seu temperamento corresponde ao colérico, quando predominam idéias grandiosas e inquietantes; e ao melancólico, se as idéias tristes e terríveis são predominantes. À segunda classe pertencem os homens com decisões e opiniões inconstantes, hábeis em realizar mais de uma tarefa simultaneamente, pois são capazes de ter rapidamente grande quantidade de idéias, embora sejam facilmente suplantadas por outras. No que se refere ao seu temperamento, encontra-se aqui, conforme a classificação antiga, os sanguíneos, mas, quando a força de representar é fraca e necessita de uma estimulação intensa, têm-se os fleumáticos.

Nos outros dois ensaios aqui analisados, Tetens dedica-se aos temas da bem-aventurança e da perfectibilidade do homem. Em *Ueber den verschiedenen Nuzen der menschlichen Erkentnissen* (*Sobre os Diferentes Benefícios dos Conhecimentos Humanos*) de 1765, o elemento mais característico de seu discurso inicial acerca da bem-aventurança é seu caráter psicológico-antropológico, antes que puramente filosófico-racional, como igualmente notou Grunert (2014). Não obstante reconheça que os mais elevados e importantes conhecimentos para o cultivo da bem-aventurança sejam os que diretamente demonstram o que é virtude, sabedoria, bem, mal etc., Tetens entende que, em um sistema moral completo – quer dizer, um sistema que considera o homem como ser espiritual, animal e político, reconhecendo as diferentes necessidades de suas capacidades anímicas e do seu próprio corpo –, a bem-aventurança precisa ser pensada em todas as suas dimensões. Dito em outras

[49] Die Hauptneigung, oder die herrschende Bestimmung ihrer Kraft, ist diese mit der Haup-Fähigkeit zu wirken. (Tetens, 1762, p. 338)

[50] Tetens refere-se aqui a teoria dos humores básicos – sanguíneo, fleumático, colérico, melancólico – de Hipócrates (460-377 a. C.), segundo a qual o desequilíbrio ou excesso em qualquer um desses humores produz doenças e afetava o temperamento e a personalidade dos homens. Essa teoria foi revigorada por C. Galeno (129-199) no século II, e manteve-se influente nos séculos posteriores (Robinson, 1976).

palavras, isso significa que a virtude não é o único caminho que pode conduzir o homem à bem-aventurança, pois o emprego e a consciência da posse de diferentes capacidades cognoscitivas e qualidades corpóreas – e.g., beleza, saúde, força física, etc. – também proporcionam sentimentos agradáveis diretamente associados à bem-aventurança (1765, pp. 607-609).

Nesse contexto, Tetens mostra-se bastante otimista em relação aos possíveis benefícios de todas as ciências e artes para o ensino da bem-aventurança. De acordo com ele, além dos conhecimentos racionais que diretamente demonstram o que é uma disposição moral virtuosa, todas as ciências da natureza humana – inclusive o conhecimento sobre o corpo e o mundo, a história e a economia – ensinam com clareza e exatidão verdades indispensáveis à formação moral do homem. Já as ciências do belo adentram aonde o discurso racional não chega, promovendo, de modo suave e ligeiro, uma comoção que abre caminho para a sabedoria (1765, pp. 625-626).

Um ano mais tarde, em *Ueber den Uhrsprung der Ehrbegierde* (*Sobre a Origem do Anseio de Honra*), Tetens acrescenta que a bem-aventurança depende também do impulso para o aperfeiçoamento interno, de onde surge a dignidade interna – ou seja, o deleite mediante a posse e a grandeza de determinadas capacidades –, mas também uma "semente" para o anseio de honra. Segundo ele, esse anseio exige a extensão e elevação das capacidades e domínios da alma, e requer que isso seja feito de forma veemente e persistente. E embora reconheça que o anseio de honra em si mesmo seja independente da aprovação alheia, observa que ele sempre se apresenta misturado à volúpia e à aprovação de outrem (1766, pp. 737-738).

Por fim, é importante destacar que a análise empreendida até aqui de forma alguma esgota a riqueza de temas e discussões presentes na obra inicial de Tetens. Nosso único objetivo foi mostrar que, muito antes da publicação dos *Ensaios Filosóficos*, Tetens já tinha um interesse eminentemente psicológico ao abordar as questões do conhecimento e da natureza humana, ainda que não possamos desvincular esse interesse de suas preocupações filosóficas. Caso nossa interpretação esteja correta, ela não implica uma preponderância da psicologia sobre a filosofia de Tetens, mas sim a clara presença de um projeto coerente e unificado de psicologia empírica ao longo de toda a sua obra.

Nesse sentido, podemos entender igualmente que, em sua obra principal, Tetens deu continuidade às suas investigações psicológicas iniciais e apresentou uma estruturação mais definitiva e sistemática de sua psicologia empírica. Ainda que ele tenha enunciado apenas o ensaio de 1775 como parte original de uma série de ensaios pertencentes à filosofia da

observação (*beobachtende Philosophie*), cujo propósito central é examinar as características mais notáveis da natureza humana, as faculdades anímicas fundamentais e seu princípio de atividade, o caráter espontâneo, livre e perfectível da alma (Tetens, 1775, p. 5) – um objetivo exatamente idêntico ao exposto nos *Ensaios Filosóficos* –, acreditamos que a unidade e a continuidade do seu pensamento psicológico se estendem para além dessas duas obras, como procuraremos mostrar a partir do próximo capítulo.

3 A PSICOLOGIA EMPÍRICA NOS *ENSAIOS FILOSÓFICOS*

Um ano após assumir a cátedra de filosofia na Universidade de Kiel, em 1777, Tetens publica os *Ensaios Filosóficos*, que podem ser interpretados como a realização plena de seus propósitos iniciais. Nessa obra, composta por 14 ensaios, divididos em dois volumes, ele retoma e introduz uma discussão mais pormenorizada de grande parte dos temas tratados anteriormente, como fica claro logo no primeiro parágrafo do prefácio:

> Os ensaios seguintes dizem respeito às ações do *entendimento* humano, suas leis do pensamento e faculdades fundamentais; além disso, *à força ativa da vontade*, ao *caráter fundamental da humanidade*, à *liberdade*, à *natureza da alma* e ao seu *desenvolvimento*. Esses são, sem dúvida, os pontos mais essenciais de nossa natureza. (Tetens, 1777, I, p. iii – itálicos no original)[51]

Que há aqui uma conformidade e um aprofundamento em relação aos escritos iniciais torna-se mais evidente um pouco mais adiante no prefácio, quando Tetens mostra-se convencido de que essa investigação pode esclarecer os princípios gerais da metafísica, cessando "os ataques à razão especulativa", ao elucidar a relação entre o conhecimento da razão raciocinante (*Kenntnisse der raisonnirenden Vernunft*)[52] e o conhecimento do entendimento humano comum (*Kenntnisse des gemeinen Menschenverstandes, sensus communis, commun sense*),[53] e mostrar a exatidão dos princípios da psicologia racional (*metaphysischen Psychologie*) (Tetens, 1777, I, pp. xiv, xvi).

No presente capítulo, interessa-nos mostrar a continuidade no desenvolvimento do seu projeto de psicologia empírica, especialmente em relação às especificidades do seu objeto e método de investigação. A partir daí, pretendemos considerar suas principais afirmações sobre a vida psíquica em seus aspectos descritivos e explicativos – sua teoria das faculdades da alma.

---

[51] Die nachstehenden Versuche betreffen die Wirkungen des menschlichen *Verstandes*, seine Denkgesetze und seine Grundvermögen; ferner die thätige *Willenskraft*, den *Grundcharackter der Menschheit*, die *Freyheit*, die *Natur der Seele*, und ihre *Entwickelung*. Dieβ sind ohne Zweifel die wesentlichsten Punkte in unserer Natur. (Tetens, 1777, I, p. iii – itálicos no original)

[52] Segundo Tetens, a razão raciocinante é a mais notável manifestação espontânea do ato de pensar, pois a alma atua com esforço para manter sua eficácia e com consciência de seus procedimentos e propósitos, produzindo o mais elevado conhecimento racional – juízos segundo conceitos gerais e princípios fundamentais.

[53] O conhecimento do entendimento humano comum resulta de ações instintivas do pensamento que produzem juízos sem o uso de raciocínios distintos e a determinação clara de conceitos. Para Tetens, grande parte desse conhecimento são opiniões, formadas junto às impressões sensíveis por meio do hábito. Graus mais elevados desse conhecimento – conhecimento cultivado e erudito – encontram-se nos povos civilizados e no conhecimento esclarecido pela instrução e reflexão.

Antes, porém, convém esclarecer o caminho que tomamos em nossa interpretação. Por se tratar de um ensaio, essa obra é eminentemente uma livre mediação entre exposições ou críticas às concepções vigentes e análises pessoais, sem que seja sempre possível encontrar uma orientação explícita por parte do autor quanto ao encadeamento de suas idéias e um posicionamento decisivo sobre os diversos temas abordados. Em que pesem, porém, essas dificuldades, acreditamos ser possível identificar um arranjo relativamente sistemático entre os seus 14 ensaios. Aqui, em concordância com Roth e Stiening (2014), sustentamos que os quatro ensaios iniciais – dos 11 ensaios que compõem o primeiro volume – constituem a primeira parte da investigação psicológica realizada por Tetens, cujo cerne é o exame das faculdades cognoscitivas – representação, sensação, consciência e pensamento, respectivamente. À análise desses ensaios iniciais se acrescenta os três ensaios finais desse mesmo volume, pois estes complementam e sintetizam as considerações sobre a vida psíquica apresentadas naqueles – mais particularmente, tratam da força fundamental da alma e suas três faculdades – sentimento, entendimento e vontade.[54]

3.1 O PROJETO DE PSICOLOGIA EMPÍRICA

Um dos principais objetivos perseguidos por Tetens nos *Ensaios Filosóficos* é buscar uma resposta mais segura sobre o princípio de atividade da alma. Seu ponto de partida aqui é o mesmo enunciado em 1762, quando aceita que a alma é uma força interna caracterizada pelas capacidades de sentir, representar, pensar, querer etc. Entretanto, agora Tetens considera que ainda não está suficientemente claro se essas distintas atividades anímicas seriam decorrentes da diversidade de objetos e circunstâncias a que a força fundamental (*Grundkraft*) – ou faculdade original (*ursprüngliche Vermögen*)[55] – se refere ou se elas pressupõem uma diferença essencial na própria força interna – em seu modo e grau de atividade. Portanto, aqui Tetens vai empreender, pela primeira vez, uma análise mais profunda sobre a natureza da força anímica.

Na análise dessa questão, Tetens afasta-se da tese defendida por Leibniz e Wolff, segundo a qual o que é mais característico e fundamental na alma é a sua capacidade de produzir representações (*vis representativa*), assim como da afirmação de C. A. Helvétius

---

[54] Os quatro ensaios restantes do primeiro volume e os três presentes no segundo volume serão referência para a nossa análise da relação da psicologia empírica com a ontologia e a psicologia racional. Isso será realizado no próximo capítulo, onde discutiremos o estatuto da psicologia empírica na obra de Tetens.

[55] Conforme indicam Krouglov e Delfosse (2017), em Tetens, os termos '*Vermögen'* e '*Kraft*' são usados indistintamente e correlacionam-se com o termo latino '*facultas*'.

(1715-1771) e E. B. Condillac (1714-1780), que entendem a sensação como atividade primária da alma, sendo o pensamento e a vontade suas modificações. O principal motivo para rejeitar esses posicionamentos é, segundo Tetens, a insuficiência de sua base empírica. Deste modo, é preciso examinar a alma com mais cuidado, atentando-se para cada uma de suas faculdades individualmente, desde as mais elementares até as mais complexas, antes de poder compará-las:

> (...) então, eu considerei necessário, acima de tudo, investigar separadamente cada um desses efeitos da alma, *sensações*, *representações* e *pensamentos*. Talvez eles ainda não tivessem sido observados suficientemente, quando já se avançava para a comparação, razão pela qual deve restar muita obscuridade nessa última. (Tetens, 1777, I, pp. 7-8 – itálicos no original)[56]

A prescrição inicial de Tetens é ater-se à observação cuidadosa da alma e considerar apenas as conclusões evidentes em si mesmas e ratificadas pelas evidências empíricas. Isso significa que os fatos devem anteceder as hipóteses e as conjecturas metafísicas. Esta tentativa de estabelecer uma ordem metodológica na investigação da alma é um aspecto preponderante na demarcação do domínio da psicologia empírica nos *Ensaios Filosóficos*, como mostraremos no que se segue.

3.1.1 O objeto da psicologia empírica

Diferentemente dos escritos iniciais, onde é possível encontrar uma definição da psicologia apenas em seu sentido mais geral – ciência que se ocupa com a alma –, os *Ensaios Filosóficos* nos oferecem indicações mais precisas sobre o objeto da psicologia empírica. Trata-se de um ser que, mesmo tendo sua natureza última desconhecida, possui capacidades fundamentais – sentimento, entendimento e vontade –, as quais podem ser perscrutadas quando a própria alma volta-se para os efeitos ou vestígios deixados por suas modificações e atividades. Isso significa que o objeto da psicologia empírica é a experiência interna da alma ou o eu empírico, como o próprio Tetens esclarece nas seguintes passagens:

> Ela é um ser que, por meio de certo instrumento no corpo, é modificado por outras coisas, sente, em seguida produz espontaneamente algo em si e fora

[56] (...) so habe ich für nothwendig angesehen, vor allen Dingen jedwede von diesen Seelenwirkungen, *Empfindungen*, *Vorstellungen* und *Gedanken*, vorher für sich besonders zu untersuchen. Vielleicht hatte man sie noch nicht genug beobachtet, als man schon zur Vergleichung schritt, wodurch denn bey der letztern manche Dunkelheit übrig bleiben müssen. (Tetens, 1777, I, pp. 7-8 – itálicos no original)

> de si, e daquilo que sofre e faz ela guarda em si vestígios, que extrai e elabora. (Tetens, 1777, I, p. 730)[57]

> Tomada no sentido *psicológico*, a alma humana é o Eu, que podemos observar e sentir com nosso auto-sentimento. Ele pode consistir apenas em um ser simples e imaterial; ou ser composto por este último e um órgão corpóreo interno do sentimento e do pensamento; ou ainda, para não excluir nenhum sistema psicológico, pode ser nada mais do que o próprio corpo interno organizado. Enfim, ele é a unidade que sente, pensa e quer, o próprio homem interior. Este último tem seu caráter e suas particularidades, sobre os quais se pode filosofar segundo a instrução da experiência, sem se referir àquela especulação teórica sobre a natureza do ser anímico. (Tetens, 1777, I, p. 740 – itálico no original)[58]

Além de deixarem claro que Tetens não é avesso a considerar os aspectos fisiológicos do funcionamento psíquico, essas passagens mostram que o conhecimento da alma deve começar pela experiência, mais especificamente pelas mudanças e efeitos que a própria alma produz em si e vivencia quando realiza seus atos de sentir, representar, pensar, desejar, imaginar, etc.[59] Dito em outros termos, Tetens está explicitamente recusando qualquer interferência inicial de hipóteses ontológicas sobre a alma – que pode referir-se a uma substância simples e imaterial, a uma matéria dotada de alma ou, ainda, reduzir-se a um conjunto de processos neurofisiológicos –, como já destacamos em estudos anteriores (Araujo & Lauro, 2018; Lauro, 2014).

Não é por acaso também que Tetens apresenta duras críticas ao método analítico da antropologia fisiológica – discutida nos *Ensaios Filosóficos* em relação a Bonnet, Hartley, Priestley (1733-1804), E. Search (1711-1799) –, que procura explicar as atividades anímicas em termos de propriedades e organizações cerebrais.[60] A ausência de dados empíricos sobre a

---

[57] Sie ist ein Wesen, welches mittelst gewisser Werkzeuge in dem Körper von andern Dingen verändert wird, fühlet, dann selbstthätig etwas in sich und auβer sich hervorbringet, und von dem, was sie leidet und thut, Spuren in sich aufbehält, die sie hervorziehet, und bearbeitet. (Tetens, 1777, I, p. 730)

[58] Die menschliche Seele im *psychologischen* Verstande genommen, ist das Ich, das wir mit unserm Selbstgefühl empfinden und beobachten können. Es mag aus einem einfachen immateriellen Wesen allein bestehen, oder aus diesem, und einem innern körperlichen Werkzeug des Gefühls und des Denkens zusammengesetzt seyn, oder, um kein psychologisches System auszuschlieβen, es mag nichts als der innere organisirte Körper selbst seyn. Genug es ist das fühlende, denkende und wollende Eins, der innere Mensch selbst. Dieser hat seinen Charakter, und seine Eigenheiten, worüber sich nach Anleitung der Erfahrung philosophiren läβt, ohne jene theoretische Spekulation über die Natur des Seelenwesens zu berühren. (Tetens, 1777, I, p. 740 – itálico no original)

[59] Como veremos na seção seguinte, o método de auto-observação da psicologia empírica apóia-se justamente nessa capacidade da alma de referir-se a si mesma através do auto-sentimento.

[60] Segundo Linden (1976), o termo 'antropologia' remete ao século XVI, mais particularmente ao trabalho de O. Casmann (1562-1607), que o define como o estudo do homem em seus aspectos anímicos e físicos. No século XVIII, sob a influência escolástica – que enfatiza o caráter dualista do homem e a adoção de princípios distintos no estudo do corpo e da alma –, surgiram propostas de antropologia fisiológica e de antropologia filosófica, apesar de alguns autores tentarem revigorar a concepção original. Nesse contexto, a proposta de antropologia fisiológica interpreta o corpo de forma vitalista, entendendo-o como um órgão

organização cerebral, a natureza de sua força orgânica e seus efeitos levou Tetens a qualificar os estudos da antropologia fisiológica como meras hipóteses e especulações. As seguintes passagens ilustram bem isso:

> Ainda que essas análises metafísicas [da antropologia fisiológica – acréscimo nosso] ensinassem algo mais real do que efetivamente ensinam, não se pode iniciar a investigação da alma com elas, mas apenas terminar. A análise *psicológica* deve preceder. E uma vez terminada, então a análise *metafísica* se debruça sobre algumas poucas faculdades fundamentais e seus modos de ação, e, deve, pois, ser levada tão longe quanto possível, contanto que ela se baseie apenas em fundamentos confiáveis. Se, ainda falta, porém, aquele conhecimento empírico das faculdades fundamentais, então é inútil querer torná-las compreensíveis a partir de uma organização [cerebral – acréscimo nosso] tão oculta a nós. (Tetens, 1777, I, pp. xiii-xiv – itálicos no original)[61]

> O desejo de conceber as características anímicas em termos de modificações cerebrais fez com que alguns observadores mais recentes ignorassem certas coisas nas leis do pensamento, que não teriam escapado à sua sagacidade, se não tivessem considerado esta parte de nosso interior a partir da desvantajosa posição de uma hipótese. (Tetens, 1777, I, p. xv)[62]

Mas qual seria a razão subjacente a essa insistente recusa de iniciar a investigação com hipóteses e conceitos metafísicos? O que explicaria sua firme defesa da primazia da investigação empírica e sua convicção de que ela seria uma fonte segura para as reflexões metafísicas sobre a natureza da alma? De acordo com nossa interpretação, essas questões podem ser esclarecidas quando adentramos o âmbito metodológico da investigação psicológica. Mais especificamente, acreditamos que a rejeição de hipóteses e conceitos metafísicos *a priori* na condução da investigação psicológica pode ser razoavelmente explicada se considerarmos a ênfase no procedimento analítico e o otimismo de Tetens em relação às contribuições da introspecção por meio do auto-sentimento e da indução.

---

sensível e dinâmico, capaz de produzir as funções vitais, intelectivas, afetivas, etc. Assim, o que acontece nesse modo de investigação da natureza humana não é necessariamente uma adesão à posição metafísica materialista, mas sim uma defesa do materialismo metodológico, isto é, uma ênfase no conhecimento dos fenômenos anímicos a partir da investigação de propriedades e organizações cerebrais (Sturm, 2009).

61 Wenn auch diese metaphisischen Analysen etwas reelleres lehrten, als sie wirklich nicht lehren, so darf man doch die Untersuchung der Seele mit ihnen nicht anfangen, sondern nur endigen. Die *psychologische* Auflösung muβ vorhergehen. Ist diese einmal beschaffet, so ist die *metaphysiche* auf eine Auflösung einiger weniger Grundvermögen und Wirkungsarten zurückgebracht, und ist alsdenn, wofern sie sonst nur auf zuverlässigen Gründen beruhet, in der Kürze so weit zu bringen, als sie überhaupt gebracht werden kann. Fehlet es aber noch an jener Erfahrungskenntniβ von den Grundvermögen, so ist es vergeblich, diese aus einer uns so sehr verborgenen Organisation begreiflich machen zu wollen. (Tetens, 1777, I, pp. xiii-xiv – itálicos no original)

62 Die Begierde, Seelenbeschaffenheiten als Gehirnsveränderungen sich vorzustellen, hat einige neuere Beobachter manches in den Gesetzen des Denkes übersehen lassen, was ihrer Scharfsinnigkeit nicht entwischt seyn würde, wenn sie diesen Theil unsers Innern nicht in der unvortheilhaften Stellung der Hypothese gesehen hätten. (Tetens, 1777, I, p. xv).

3.1.2 O método de investigação psicológica

É em relação ao método que podemos observar os contornos mais específicos do projeto de psicologia empírica de Tetens, contornos esses que não têm sido suficientemente investigados na literatura secundária.[63] A seguinte passagem, embora longa, sintetiza bem seu aspecto metodológico:

> Quanto ao *método*, do qual eu me servi, (...) Ele é o da *observação*, que *Locke* no Entendimento [*Ensaio Sobre o Entendimento Humano* – acréscimo nosso] e nossos psicólogos na doutrina empírica da alma seguiram. Considerar as modificações da alma tais como elas são conhecidas por meio do auto-sentimento; percebê-las e observá-las cuidadosamente e repetidas vezes, alterando as condições; notar o seu surgimento e as leis de ação das forças que as produzem; em seguida, comparar e analisar as observações para, a partir daí, buscar as faculdades e os tipos de ação mais simples, bem como suas relações recíprocas; essas são as tarefas mais essenciais da análise psicológica da alma, que se baseia na experiência. Esse é o método da doutrina da natureza, o único que nos mostra as atividades da alma e suas inter-relações tais como realmente são, e nos permite ter a esperança de encontrar princípios fundamentais, a partir dos quais seja possível deduzir com confiança as suas causas e, em seguida, estabelecer algo certo – que seja mais do que mera suposição – sobre a natureza da alma, entendida aqui como sujeito das manifestações observadas. (Tetens, 1777, I, pp. iii-iv – itálicos no original)[64]

Essa passagem merece uma atenção especial, não só por tornar evidente que o modelo de referência permanece sendo o método de auto-observação de Locke e o procedimento analítico, tomado de empréstimo da ciência da natureza, mas também por indicar que Tetens compreende esses dois recursos metodológicos como intimamente relacionados e em contínua complementaridade. Concretamente, isso significa dizer que se deve partir de observações precisas e cuidadosas dos efeitos ou modificações observáveis de

---

[63] A esse respeito, cabe frisar que, ao contrário de parte da literatura que interpreta o método analítico de Tetens como uma reprodução do empirismo de Locke (e.g., Kitcher, 2011, Klein, 1970), temos destacado que as regras metodológicas de Newton constituem uma referência crucial para a psicologia empírica de Tetens (Lauro & Araujo, no prelo).

[64] Was die *Methode* betrifft, deren ich mich bedient habe (...). Sie ist die *beobachtende*, die *Locke* bey dem Verstande, und unsere Psychologen in der Erfahrungs-Seelelehre befolgt haben. Die Modifikationen der Seele so nehmen, wie sie durch das Selbstgefühl erkannt werden; diese sorgfältig wiederholt, und mit Abänderung der Umstände gewahrnehmen, beobachten, ihre Entstehungsart und die Wirkungsgesetze der Kräfte, die sie hervorbringen, bemerken; alsdenn die Beobachtungen vergleichen, auflösen, und daraus die einfachsten Vermögen und Wirkungsarten und deren Beziehung auf einander aufsuchen; dieß sind die wesentlichsten Verrichtungen bey der psychologischen Analysis der Seele, die auf Erfahrungen beruhet. Diese Methode ist die Methode in der Naturlehre; und die einzige, die uns zunächst die Wirkungen der Seele, und ihre Verbindungen unter einander so zeiget, wie sie wirklich sind, und dann hoffen läßt, Grundsätze zu finden, woraus sich mit Zuverlässigkeit auf ihre Ursachen schließen, und dann etwas gewisses, welches mehr als bloße Muthmaßung ist, über die Natur der Seele, als des Subjekts der beobachteten Kraftäußerungen, festsetzen läßt. (Tetens, 1777, I, pp. iii-iv – itálicos no original)

cada faculdade anímica, tal como é dado no auto-sentimento, a fim de descrever e distinguir apropriadamente suas diferentes atividades e operações, estabelecendo proposições singulares. Só então, em um segundo momento, seria possível inferir dessas proposições particulares explicações causais gerais – em termos de faculdades e forças.[65]

Tendo esclarecido o duplo aspecto da investigação psicológica, nosso próximo passo é considerar a apropriação de cada um desses recursos metodológicos por Tetens. No que diz respeito à auto-observação ou introspecção, primeiramente, cabe destacar seu uso prudente e sistemático. Embora Tetens mostre-se bastante entusiasmado com a possibilidade de obter uma apreensão das propriedades dos fenômenos anímicos por meio do auto-sentimento, ele reconhece claramente suas dificuldades.[66] Isso faz com que procure "percebê-las e observá-las cuidadosamente e repetidas vezes, alterando as condições" (Tetens, 1777/1913, p. iv).

A partir disso, podemos compreender que a investigação empírica da alma demanda mais do que uma auto-observação casual dos processos anímicos por meio de uma faculdade natural, sendo necessário corrigir e reduzir as eventuais fontes de imprecisão através de sua associação com experimentos, isto é, observações planejadas com repetição e alteração sistemática das condições de sua realização. Apesar de encontrarmos nos *Ensaios Filosóficos* apenas três breves relatos que articulam observação e experimento na investigação das faculdades de sensação e imaginação, eles podem ser vistos, em continuidade aos escritos iniciais, como mais uma evidência de que Tetens tentou seguir os parâmetros da ciência natural.[67]

---

[65] Aqui, convém notar seu pleno acordo com a prescrição de Newton, segundo a qual, na filosofia natural, as proposições particulares devem ser inferidas de experimentos e observações de fenômenos, e, posteriormente, deve-se extrair delas conclusões gerais por meio da indução (Newton, 1713/2017).

[66] Vale lembrar aqui que, na Alemanha do século XVIII, o entusiasmo em relação ao estudo empírico da alma sempre foi acompanhado de debates sobre seus métodos de investigação. Nesse sentido, encontramos, por exemplo, as críticas à introspecção apresentadas por C. G. Schütz (1747-1832): dificuldades de concentrar-se longamente sobre os processos internos em função do fluxo rápido e constante das representações, e de observar representações obscuras, emoções fortes, doenças mentais etc. (Schütz, 1771, pp. 191-204). Além disso, há o fato de a alma ser simultaneamente o sujeito que observa e o objeto observado, o que pode ocasionar distorções em suas observações, e dificuldades de mensuração dos estados mentais (Kant, 1786/1990).

[67] No primeiro relato, Tetens descreveu uma adaptação do estudo da sensação visual de P. D'Arcy (1725-1779) à sensação tátil. Assim, buscou determinar a velocidade mínima necessária para que um fino cabo flexível e elástico que deslizava sobre a mão ou o rosto produzisse uma sensação tátil contínua. Tetens concluiu que a persistência da sensação tátil é de aproximadamente "2,5 terças" (aproximadamente 41 milissegundos). No segundo estudo, comparou duas letras árabes separadas ao longo de uma série, de modo que, sem se deter sobre as letras interpostas, determinasse as duas impressões sensíveis particulares, mas também a sensação de alternância entre elas. Já no terceiro, com base na pirâmide de cores de Lambert, Tetens investigou se era possível imaginar duas superfícies distintas e coloridas – amarela e azul, por exemplo –, e depois representá-las compondo uma única superfície. Nesse estudo, concluiu que pelo ato da imaginação compõe-se uma imagem escura e intermediária às cores primárias, sem, contudo, chegar à imagem da cor secundária – no caso, verde (1777, I, pp. 42, 120-126, 198). Aqui, não podemos deixar de notar que essas breves descrições reforçam a tese de que o experimentalismo já está presente na psicologia do século XVIII (Araujo, 2016;

Um segundo aspecto a ser considerado na discussão da auto-observação diz respeito ao caráter sensitivo do auto-sentimento. Embora já tivesse apresentado essa caracterização do auto-sentimento no ensaio de 1775, é aqui que Tetens estabelece, pela primeira vez, a exata relação entre sentido interno e sentido externo, e demarca a especificidade do auto-sentimento em relação à consciência ou reflexão sobre o eu.

De acordo com Tetens, em sua função epistêmica, a faculdade de sentir diz respeito à receptividade de impressões ou modificações causadas por objetos externos (sentido externo) ou por estados e atividades anímicas (sentido interno).[68] Aqui, paralelamente ao que ocorre às representações do sentido externo, o objeto do sentido interno é somente o absoluto. Isso significa dizer que há aqui uma representação imediata dos estados e atos anímicos, que são contemplados em si mesmos, independentemente da mediação conceitual e das idéias de relação que o pensamento pode impor a eles. Portanto, por absoluto, Tetens entende as representações sensíveis consideradas independentemente da ação da faculdade de pensar, que as separa, distingue e relaciona, expondo-as como ideias distintas e inter-relacionadas. Afirma Tetens:

> Nós sentimos e temos sensações 1) dos *objetos absolutos* e das modificações das coisas em si, e estes estão em nós ou fora de nós. Por isso, temos sensações externas e sensações internas. Às últimas pertence o *auto-sentimento*, o sentimento de todos os tipos de modificações e estados internos considerados por si, tal como se encontram presentes em nós. (Tetens, 1777, I, p. 190 – destaques no original)[69]

O fato de que o auto-sentimento, enquanto parte da faculdade de sentir, seja uma referência não-reflexiva às mudanças e atividades psíquicas sentidas fica igualmente evidente em outras passagens dos *Ensaios Filosóficos*, em que é contraposto às faculdades do entendimento – representação e pensamento. Já no prefácio, Tetens reconhece que as maiores dificuldades da introspecção são as fontes de ilusões (*Blendwerken*) presentes no próprio sentido interno. E para resguardar-se delas, ele recomenda a firme disposição de perscrutar o que é uma sensação real e uma imaginação. Em outras palavras, o observador deve manter-se

---

Hatfield, 1995, 2002/2012; Schwarz & Pfister, 2016; Sturm, 2006), ainda que sua estruturação – em termos de procedimentos, instrumentos e mensurações – tenha sido refinada e mais completamente desenvolvida com o surgimento da chamada psicologia experimental no século XIX.

[68] Essa distinção entre sensações externas e internas não contempla, porém, toda a diversidade da faculdade de sentir. Como veremos na seção seguinte (2.2.1), ela também inclui sentimento do belo, do bem, da verdade, emoção etc.

[69] Wir fühlen und empfinden 1) die *absoluten Gegenständen* und Veränderungen der Dinge an sich, und diese sind entweder in uns, oder auβer uns. Da haben wir äuβere Empfindungen und innere Empfindungen. Zu den letzten gehöret das *Selbstgefühl*, das Gefühl jedweder Art von innern Zuständen und Veränderungen für sich betrachtet, so wie sie für sich in uns vorhanden sind. (Tetens, 1777, I, p. 190 – itálicos no original)

assaz cauteloso em relação à interferência das próprias faculdades anímicas, sobretudo da imaginação produtiva (*Dichtkraft*), que, embora produza representações que pareçam ser uma imagem fiel da realidade, acrescenta novos elementos às sensações originais. Assim, ele afirma que:

> A parte mais difícil é que é preciso ter cautela diante da força anímica, que, aliás, pode prestar, e de fato deve prestar, os melhores serviços, se o olhar tiver que penetrar algo dentro de nós. São as insinuações da imaginação, e mais especificamente da imaginação produtiva, que são facilmente confundidas com observações e com conceitos derivados de observações. Enquanto o entendimento percebe, observa e depois compara entre si aquilo que é realmente dado ou sentido, a imaginação produtiva age simultaneamente, analisando as imagens, misturando-as novamente e produzindo ideias que não estavam originalmente contidas na sensação. (...) Aqui, o verdadeiro espírito observador deve mostrar-se e saber restringir essa intensa imaginação à apresentação do real. É difícil comportar-se sempre como se deve em relação a essas sugestões da imaginação produtiva. (...) Frequentemente não se chega a nenhuma certeza sobre isso, até que todo o procedimento tenha sido repetido várias vezes e cuidadosamente analisado. (Tetens, 1777, I, pp. xvii-xviii).[70]

Há ainda outro momento dos *Ensaios Filosóficos*, que, a nosso ver, merece uma atenção especial, pois nele Tetens reconhece que a auto-observação também não pode ser concebida por meio de um ato do pensamento, pois seu elevado grau de atividade – capaz de intervir sobre as representações em um exame atencioso e diligente; expor suas partes e relacioná-las entre si e em relação ao próprio eu; etc. –, exclui e desaloja qualquer reflexão sobre sua própria ação:

> Não refletimos sobre a nossa própria reflexão no mesmo instante em que a empregamos sobre um objeto. A causa disto logo se torna evidente. Se a força anímica do pensamento estiver ocupada com a consciência, a distinção e a reflexão da ideia que tem diante de si, então ela já está ativa enquanto uma força de pensar e opera de um modo primoroso em uma determinada direção. Se, no mesmo instante, ela ainda tivesse que refletir sobre essa sua atividade, então ela teria que empregar simultaneamente o mesmo trabalho

[70] Das schlimmste ist, daβ man sich am meisten vor der Seelenkraft in Acht zu nehmen hat, die sonsten die besten Dienste thun kann, und auch wirklich thun muβ, wenn der Blick in uns selbst etwas eindringen soll. Es ist die Phantasie, und noch näher die selbstthätige Dichtkraft, deren Eingebungen nur zu leicht mit Beobachtungen, und mit Begriffen aus Beobachtungen verwechselt werden. Indem der Verstand das wirklich Vorhandene oder Gefühlte gewahrnimmt, bemerket, und nachher eins mit dem andern vergleichet, so wirket die selbstthätige Phantasie zur Seite, löset Bilder auf, und vermischt sie wieder, und webet fremde Ideen hinein, die in der Empfindung nicht enthalten waren. (...) Hier muβ sich nun der wahre Beobachtungsgeist zeigen, und jene starke Phantasie auf die Darstellung des Wirklichen einzuschränken wissen. Es ist schwer, sich in Hinsicht dieser Suggestionen der Dichtkraft allemal so zu benehmen, wie man soll. (...) Oftmals kommt man darüber nicht zur Gewiβheit, als bis das ganze Verfahren mehrmalen wiederholet, und sorgfältig zergliedert worden ist. (Tetens, 1777, I, pp. xvii-xviii)

> sobre essa atividade. (...) Ao pensarmos, e isto se mostra com a maior clareza quando pensamos com esforço e sucesso, não sabemos nada sobre o fato de que pensamos. Tão logo nos voltamos para o próprio ato de pensar, o pensamento já escapou, assim como o momento presente, que já passou, quando se quer apreendê-lo. (Tetens, 1777, I, pp. 46-47)[71]

Nesse ponto de nossa análise, é necessário introduzirmos mais uma característica da faculdade de sentir. Segundo Tetens, o que é sentido é sempre o efeito de uma ação – seja ela externa ou interna – que a alma sofreu. A partir desse caráter essencialmente passivo do objeto do sentimento, compreende-se que as atividades e estados da alma – assim como ocorre com os objetos externos – não são sentidos em si mesmos, mas apenas indiretamente, através das consequências ou mudanças deixadas em nós.[72] Aqui, é importante estarmos atentos para o fato de que é essa permanência das atividades que vai possibilitar sua introspecção pelo auto-sentimento, na medida em que ele ocorre posteriormente ao seu surgimento – nas pausas, nos intervalos ou quando o trabalho da força ativa da alma de representar, pensar, desejar, etc. já se encerrou. Dessa forma, elimina-se o problema anterior, pois o momento da ação anímica e o momento em que é sentida são diferentes. A seguinte passagem ilustra bem isso:

> Enquanto pensamos, não o sentimos, pelo menos, não podemos observar que pensamos. (...) Assim acontece continuamente com o sentimento de nossas representações e pensamentos. Quanto mais requerem uma atividade espontânea, mais facilmente esquecemo-nos de nós mesmos neles. Todas as vezes que quisermos senti-los como nossas próprias modificações, devemos reduzir a ação da força de representar e da reflexão; então, no momento em que ocorre o sentir, subjaz a esse sentimento uma conseqüência daquelas modificações que fica retida em nós, sem atos adicionais da alma. (...). O mesmo é percebido nas demais manifestações da força ativa. (...) Em todos os afetos intensos e nas emoções, que se ligaram a fortes tendências de produzir algo, é visível que o nosso auto-sentimento só pode percebê-los depois, quando já foram interrompidos e enfraquecidos; ou ainda nos intervalos, quando a força ativa está em repouso e dá à alma a oportunidade de compreender-se, deter sua força e conduzi-la em outra direção. Todo afeto deixa sua pós-efervescência ou sua modificação (...). Essas pós-

---

[71] Ueber unsere eigene Reflexion reflektiren wir nicht in demselbigen Augenblick, in dem wir mit ihr bey einem Gegenstand beschäftiget sind. Die Ursache davon fällt uns gleich auf. Wenn die Denkkraft der Seele mit dem Bewuβtseyn, mit dem Unterscheiden, mit dem Ueberlegen der Idee, die sie vor sich hat, beschäftiget ist; so ist sie schon als eine Denkkraft thätig, und wirket auf eine vorzügliche Art nach einer bestimmten Richtung hin. Sollte sie nun in demselben Augenblick auch über diese ihre Thätigkeit reflektiren, so müβte sie die nemliche Arbeit zugleich auf diese Thätigkeit verwenden. (...). Indem wir denken, und dieβ zeiget sich am deutlichsten, wenn wir mit Anstrengung und mit einem glücklichen Fortgange denken, wissen wir nichts davon, daβ wir denken. Sobald wir auf das Denken selbst zurücksehen, so ist der Gedanke entwischet, wie das gegenwärtige Zeitmoment, das schon vergangen ist, wenn man es ergreifen will. (Tetens, 1777, I, pp. 46-47)

[72] Tetens chama os efeitos ou modificações produzidas na alma de representações sensíveis, pós-sensações ou pós-efervescências, como veremos adiante na seção 2.2.1.

> efervescências são algo passivo, que existe em nós sem o esforço espontâneo da força anímica. E são elas apenas o que sentimos. (Tetens, 1777, I, pp. 178-180)[73]

Mas o reconhecimento por parte de Tetens do caráter essencialmente sensitivo do conhecimento introspectivo não significa que ele rejeita qualquer possibilidade de expressão da consciência sobre o eu. Todas as vezes em que Tetens se refere à consciência dos objetos e de si mesmo como o sujeito dessas representações objetivas, ele reconhece que essa autorreferência só pode aludir a um momento posterior àquele em que a ação do pensamento ocorreu. Dessa forma, primeiramente a alma deve aceitar e sentir as conseqüências ocasionadas pelas ações do pensamento, depois renovar e examinar atentamente suas representações, para finalmente tornar o sentimento de si mesmo claro e distinto das demais representações.[74] Sendo assim, fica evidente que a autoconsciência não é um ato primário, mas ao contrário, uma referência mediata e abstrata ao eu, que pressupõe a ação de outras faculdades, inclusive do auto-sentimento, como bem destacou Thiel (1997, 2014).[75]

Não obstante existam trabalhos que apontem precisamente a função epistêmica e o caráter sensitivo do auto-sentimento em Tetens (e.g., Frank, 2002; Thiel, 1997, 2014), não podemos deixar de notar que ainda há na literatura secundária (e.g., Bell, 2005; Brett, 1921/1953; Klein, 1970; Pillsbury, 1929; Villa, 1903) uma análise incompleta do seu método de investigação psicológica, pois coloca-se uma ênfase desmedida na introspecção e não se

---

[73] Indem wir denken, empfinden wir es nicht, wenigstens können wir es nicht beobachten, daβ wir denken. (...) So verhält es sich durchgehends mit dem Gefühl unserer Vostellungen und Gedanken. Je mehr diese ein selbstthätiges Wirken erfodern, desto leichter vergessen wir uns selbst bey ihnen. So oft wir solche als unsere eigene Veränderungen fühlen und empfinden wollen, so müssen die Aktus der Vorstellungskraft und der Reflexion nachlassen, und dann ist es eine in uns zurückgebliebene Folge von ihnen, die ohne weiteres Beywirken der Seele in dem Augenblick, wenn man empfindet, dem Gefühl vorlieget. (...) Das nämliche wird bey den übrigen wirksamen Kraftäuβerungen wahrgenommen. (...) In allen starken Affekten und in Gemüthsbewegungen, die mit mächtigen Tendenzen etwas hervorzubringen verbunden sind, zeiget es sich, daβ unser Selbstgefühl nur alsdenn sie gewahrnehmen kann, wenn sie schon gebrochen und geschwächet sind; oder auch nur in den Zwischenmomenten, wenn die thätige Kraft ruhet, und der Seele Gelegenheit giebt, sich zu begreifen, ihre Kraft aufzuhalten, und anders wohin zu lenken. Jedweder Affekt hinterläβt seine Nachwallung, oder seine Veränderung (...). Diese Nachwallungen sind etwas passives, das ohne eine selbstthätige Anstrengung der Seelenkraft in uns bestehet. Und sie sind es nur, was wir fühlen und empfinden. (Tetens, 1777, I, pp. 178-180)

[74] Retomaremos isso na seção seguinte (2.2.1), quando discutiremos as ações de cada faculdade anímica.

[75] A partir dessa diferenciação entre auto-sentimento e ato reflexivo, torna-se finalmente claro a apropriação particular que Tetens fez do termo lockeano ‘sentido interno’. Contudo, isso não significa que o próprio Tetens se mostre plenamente consciente dessa particularidade. De fato, Tetens parece acreditar que compartilhava a mesma concepção de Locke, chegando até mesmo a afirmar que “(...) Locke explicou de modo suficientemente claro que entendia as sensações não apenas em termos das sensações externas, mas também dos auto-sentimentos internos. Além das sensações, ele incluiu também a reflexão, isto é, a força de pensar da alma, como fonte de ideias” (Tetens, 1777, I, p. 338) (...) Locke hatte sich deutlich genug erkläret, daβ er nicht die äuβern Empfindungen allein, sondern auch die innern Selbstgefühle unter der Benennung der Empfindungen befaβte. Auβer jenen führte er auch die Reflexion, das ist, die denkende Kraft der Seele, als eine Ideenquelle an. (Tetens, 1777, I, p. 338)

atenta para o segundo e decisivo passo da investigação psicológica, a saber, o procedimento indutivo. A este respeito, devemos notar que, embora a introspecção seja um recurso indispensável à análise psicológica, ela é insuficiente, na medida em que só fornece descrições factuais particulares, e, assim, não se chega à generalização dos dados empíricos. Ademais, devemos lembrar que, desde suas obras iniciais, Tetens não vê a psicologia como um amontoado de descrições factuais desordenadas e desarticuladas, sendo preciso expandir o seu alcance, extraindo princípios cada vez mais gerais sobre a natureza da alma.

Se somarmos a isso a declaração de que sua investigação psicológica não parou na descrição de fenômenos psíquicos – "Por mais cuidadoso que eu tenha sido para evitar a interferência de hipóteses nas proposições empíricas, nem por isso me abstive de extrair conclusões e raciocínios a partir das observações, e de ligá-las por meio deles" (Tetens, 1777, I, p. xxix)[76] – e a confiança em relação ao conhecimento produzido pelo raciocínio indutivo – "uma das mais nobres operações no método de observação consiste na *generalização* de proposições empíricas particulares, extraídas de casos singulares. A força do método depende disso. Em si mesma, a observação tem a ver apenas com o individual" (Tetens, 1777, I, p. xix – itálicos no original)[77] –, não restam dúvidas sobre a necessária conjunção entre os métodos de observação e indução em sua psicologia empírica.[78]

De acordo com Tetens, o risco que poderia existir nessa segunda etapa de investigação é a criação de suposições vazias e indeterminadas. Para evitar isso, ele prescreve apenas uma regra: procurar os dados empíricos o mais extensivamente possível, de forma que as comparações entre os fenômenos mostrem suas semelhanças em sua completa extensão ou em suas qualidades mais essenciais, produzindo generalizações seguras. E quando isso não for possível – casos em que se observam semelhanças apenas em algumas partes dos fenômenos comparados –, as conclusões devem ser inferidas com base em analogias, que permitam transferir as semelhanças percebidas entre algumas propriedades a muitas outras, sem que uma ligação entre elas seja evidente. A respeito dessas últimas, Tetens se mostra consciente

---

[76] So sorgfältig ich übrigens die Einmischung der Hypothesen unter den Erfahrungssätzen zu vermeiden gesucht, so habe ich deswegen mich doch nicht enthalten, Folgerungen und Schlüsse aus den Beobachtungen zu ziehen, und sie dadurch zu verbinden. (Tetens, 1777, I, p. xxix)

[77] Eine der vornehmsten Operationen bey der beobachtenden Methode bestehet in der *Verallgemeinerung* der besondern Erfahrungssätze, die aus einzelnen Fällen gezogen sind. Hievon hängt die Stärke der Methode ab. Die Beobachtung hat für sich allein nur mit dem Individuellen zu thun. (Tetens, 1777, I, p. xix – itálico no original)

[78] Como procuramos mostrar (Lauro & Araujo, no prelo), a admissão da indução como o modo correto de estabelecer teorias gerais e hipóteses prováveis é mais um ponto de concordância com as regras newtonianas, mais particularmente com sua prescrição de "*considerar as proposições inferidas pela indução geral a partir dos fenômenos como precisamente ou muito aproximadamente verdadeiras, (...) até o momento em que outros fenômenos ocorram pelos quais elas possam ou ser tornadas mais precisas, ou fiquem sujeitas a exceções"* (Newton, 1713/2017, p.187 – itálicos no original)

de que elas são apenas hipóteses prováveis. Todavia, prontamente observa que elas não podem ser confundidas com meras possibilidades explicativas, pois essas conclusões se fundamentam em dados empíricos, ainda que limitados.[79]

Como último aspecto em nossa análise, devemos considerar os limites da aplicação do método da ciência da natureza aos fenômenos anímicos. O próprio Tetens nos alerta para isso quando admite a possibilidade de que, em alguns momentos, pode ter considerado um raciocínio como uma observação por conta da dificuldade de investigar a alma:

> As experiências devem sempre ser separadas dos raciocínios empregados sobre elas, mas aqui há uma permissão maior para misturá-los, visto que, na psicologia, ainda não se está tão habituado à simples enumeração dos acontecimentos, tal como na doutrina da natureza. De certa forma, aqui também é mais difícil de separar tão rigorosamente os raciocínios. Se uma completa reformulação da doutrina da alma tornasse novamente necessário seguir mais precisamente o método da doutrina da natureza, não pode ser de antemão prejudicial que se raciocine e se observe simultaneamente. Por fim, são as reflexões e conclusões que certamente tornam utilizáveis as observações simples, e sem elas teríamos que nos restringir para sempre à superfície exterior das coisas. (Tetens, 1777, I, pp. xxix-xxx)[80]

A declaração acima parece assemelhar-se à dos ensaios iniciais de 1761 e 1775, quando Tetens reconhece uma assimetria entre a investigação dos fenômenos psicológicos e físicos. Se nossa interpretação estiver correta, é mais uma vez possível perceber que a

---

[79] Além de reconhecer que o raciocínio por analogia é apenas provável, Tetens julga necessário estabelecer máximas para seu uso. Nesse empreendimento, ele concorda com Bonnet e entende que é preciso avaliar os exemplos particulares em que o uso da analogia foi correto ou incorreto. Todavia, para extrair disso os fundamentos da analogia, Tetens acrescenta o auxílio da lógica e da metafísica, que, segundo ele, fornecem uma teoria geral sobre a natureza das coisas e a relação entre suas propriedades. Em suas palavras: "nos exemplos particulares, há fundamentos gerais e especiais da analogia. Para captá-los em sua completude, a especulação metafísica serve como o primeiro olho e a observação da natureza, como o segundo, ainda que este último seja o mais bem acabado, o único com o qual se vê na maior parte das vezes. É claro que também os lógicos e os metafísicos realmente contribuíram de alguma forma com suas considerações gerais, e eu queria apenas lembrar de passagem que seus esforços não devem ser vistos como completamente insignificantes" (Tetens, 1777, I, pp. xxiii-xxiv) "Es giebt in den einzelnen Beyspielen allgemeine Gründe der Analogie; und es giebt besondere. Solche mit einiger Vollständigkeit zu übersehen, dient die Spekulation des Metaphysikers als das Eine Auge, und die Beobachtung der Natur als das zweyte; wenn gleich dieβ letztere das fertigste ist, womit man am öftersten allein siehet. Es haben doch auch die Logiker und Metaphysiker durch ihre allgemeine Betrachtungen wirklich hierinn etwas vorgearbeitet, und ich wollte nur beyläufig erinnern, daβ man ihre Bemühungen nicht für so ganz unbedeutend anzusehen habe.„ (Tetens, 1777, I, pp. xxiii-xxiv)

[80] Die Erfahrungen sind jedesmal von den Raisonnements die man über sie anstellet, zu unterscheiden, aber es ist hier desto mehr erlaubet, sie darunter zu mischen, da man in der Psychologie an simpeln Aufzählungen der Begebenheit noch nicht so gewöhnt ist, als in der Naturlehre. Zum Theil ist es hier auch schwerer, die Raisonnements so strenge abzusondern. Sollte eine völlige Umarbeitung der Seelenlehre noch einmal es nöthig machen, auch hierinn genauer die Methoden der Naturlehrer zu befolgen, so kann es vor der Hand doch nicht schaden, daβ zugleich raisonnirt und beobachtet wird. Am Ende sind es doch die Reflexionen und Schlüsse, die die simpeln Beobachtungen erst recht brauchbar machen, und ohne die wir beständig nur auf der äuβern Fläche der Dinge bleiben müβten. (Tetens, 1777, I, pp. xxix-xxx)

psicologia empírica depende mais do auxílio de raciocínios e reflexões, inclusive de conceitos e princípios ontológicos, que a física. Por um lado, isso significa que Tetens mantém uma estima pelas proposições metafísicas, ainda que careçam de um exame minucioso de sua objetividade. Por outro, ele continua a interpretar a psicologia empírica como parte do sistema metafísico. No entanto, ainda é preciso esclarecer melhor o sentido dessa relação entre a psicologia e a metafísica, o que faremos no próximo capítulo.

3.2 A TEORIA DAS FACULDADES DA ALMA

Até aqui, vimos que, para Tetens, a psicologia empírica deve ir além dos efeitos ou modificações observáveis, permitindo concluir algo sobre a natureza interna da alma e suas faculdades, e que seu único interesse é relatar o que pode ser diretamente observado, ratificado ou assumido a partir da experiência. Agora, trataremos de apresentar suas principais observações e considerações sobre a alma.

Antes, porém, de prosseguirmos nossa análise e discutirmos sua teoria das faculdades da alma, convém esclarecer que há aqui uma importante diferença entre a nossa interpretação e uma das leituras proeminentes na literatura secundária, cuja análise restringe-se à afirmação de que o elemento central da teoria de Tetens é a aceitação de que a alma possui três faculdades distintas, a saber, sentimento, pensamento e vontade (e.g., Beck, 1969; Bell, 2005; Carus, 1808; Klein, 1970; Leary, 1982). Como apontamos em trabalhos anteriores (Lauro, 2014; Lauro & Araujo, 2015), mesmo sendo correto dizer que Tetens foi um dos primeiros expoentes da tripartição da alma na filosofia alemã do século XVIII, essa afirmação só ganha seu pleno sentido quando compreendida a partir da espontaneidade (*Selbstthätigkeit*) presente em todas as faculdades anímicas. Portanto, o problema é que esses autores não deram a devida atenção ao fato de que todas as faculdades da alma expressam, sob modos e medidas diferentes, o mesmo princípio ativo.

Portanto, aqui está novamente presente a concepção inicial de Tetens, segundo a qual há na alma uma força ativa interna que a torna capaz de receber modificações, reter, suscitar e relacionar as representações em idéias, e determinar suas ações e movimentos no corpo:

> Uma análise detalhada dessas variadas formas e expressões, sob as quais essa se mostra a si mesmo, ensina também que é com um grau mais elevado de *espontaneidade interna* que atua, quando é modificada passivamente e se coloca novamente em ação por si mesmo, quando se empenha em novas

> atividades, por meio das quais se torna um ser que representa, pensa e tem vontade. (Tetens, 1777, I, p. 731 – itálicos no original)[81]

Uma vez que as faculdades da alma são manifestações diversas de uma única e mesma força espontânea, há entre elas uma uniformidade, como bem destacaram Apitzsch (1871/2010), Stiening (2014) e Thiel (1997, 2014). Assim, deve ficar claro que as três faculdades da alma consistem em distintos graus de atividade, que variam conforme o objeto, ao qual a força fundamental se direciona, e as ações ou efeitos produzidos, como ficará claro até o final dessa seção.[82]

Antes que possamos nos concentrar na análise das especificidades de cada uma das faculdades, cabe destacar que Tetens não pretende identificar a essência da alma com o seu caráter espontâneo. Para ele, o conhecimento da natureza última da alma é algo que se mostra empiricamente incognoscível, pois as primeiras e mais originais ações anímicas – em sua concepção e estágio embrionário – são inacessíveis. Tudo o que conhecemos são as ações das faculdades derivadas, porque, quando a alma manifesta-se como um ser que sente, pensa e tem vontade, ela já atingiu um nível elevado em seu desenvolvimento e já sofreu muitas mudanças, como fica claro na seguinte passagem:

> No fim, permanecemos onde estamos, a saber, lá onde estávamos no começo. Não conhecemos a força fundamental da alma porque não temos nenhuma ideia sobre os primeiros efeitos originários da sua força natural. O sentir é apenas a primeira manifestação que conhecemos. Podemos dizer que a força fundamental da alma seria a mesma realidade absoluta que se desenvolve até certo grau, sente e pensa. Mas que tipo de faculdade natural ela possui; para que tipos de atividade ela foi feita enquanto existir; se e em que medida estas atividades distinguem-se das atividades de outros elementos; sobre isto não sabemos nada além de que sua força fundamental contém em si o germe do sentir. (Tetens, 1777, I, p. 737)[83]

---

[81] Eine nähe Auflösung dieser mannigfaltigen Aeuβerungen und Gestalten, unter denen dieβ Wesen sich vor sich selbst offenbaret, lehrt noch ferner so viel, daβ es ein gewisser höherer Grad von *innerer Selbstthätigkeit* sey, womit sie beywirket, wenn sie leidend verändert wird, und sich dann wieder aus sich selbst in Wirksamkeit setzet, wenn sie in neue Thätigkeiten hervorgehet, wodurch sie zu einem vorstellenden, denkenden und wollenden Wesen gemacht werde. (Tetens, 1777, I, p. 731 – itálicos no original)

[82] Aqui é possível observar que o modelo de referência permanece sendo a física. A fim de clarear suas considerações, Tetens recorre a uma analogia com a força de elasticidade, destacando que os físicos também admitem que uma única e mesma força tenha efeitos distintos. Como exemplo, ele cita uma situação em que uma esfera precipita-se sobre uma corda elástica. Como resultado de sua elasticidade, primeiro, a corda apresenta receptividade e capacidade de reação, comprimindo-se e reduzindo o movimento da esfera até seu estado de repouso. Posteriormente, pela ação da mesma elasticidade, a corda dilata-se, repelindo as esferas, que novamente entram em movimento (1777, I, pp. 609-610).

[83] Am Ende stehen wir, wo wir sind, nämlich da, wo wir im Anfange waren. Die Grundkraft der Seele kennen wir nicht; weil wir keine Idee von den ersten ursprünglichen Wirkungen ihrer Naturkraft haben. Das Fühlen ist nur die erste Aeuβerung, die wir kennen. Wir können sagen, die Grundkraft der Seele sey dieselbige absolute Realität, welche bis zu einiger Gröβe entwickelt, empfindet und denket. Aber was sie für ein Naturvermögen besitze, zu welchen Arten von Thätigkeiten sie aufgelegt sey, so lange sie existirt, ob und

Respeitando essa limitação, Tetens reconhece a espontaneidade apenas como uma força fundamental dos desdobramentos posteriores da alma. Portanto, permanece indefinido se alguma faculdade da alma deva ser identificada com sua essência, ou se suas capacidades resultam da elevação da própria força presente nas faculdades já desenvolvidas, ou, ainda, se derivam de uma potência complemente distinta da observada. Entretanto, ainda que a psicologia empírica não ofereça um conhecimento exato da natureza última da alma, a restrição na resolução dessa questão não deve ser exagerada nem interpretada como um agnosticismo. De fato, como veremos no próximo capítulo, Tetens mantém firme seu propósito de obter conhecimentos evidentes sobre a natureza da alma, e não deixa de notar que, além da proposição empírica de que o eu aparece a si mesmo como ser que sente, pensa e tem vontade, é possível aceitar algumas reflexões e hipóteses sobre a unidade substancial da alma.

3.2.1 Sentimento, entendimento e vontade

No nono e décimo ensaios, que tratam da relação das faculdades da alma em suas funções cognoscitiva e volitiva, Tetens não só se concentra na identidade dessas faculdades em relação à sua força fundamental, como também destaca o fato de elas permanecerem internamente ligadas e trabalharem em uma contínua complementaridade. Nesse ponto, deparamo-nos com uma ordenação progressiva das faculdades anímicas, segundo a qual as faculdades mais complexas, cujas ações pressupõem um grau mais elevado de espontaneidade, só se desenvolvem a partir do efeito e estímulo das faculdades mais simples que as antecedem (1777, I, pp. 616-617). Disso segue, por exemplo, que a alma deve fazer representações, antes de poder pensá-las, assim como ter impressões sensíveis antes de representações.

A partir disso torna-se evidente também o lugar central que o sentimento ocupa na teoria das faculdades de Tetens. Embora já tivesse defendido, nos ensaios de 1760 e 1775, a procedência empírica do conhecimento, na medida em que o sentimento fornece a matéria para o trabalho intelectual ulterior, é aqui que Tetens vai empreender uma análise mais detalhada disso, explicitando o desenvolvimento gradual e progressivo das sensações até as idéias claras e distintas do entendimento. Aqui, aparece também, pela primeira vez, a

---

worinn diese von den Thätigkeiten anderer Elemente sich unterscheiden, davon wissen wir nichts, als daβ ihre Grundkraft den Keim des Fühlens doch in sich enthalte. (Tetens, 1777, I, p. 737)

afirmação de que o sentimento também serve de base para os processos volitivos, como fica evidente na seguinte passagem:

> Se se quiser distinguir entre as manifestações da vontade e as ações do entendimento, então os estímulos para aquelas estão mais nos sentimentos comoventes que nos sentimentos indiferentes. As impressões indiferentes são sentidas e representadas, quando muito também pensadas; para além disso, o ser ativo não se move; porém, dor e prazer determinam a força ativa para uma nova ação e para a produção de novas modificações. Disso resultam esforços para manter ou mudar seu estado, isto é, a força sente nova tensão e é dirigida a uma nova direção. (Tetens, 1777, I, p. 630)[84]

Para que possamos entender adequadamente as duas funções da faculdade de sentir, primeiramente temos que considerar sua definição. Para Tetens, ela é a faculdade que se deixa modificar por objetos externos e internos – estados e atividades da própria alma –, e que simultaneamente sente e atua sobre suas mudanças (1777, I, pp. 171, 611, 620-621). A principal conclusão que podemos extrair disso é que sua receptividade tem um caráter ativo, ainda que limitado. A este respeito, Tetens assevera que, por meio desse caráter passivo-ativo, a alma sofre ações de objetos externos e internos, mas reage, guardando em si mesma modificações ou vestígios das impressões sensíveis recebidas. Esses efeitos ou modificações são representações sensíveis ou pós-sensações (*Nachempfindungen*) – ou, ainda, ou pós-efervescências (*Nachwallungen*), quando se trata de afetos – que perduram alguns milissegundos na alma e constituem a matéria para todo o trabalho ulterior das demais faculdades anímicas (1777, I, pp. 32-33, 36-37).[85]

Assim, por um lado, as mudanças sentidas podem constituir sentimentos indiferentes (*gleichgültigen Eindrücke*) – referidas também como sensações (*Empfindungen*) ou apenas como sentimentos (*Gefühle*) –, quando estimulam as capacidades intelectivas de

---

[84] Wenn man die Willensäuβerungen von den Aktionen des Verstandes unterscheidet, so sind die Reize zu jenen mehr in Empfindnissen, als in den gleichgültigen Empfindungen. Die gleichgültigen Eindrücke werden empfunden und vorgestellet, höchstens auch gedacht; weiter reget sich das thätige Wesen nicht; aber Schmerz und Vergnügen bestimmet die Thätigkeitskraft zu einer neuen Aktion, und zur Hervorbringung neuer Modifikationen. Daher entstehen Bestrebungen, ihren Zustand zu behalten, oder auch ihn zu verändern, das ist, die Kraft empfängt neue Spannung, und wird in eine neue Richtung gebracht.(Tetens, 1777, I, p. 630)

[85] De acordo com Tetens, as características da pós-sensação são um dos fatores que determina a estimulação das faculdades ulteriores. Assim, ele observa que as de maior duração são estímulos para a força de representar e pensar. Esse é o caso da pós-sensação da visão, que perdura entre 06 e 07 terças – entre 97 e 114 milissegundos, aproximadamente –, e da audição, que está em 05 terças – aproximadamente 80 milissegundos –, mas não necessariamente do tato, cuja duração é a metade da audição. Além da duração, a visão reúne também outras características favoráveis ao conhecimento: uma intensidade moderada e certa clareza, o que torna suas partes distinguíveis (1777, I, pp. 33; 715-717). Por outro lado, os sentimentos mais robustos, confusos, de maior vivacidade e ligação ao eu colocam em atividade a força ativa ou volitiva da alma. Esse seria o caso, por exemplo, da dor, da luz intensa, da volúpia, das sensações olfativas e gustativas etc.

representação e pensamento, que as desenvolvem até tornarem-se idéias de objetos externos ou internos. Aqui, além de impressões de objetos particulares, Tetens reconhece um segundo gênero de sentimento indiferente. Trata-se do sentimento de relações (*Gefühl der Verhältnisse* ou *Beziehungen*) – como, por exemplo, o sentimento de diferença, semelhança, sequência, ligação, etc. –, que surgem mediante a alternância, dos objetos e suas consequentes impressões, especialmente quando a faculdade da representação as reproduz, agrupa, compara e separa (1777, I, pp. 166-167; 182-184; 190).

Por outro lado, em seu aspecto afetivo, as mudanças sentidas também podem constituir emoções ou sentimentos comoventes – referidos como *Empfindnisse*, *Rührungen* ou *afficirende Gefühlen* –, cuja característica principal é sua referência subjetiva. Em contraposição aos sentimentos indiferentes, suas qualidades resultam da relação dos objetos com o ser que os sente, tendo, portanto, um fundamento objetivo – características dos objetos – e um subjetivo – disposição, estado, inclinação da alma. Dessa relação, não resulta a mera sensação de um objeto, mas sim uma coisa que agrada ou desagrada, como, por exemplo, a dor de uma agulhada, o prazer de uma música. Aqui, é importante frisar também que, para Tetens, os sentimentos comoventes não advêm apenas de objetos externos ou do corpo, mas também do próprio exercício das faculdades anímicas – agir de forma veemente, fortalecer e aperfeiçoar as próprias capacidades, relacionar representações e idéias facilmente. Desta forma, ele reconhece como parte desse domínio os sentimentos morais, o sentimento de verdade, o sentimento do belo (1777, I, pp. 185-188, 190).[86]

Por fim, como parte dessa segunda função da faculdade de sentir, Tetens destaca que alguns afetos e estados do ânimo estão na base dos processos volitivos. Esses excedem o mero divertimento ou desgosto, quando por meio deles a alma é estimulada a impulsos, esforços e ações. Isso ocorre por meio de sentimentos de interesse, paixões, desejos, força do coração etc., que, em seu conjunto, são referidos como a sensibilidade (*Reizbarkeit* ou *Empfindlichkeit*) da alma (1777, I, pp. 188-189; 190-191).

---

[86] Além dessas fontes de deleite imediato, Tetens admite que algumas representações indiferentes possam tornar-se comoventes por meio de sua associação à emoção. Segundo ele, uma grande quantidade de objetos tem uma relação mutável com a faculdade de sentir, de modo que ora podem ocasionar impressões indiferentes, ora agradáveis ou desagradáveis. Isso depende de dois fatores. Por um lado, tem-se a força e a vivacidade da impressão sensível. A esse respeito, Tetens destaca que as sensações do corpo, de bem-estar e impressões do gosto e olfato são mais intensas e ligadas ao eu do que as impressões da audição e da visão que remetem a objetos externos por serem mais moderadas e claras. Por outro lado, devemos considerar as capacidades anímicas predominantes – sentimento, entendimento ou vontade – e o nível de desenvolvimento da alma. Assim, em crianças e jovens não habituados a usar sua capacidade de reflexão, por exemplo, as impressões são mais frequentemente sentidas como emoções que sensações indiferentes.

Não obstante suas distintas expressões, todos os sentimentos, segundo Tetens, têm características em comum: eles referem-se apenas a impressões e mudanças presentemente sentidas, e a um objeto passivo e absoluto, como mencionamos anteriormente (seção 2.1.2). Isso implica dizer que eles sempre aludem a qualidades dos objetos e aos estados anímicos considerados como independentes, no sentido de que não são postos em relação um com o outro.[87] Nessa acepção do absoluto, vê-se claramente que, para ele, a comparação, diferenciação e a relação são atos do entendimento, como fica claro nessa afirmação: "se pergunta de que modo conhecemos as relações, eu respondo: elas são pensadas, não sentidas" (Tetens, 1777, I, p. 192).[88]

Nos *Ensaios Filosóficos*, a discussão sobre a faculdade do entendimento aparece dividida em duas partes. De um lado, destacam-se as atividades da representação (*vorstellende Kraft* ou *Vorstellungsvermögen*), que permite a renovação das representações sensíveis, sem que os objetos que as ocasionaram estejam presentes. De outro, as atividades do pensamento (*Denkkraft*), que não só diferencia as representações sensíveis, levando-as à consciência clara e distinta, como também as relaciona em conceitos e juízos. Vejamos cada uma dessas ações separadamente.

Segundo Tetens, o caráter fundamental da representação é ser uma consequência permanente das modificações precedentes da alma (1777, I, p.17). Essa característica geral da representação tem uma consequência importante para a sua teoria do conhecimento. Ora, se todas as representações são mudanças anímicas antecedentes renovadas, isso significa que elas não são sinais arbitrariamente feitos, mas ao contrário, sinais naturais de objetos e suas propriedades, assim como as próprias pós-sensações a que se referem, distinguindo-se dessas últimas apenas em sua vivacidade e completude, pois são mais tênues e reproduzem parcialmente a representação sensível – suas partes sobressalentes ou seus traços fundamentais – (1777, I, p.89). Nesse ponto, contudo, devemos ter o cuidado de deixar claro que se trata até aqui apenas da constituição material das representações. Afirma ele:

---

[87] Mesmo no caso do sentimento de relação, mantém-se uma referência ao absoluto. Segundo Tetens, esse sentimento diz respeito a impressões ou representações singulares que se alternam. Assim, um sentimento de igualdade ou diversidade, por exemplo, implica sentir se uma primeira impressão permanece a mesma ou se altera quando uma segunda sucede, sem estabelecer propriamente uma comparação e relação entre elas. O mesmo acontece com as comoções. A fácil confluência de representações que acontece no sentimento de verdade, por exemplo, resulta da própria relação existente entre uma representação e a série de representações já existentes, independentemente de qualquer prova racional ou ação do entendimento.

[88] „Fragt man, auf welche Art wir denn die Verhältnisse erkennen? so antworte ich: sie werden gedacht, nicht gefühlt" (Tetens, 1777, I, p. 192). Aqui, em um contexto comparável ao de 1775, observamos que, para Tetens, as relações ou formas de pensamento são criações do pensamento, acrescentadas às representações sensíveis, que são propriamente a matéria do pensamento.

> Não se pode descuidar dela [da força de representação – acréscimo nosso], se o princípio de que todas as representações resultam de sensações – tão frequentemente compreendido de modo insuficiente e incorreto – deve ser afirmado em seu sentido preciso e verdadeiro.(...) Aqui, eu não falo ainda das idéias como idéias, segundo sua forma, na medida em que há consciência e distinção; mas apenas de sua matéria, isto é, das modificações da alma, que para nós são sinais naturais dos objetos e suas propriedades, (...). A partir do precedente torna-se evidente em que sentido e até que ponto pode-se dizer que as representações são, de acordo com sua origem, sensações ou representações sensíveis. De fato, sua matéria-prima, a partir da qual surgem e são construídas – sem exceção –, está contida nas representações sensíveis puras. (Tetens, 1777, I, pp. 138-139)[89]

Coerente com isso, Tetens compreende que a faculdade de representação, em todas as suas três atividades, ocupa-se sempre com as representações sensíveis precedentes. Assim, a ação da percepção (*Fassungskraft* ou *Perceptionsvermögen* ou apenas *Perception*) permite receber, conservar e guardar as pós-sensações, que serão renovadas pelas ações da imaginação reprodutiva (referida como *Phantasie, Einbildungskraft* ou *Wiedervorstellungskraft*, para incluir também as representações do sentido interno) e/ou imaginação produtiva (*Dichtungsvermögen*)[90] (1777, I, pp. 105-107).

De acordo com Tetens, quando a imaginação reprodutiva atua sozinha, as representações sensíveis são renovadas conforme a lei de associação. Isso significa que a sequência e a organização dessas representações assemelham-se às impressões sensíveis, reunindo-se sucessivamente segundo a ligação temporal em que os objetos apareceram anteriormente ou agrupando-se a partir de traços comuns que se repetem nas impressões sensíveis. Portanto, resulta aqui apenas uma justaposição de representações já existentes (1777, I, pp. 105-107). No entanto, a faculdade de representar não só associa representações, mas também as transforma a partir da composição e decomposição de suas partes, quando a imaginação produtiva é atuante.

Embora a imaginação produtiva não seja uma força de criação, na medida em que não é uma fonte de representações sensíveis originais, ela pode dissolver uma representação

---

[89] Sie ist nicht aus der Acht zu lassen, wenn der so oft unzulänglich und so oft unrichtig verstandene Grundsatz, daβ alle Vorstellungen aus Empfindungen entstehen, in seinem bestimmten Verstande, in welchem er wahr ist, behauptet werden soll. Von den Ideen als Ideen, ihrer Form nach, in so ferne Bewuβtseyn und Unterscheiden vorhanden ist, rede ich hier noch nicht; sondern nur von ihrer Materie, das ist, von den Modifikationen der Seele, die für uns die natürliche Zeichen der Objekte und ihrer Beschaffenheiten sind (...). Es ist aus dem vorhergehenden offenbar, in welchem Verstande und in wie weit man sagen könne, daβ Vorstellungen ihrem Ursprung nach Empfindungen oder Empfindungsvorstellungen sind. Ihr Grundstoff nemlich, woraus sie gemacht und entstanden sind, alle ohne Ausnahme, ist in den reinen Empfindungsvorstellungen enthalten. (Tetens, 1777, I, pp. 138-139)

[90] Ao longo dos *Ensaios Filosóficos*, Tetens emprega diferentes termos para se referir à faculdade de imaginação produtiva: *bildende Dichtkraft, Dichtkraft; schaffende Kraft, bildende Dichtungsvermögen, selbstthätige Dichtungskraft, selbstthätige Phantasie*.

sensível originalmente composta (*vielbefassende*) em representações particulares, e reunir representações sensíveis particulares, a partir de semelhanças e coexistências anteriormente não notadas ou jamais existentes na sensação – como na imagem do cavalo-alado da mitologia grega, Pegasus –, formando abstrações sensíveis ou representações sensíveis gerais. Em ambos os casos, segundo Tetens, produz-se uma nova representação, na medida em que não é comparável – em termos de configuração (*Gestalt*), grandeza, etc. – nem redutível aos seus elementos originais, considerados individualmente, e é tomada pela consciência como uma unidade cujas partes não podem ser separadas (1777, I, pp. 136-138).

Através dessa dupla ação da imaginação produtiva, Tetens estabelece, portanto, uma restrição à lei da associação – o que marca mais um distanciamento em relação a Locke. Ao mesmo que tempo em que reconhece que a lei da associação é um princípio útil à psicologia, ele insiste em destacar que não se deve esperar muito dela quando se considera a ação da imaginação produtiva. Nesses casos, a lei da associação ensina que uma representação sucede outra, sem, contudo, determinar por si mesma quais seriam os traços em comum e a organização a ser considerada na renovação das representações (1777, I, pp.110-111).

Apesar do grau mais elevado de espontaneidade, que permite decompor, recompor e misturar representações sensíveis, ainda faltam aqui os efeitos mais essenciais do entendimento, a saber: a transformação das representações em ideias claras e distintas, e a aplicação de relações. Para que possamos compreender adequadamente como a força de pensar serve-se de representações, elevando sua clareza e adicionando-lhes a distinção necessária ao conhecimento de relações, é preciso considerar primeiramente as atividades da apercepção (*Gewahrnehmung*), o ato mais básico ato do pensamento, cuja função principal é separar e distinguir uma representação de outras, reconhecendo sua particularidade. Nas palavras do próprio Tetens, o "*aperceber* é, portanto, decomposto nesses dois atos, no apresentar primoroso (a separação) e no pensar a *particularidade*, no *distinguir*, no *conhecer bem*" (Tetens, 1777, I, p. 351 – itálicos no original).[91]

De acordo com Tetens, faz parte da natureza das faculdades de sentir e representar dirigir-se constantemente a objetos e suas representações sensíveis, aproximando-se e afastando-se continuamente deles, o que permite estabelecer uma ligação entre eles, mas não propriamente uma comparação e distinção. Para que isso ocorra, o pensamento deve ligar-se às ações da faculdade de sentir e representar, de forma que a alma se inclina novamente

[91] Das *Gewahrnehmen* ist also aufgelöset in diese zwey Aktus, in das vorzügliche Darstellen (die Sonderung) und in das Denken der *Besonderheit*, das *Unterscheiden*, das *Auskennen* (Tetens, 1777, I, p. 351 – itálicos no orginal).

(*zurückbeugen*) sobre as representações e as examina atentamente. A partir da reflexão e atenção, a representação pode ser sentida mais claramente e com mais vivacidade, pois é destacada de outras representações, às quais estava ligada sob certo modo. Além disso, é introduzido um primeiro elemento relacional na representação, na medida em que a representação destacada torna-se distinta de outras. Isso ocorre, por exemplo, nos pensamentos 'vejo uma torre', 'vejo uma mancha na parede'. Segundo Tetens, essas expressões significam que se conhece a torre ou a mancha propriamente, mas também sua distintividade em relação a muitas outras coisas existentes ao seu redor (1777, I, p. 353).

Além disso, Tetens estabelece que, a partir da ação da apercepção, também há uma distinção das representações em relação ao próprio 'eu' que as sente, tornando-nos conscientes delas e de nós mesmos como o sujeito dessas representações. Assim, fica claro que a consciência das representações sempre envolve uma autoconsciência, e que a consciência é um estado mental diretamente associado à distinção das representações entre si. Em suas palavras:

> *Estar consciente de algo* expressa um estado contínuo em que se sente distintivamente um objeto ou sua representação e, além disso, a si mesmo. De um lado, a consciência é um sentimento, mas um sentimento claro, uma sensação clara, um sentimento ao qual está ligada uma diferenciação da coisa sentida e de si mesmo. Sentimento e apercepção são os dois elementos da consciência. (Tetens, 1777, I, p. 263 – itálicos no original)[92]

Deparamo-nos aqui, contudo, com uma dificuldade interpretativa, já destacada por Thiel (1997, 2014) e Wunderlich (2005). Tetens não se preocupa em explicar a relação da consciência com a apercepção e o sentimento do eu, nem em determinar como as representações destacadas pela apercepção chegam a ser transformadas em representações conscientes ou idéias. De fato, nesse momento de sua análise, ele limita-se a discutir os resultados dessa ação. Assim, destaca que, quando há elevada clareza e distinção, as representações são tomadas como sinais naturais que permitem conhecer os objetos através delas e nelas. O que acontece, segundo ele, é que à representação consciente liga-se o pensamento de relação 'vejo este objeto', no qual se fundamenta uma tendência natural de

---

[92] *Sich einer Sache bewußt seyn*, drucket einen fortdaurenden Zustand aus, in welchem man einen Gegenstand oder dessen Vorstellung unterscheidend fühlet, und sich selbst dazu. Das Bewuβtseyn ist von Einer Seite ein Gefühl, aber ein klares Gefühl, klare Empfindung, ein Gefühl, mit dem ein Unterscheiden der gefühlten Sache und Seiner selbst verbunden ist. Gefühl und Gewahrnehmung sind die beiden Bestandtheile des Bewuβtseyns. (Tetens, 1777, I, p. 263 – itálicos no original)

acreditarmos que, quando pensamos, ocupamo-nos com imagens e representações objetivas e reais, que se distinguem do próprio eu que as sente (1777, I, pp. 344-345).[93]

É sobre essas representações apercebidas que o pensamento avança em sua ação, primeiramente, relacionando-as em conceitos, e depois, em seus atos mais abstratos, formula juízos sensíveis ou gerais e deduz certas relações de outras, como se evidencia nos raciocínios. Essas relações, é importante lembrar, são produzidas e acrescentadas às representações pela ação do pensamento. Nesse sentido, Tetens destaca que elas são subjetivas. Todavia, ele observa que elas também são necessárias, no sentido de fundamentarem-se em uma espontaneidade natural e imutável da faculdade de pensar, distinguindo-se, portanto, daquilo que é simplesmente condicionado por idiossincrasias e circunstâncias ocasionais externas – e.g., particularidades dos órgãos sensíveis, posição do objeto, hábitos, etc.

No que concerne aos conceitos, por exemplo, Tetens destaca que há três modos de pensar ou relacionar as ideias. Na primeira classe, encontram-se as relações de comparação (*Vergleichungverhältnisse* ou *relations de comparaison*), como, por exemplo, identidade, diversidade, semelhança e diferença. Na segunda classe, trata-se de conceitos que resultam dos atos de reunir e separar as representações. São relações de cooperação ou combinação (*unwirksame Beziehungen*, *Mitwirklichkeits-Beziehungen* ou *relationes de combinaison*), tais como, ordem, simultaneidade, propriedade, cooperação, coexistência etc. A última classe compreende as relações de dependência (*Verhältnisse der Dependenz*), por meio das quais são pensadas as ligações entre um efeito e sua causa, e a passagem das premissas à conclusão (1777, I, p. 333).[94]

A terceira e última faculdade da alma examinada por Tetens é a faculdade volitiva ou a força ativa, uma faculdade capaz de produzir alterações no estado interno da alma e no corpo, ações instintivas e voluntárias etc. Grande parte da discussão sobre essa faculdade aparece no décimo ensaio, cujo objetivo principal é determinar a relação entre a faculdade de representação e as demais faculdades anímicas. Portanto, Tetens não empreende aqui uma investigação completa e detalhada das várias manifestações da vontade, limitando-se a discutir sua relação com a faculdade de representação. Na explicação dessa relação, Tetens admite o seguinte princípio empírico: "nós não temos nenhuma representação ou ideia de

[93] Segundo Tetens, enquanto as representações do sentido externo são consideradas como contemplação de objetos corpóreos e externo ao eu, as representações do sentido interno são referidas como ações e estados anteriores da alma, expressas por meio do pensamento 'senti-me assim naquele momento', por exemplo.

[94] Detalharemos mais essa questão de um padrão de pensamento subjetivo e necessário no próximo capítulo (seção 3.1), onde discutiremos a validade objetiva do conhecimento racional.

qualquer manifestação da força ativa da alma, e de qualquer modo de ação da mesma, que já não tenha se manifestado anteriormente de modo instintivo, e sido sentido" (Tetens, 1777, I, pp. 628-627).[95]

Coerente com esse princípio, podemos notar que Tetens mantém aqui a concepção de representação apresentada em sua análise das faculdades cognoscitivas, quando afirma que cada representação requer uma sensação precedente. Isso implica dizer que só há representações de ações volitivas após sua manifestação e apreensão de seus efeitos pelo sentimento. Mais do que isso, admite-se aqui que as manifestações originais da vontade não são ações voluntárias – ações que se expressam sem a necessidade de estímulos externos, como aquelas dirigidas por representações –, mas, ao contrário, são ações instintivas, efetuadas imediatamente através da estimulação por sentimentos comovedores.

Nesse contexto, Tetens discute mais detalhadamente como a faculdade de sentir serve de base para as emoções e as ações da vontade. Segundo ele, os sentimentos agradáveis constituem um estado de contentamento, que a força ativa da alma procura conservar através do emprego de sua força ativa – produzindo e renovando as representações desse estado. Já os sentimentos de maior vivacidade e desagradáveis aguçam mais imediatamente as primeiras ações da força ativa – suas ações instintivas –, seja simplesmente para eliminar ou evitar um estado, como no caso da dor, seja despertando o desejo de mudança e a busca de um novo estado, como ocorre, por exemplo, em situações de restrição e obstáculos (1777, I, pp. 721-726).

A partir de suas considerações sobre os atos instintivos da alma já é possível entrever que, para Tetens, a análise da vontade empreendida por Leibniz, Wolff e seu seguidores é insatisfatória, na medida em que consideram que todos os desejos e ações da alma são regidos por representações, e restringem a vontade a um ato da força de representação – mais especificamente, a um esforço para produzir representações e torná-las novamente presentes.

Mesmo quando considera que a explicação leibniz-wolffiana pode ser válida para os atos intencionais e voluntários, ele não deixa de reconhecer seus limites. Para Tetens, esses atos significam agir segundo a representação de uma finalidade a ser alcançada ou segundo uma representação precedente, respectivamente. Portanto, aqui, a representação constitui a primeira parte da ação, pois a conduz e a direciona. Todavia, isso não significa que tudo que é necessário à produção ou reprodução de uma ação já tenha sido dado. De fato, para ele, a pura

---

[95] "Wir haben keine Vorstellung noch Idee von irgend einer Aeuβerung der thätigen Seelenkraft, und von irgend einer Wirkungsart derselben, die sich nicht vorher instinktartig schon geäuβert hätte, und gefühlet worden wäre" (Tetens, 1777, I, pp. 627-628).

representação de uma ação ou a renovação de sua imagem não é suficientemente forte para produzi-la, assim como a mera imagem de um objeto em sua ausência – lembrança de um amigo – não permite senti-lo novamente – no caso, rever o amigo. Sendo assim, para que uma ação idealizada seja de fato efetivada, à ação da representação, deve-se acrescentar um segundo elemento: os esforços da própria força ativa, que ocasionou as ações a serem renovadas. É precisamente essa disposição interna da vontade para produzir a ideia representada que a torna intensamente mais viva que as representações de objetos, a ponto de transformarem-se em uma ação completa. Essa transformação, segundo Tetens, sucede mais fácil e frequentemente onde há uma maior habilidade para isso.

Até aqui, estivemos preocupados em apresentar alguns aspectos centrais da psicologia empírica presente nos *Ensaios Filosóficos*. Assim, esperamos ter demonstrado mais claramente os contornos definitivos da psicologia empírica em Tetens – sobretudo em relação ao objeto e ao método de investigação psicológica – e apresentado as peculiaridades e os limites de suas principais conclusões sobre as faculdades da alma. Além disso, esperamos ter explicitado nossa afirmação anterior de que há uma unidade e uma continuidade teórico-conceitual e metodológica no desenvolvimento desse projeto. Agora, devemos passar à última fase de nosso trabalho, em que discutiremos o estatuto da psicologia empírica na obra de Tetens. Somente aqui teremos condições de avaliar precisamente a relação da psicologia empírica com as demais disciplinas filosóficas, sobretudo com a ontologia e a psicologia racional, e mostrar o lugar central que ela ocupa no pensamento filosófico de Tetens.

4 A PSICOLOGIA EMPÍRICA COMO DISCIPLINA METAFÍSICA

A análise empreendida até aqui demonstra que, desde seus textos iniciais, Tetens vinha desenvolvendo e amadurecendo suas reflexões e investigações psicológicas, culminando na elaboração de sua obra magna. Isso não significa, porém, que ele tenha abandonado seu interesse primário de evitar que o conhecimento metafísico seja rejeitado indiscriminadamente, como se todo ele fosse fruto de especulações fantasiosas. Como vimos, o próprio prefácio dos *Ensaios Filosóficos* revela uma íntima relação entre as investigações psicológicas e as questões metafísicas. É precisamente a especificidade dessa relação que agora vamos examinar, a fim de chegarmos a uma compreensão final do estatuto da psicologia empírica na obra de Tetens. Assim, estaremos em condições de apresentar um fundamento definitivo para a tese de que a psicologia empírica sempre fez parte de seu sistema metafísico e desempenha aí um papel decisivo.

Nesse empreendimento, nossa análise se concentrará nos *Ensaios Filosóficos*, mas também na *Metafísica*, último curso filosófico de Tetens, antes de deixar a vida acadêmica e dedicar-se a funções administrativo-financeiras, como, por exemplo, codireção do Banco Real Dinamarquês; direção do Banco de Schleswig-Holstein etc. (Krouglov & Delfosse, 2017; Sellhoff, 2015). Inicialmente, buscaremos mostrar como nos *Ensaios Filosóficos* Tetens fundamenta a validade objetiva do conhecimento racional a partir da investigação psicológica das faculdades cognoscitivas, em um claro acordo com o que considerou em suas obras filosóficas anteriores. O segundo ponto trata de um tema caro à tradição filosófica: a relação corpo-alma. Nosso objetivo aqui é compreender como esse tema é tratado nos *Ensaios Filosóficos* como parte do projeto de psicologia empírica, estabelecendo suas especificidades e relação com a análise apresentada por Tetens na seção correspondente à psicologia racional na *Metafísica*. O terceiro e último ponto de nosso trabalho diz respeito à disposição das disciplinas metafísicas em Tetens. Aqui a análise da *Metafísica* é entendida como um passo fundamental para a nossa interpretação, pois é aqui que aparece a indicação definitiva do estatuto da psicologia empírica como disciplina metafísica e o esclarecimento de sua relação com o sistema metafísico em geral.

4.1 A OBJETIVIDADE DO CONHECIMENTO RACIONAL

Como dissemos no primeiro capítulo, o ponto de partida de Tetens foi a constatação de que a matemática garantia a possibilidade de um conhecimento racional seguro, e de que a

metafísica como um todo, se comparada às ciências matemáticas, ainda estava longe de poder ser considerada uma ciência inconteste. Agora, nos *Ensaios Filosóficos* – sobretudo, do quinto ao oitavo ensaios –, após ter indicado que os conceitos e juízos são uma notável e espontânea expressão da faculdade de pensar, Tetens julga necessário esclarecer seu caráter objetivo.

Mais especificamente, Tetens se vê na obrigação de explicar a exatidão dos axiomas e princípios racionais. Essa classe de conhecimento racional, que não deve ser confundida com a dos princípios gerais da experiência – cuja exatidão e aprovação dependem da concordância ou analogia entre muitos casos empíricos –, é, segundo ele, fundamentada na própria natureza da faculdade de pensar. Aqui, os exemplos ajudam a aprender o que é afirmado nos princípios e axiomas racionais, mas não alteram sua aprovação nem demonstram sua objetividade. Sendo assim, é mais determinante investigar o modo de proceder do pensamento do que reconduzi-lo a seus elementos empíricos.

Uma síntese de seu procedimento na investigação da natureza e fundamento dos juízos racionais gerais aparece no sétimo ensaio, quando Tetens afirma determiná-los segundo as características do próprio pensamento. Assim, ele escreve:

> Sobre a *necessidade objetiva* dos princípios não se pode dizer nada antes que se tenha investigado a *subjetiva*, com a qual eles são pensados pelo nosso entendimento e observado em nós a natureza dos princípios comuns como produto da força de pensar e notado suas características. Apenas a partir disso, e de nenhum outro modo, pode ser conhecido o que e quanto possuímos deles, quando os consideramos como reproduções e representações daquilo que é objetivo e está fora do entendimento. (Tetens, 1777, I, p. 471 – itálicos no original)[96]

Mais adiante, na última seção desse mesmo ensaio, ele acrescenta:

> A partir da observação, conhecemos a necessidade *subjetiva* de pensar segundo leis gerais do entendimento. Sentimos que não podemos representar nenhum círculo quadrangular, e não podemos considerar nenhuma coisa como distinta de si mesma. Sobre essa necessidade subjetiva fundamentamos a *objetiva*: a impossibilidade de pensar as coisas de modo diferente é atribuída às coisas fora do entendimento. Nossas ideias não são mais ideias

[96] Ueber die *objektivische Nothwendigkeit* der Sätze lässet sich nichts sagen, ehe man nicht die *subjektivische*, mit der sie von unserm Verstande gedacht werden, untersucht, und in uns die Natur der Gemeinsätze als Produkte der Denkkraft beobachtet, und ihre Beschaffenheiten bemerket hat. Nur daraus, und sonsten nirgends her kann es erkannt werden, was und wie viel wir an ihnen haben, wenn wir sie als Abbildungen und Vorstellungen von dem objektivischen ansehen, was auβer dem Verstande ist. (Tetens, 1777, I, p. 471 – itálicos no original)

> em nós; são coisas fora de nós. (Tetens, 1777, I, p. 531– itálicos no original)[97]

Quando atentamos para o fato de que a objetividade não exclui a subjetividade, mas está, ao contrário, fundamentada nela, torna-se inteiramente compreensível que a investigação psicológica das faculdades cognoscitivas é o fio condutor na demonstração da legitimidade do conhecimento racional, pois o reconhecimento da necessidade subjetiva do pensamento depende da auto-observação. Para Tetens, a determinação do conhecimento objetivo em contraposição às condições subjetivas humanas é problemática, pois, se caracterizarmos o 'objetivo' por aquilo que não resulta da constituição peculiar da natureza humana, então temos que considerar seres que pensam de modo completamente distinto de nós, o que, por sua vez, implica a impossibilidade de compreendemos em que consistem os conceitos e juízos desses seres pensantes.

Em vista dessa dificuldade, Tetens vincula sua noção de objetividade ao que é subjetivamente invariável (*unveränderlich subjektivisch*) no pensamento, discernindo-o daquilo que é subjetivamente variável (*veränderlich subjektivisch*), isto é, condicionado às idiossincrasias e circunstâncias casuais internas e/ou externas – como, estados e disposições particulares da alma, particularidades dos órgãos sensíveis, posição do objeto, hábitos, associações, etc. De acordo com ele, asseguramo-nos de que as relações percebidas em nossas representações são modos de pensar objetivos, se o que aparece a nós é semelhante ao que aparece a outros, quando estamos sob as mesmas circunstâncias externas e internas. Portanto, podemos dizer que Tetens redefine o conhecimento objetivo como um padrão intersubjetivo de pensamento, em que as relações de ideias são o que percebemos e devemos necessariamente perceber. A seguinte passagem sintetiza isso:

> Por fim, nunca deve ser esquecido até onde se estende a chamada *objetividade*, ou, o que é a mesma coisa, o *invariável* e *necessário* na *subjetividade*. Ela só vai até o ponto de "que todos os outros seres, que têm sensações dos mesmos objetos, também encontram as mesmas relações neles, com a condição de que suas impressões tenham também as mesmas características que as nossas, as quais consideramos como objetivas." (Tetens, 1777, I, p. 560 – itálicos no original)[98]

---

[97] Die *subjektivische* Nothwendigkeit nach den allgemeinen Gesetzen des Verstandes zu denken, erkennen wir aus der Beobachtung. Wir empfinden es, daβ wir keine viereckte Zirkel uns vorstellen, und kein Ding für unterschieden von sich selbst halten können. Auf diese subjektivische Nothwendigkeit gründen wir die *objektivische*: Die Unmöglichkeit, die Dinge anders zu denken, wird den Dingen auβer dem Verstande beygeleget. Unsere Ideen sind nun nicht mehr Ideen in uns; es sind Sachen auβer uns. (Tetens, 1777, I, p. 531– itálicos no original)

[98] Endlich muβ es auch nie vergessen werden, wie weit denn überhaupt das so genannte *Objektivische*, oder welches gleich viel ist das *Unveränderliche* und *Nothwendige* in dem *Subjektivischen*, sich erstrecke. Nur bis

Dada a natureza subjetiva de nossas ideias,[99] cabe destacar que a verdade objetiva, isto é, a concordância do pensamento com os objetos, é entendida como uma analogia, segundo a qual as relações entre as idéias são similares às relações entre as coisas. Isso é exatamente o que Tetens quer destacar, quando diz que "comparar os *objetos* com as *ideias* não significa outra coisa que comparar representações com representações; ou uma representação sensível com outra que já tenho" (Tetens, 1777, I, p. 533 – itálicos no original).[100]

Em consonância com isso, podemos constatar que Tetens reconhece as relações entre as coisas como necessárias ou casuais a partir da avaliação das próprias ideias. Dito em outros termos, ele transpõe as formas de pensamento para a realidade. Segundo ele, atribuímos à ligação entre as coisas um caráter necessário, quando a relação é uma forma de pensar estabelecida unicamente com base nos conceitos de sujeito e predicado. Esse é o caso, por exemplo, da proposição 'círculo quadrangular', que deve ter sua realidade necessariamente negada, por se referir a algo contraditório.[101] Isso difere da afirmação 'o fogo queima a madeira'. De acordo com Tetens, a capacidade de queimar pertence necessariamente ao conceito de fogo, mas o fato de que ele queima a madeira já é uma relação objetiva casual, que se fundamenta em uma representação adicional. No caso, uma representação espacial, em que o fogo está próximo da madeira.

Na verdade, não podemos deixar de notar que, quando Tetens estabelece essa distinção entre os juízos objetivos, ele tem em mente aqui apenas uma diferença no modo de formação e no grau de atividade do pensamento, uma vez que a faculdade de pensar é a única fonte de juízos.[102] De modo geral, esses juízos são organizados por ele em três classes. A

---

dahin nemlich, „daβ jedwede andere Wesen, welche von denselbigen Gegenständen Empfindungen haben, auch dieselbigen Beziehungen in ihnen antreffen, unter der Bedingung, daβ auch ihre Impressionen dieselbigen Beschaffenheiten haben, wie die unserigen, die wir für objektivisch halten". (Tetens, 1777, I, p. 560 – itálicos no original)

[99] Locaille (2014) e Sommer (1892/1966) vêem nessa associação do conhecimento objetivo à aparência sensível uma forma de fenomenalismo, tendo em vista que Tetens não menciona nada sobre a essência dos fenômenos. A esse respeito, Krouglov e Delfosse (2017) não deixam de destacar uma possível influência sobre a filosofia crítica, na medida em que Kant leu os *Ensaios Filosóficos.* De fato, o próprio Tetens não nos permite ter dúvidas sobre isso, quando, no décimo terceiro ensaio, ele expressamente destaca que tanto as representações externas quanto as internas são fenômenos, antes que idéias das coisas como elas realmente são.

[100] Die *Gegenstände* mit den *Ideen* vergleichen, heiβt nichts anders als Vorstellungen mit Vorstellungen vergleichen; oder eine Vorstellung aus der Empfindung mit einer andern, die ich schonhabe. (Tetens, 1777, I, p. 533 – itálicos no original)

[101] De fato, Tetens acredita que essa proposição é absolutamente necessária e, portanto, uma lei do pensamento em geral. Pois, ainda que alguém defendesse que ela poderia ser admitida por um ser divino, não poderíamos admitir que sua capacidade de pensar fosse tão dessemelhante a nossa. Conceber um ser pensante tão distinto assim, reforça Tetens, é algo tão impossível quanto admitir a proposição 'círculo quadrangular'. Portanto, a existência desse ser deve ser necessariamente negada, assim como a existência desse objeto contraditório.

[102] Isso vale também para os juízos subjetivos ou subjetivamente variáveis, ou seja, eles não são de natureza completamente distinta dos juízos objetivos, pois ambos dependem da comparação de representações. A

primeira refere-se às formas subjetivamente necessárias dos juízos (*die subjektivisch nothwendige Formen der Urtheile*). Trata-se de princípios de necessidade absoluta, que se fundamentam na relação de identidade e diferença entre o sujeito e predicado, como no caso dos princípios de contradição e do terceiro excluído; e juízos da consciência imediata – presentes, por exemplo, nas asserções 'eu vejo', 'sinto dor', 'eu penso', etc. Na segunda classe, têm-se os juízos necessários determinados (*die bestimmte nothwendige Urtheile*) ou princípios necessários materiais (*die materiell nothwendige Sätzen*), como é o caso dos princípios geométricos, juízos de relação de causa-efeito, substância-acidente etc. Aqui, segundo Tetens, a necessidade subjetiva é uma necessidade física, pois depende da ideia ou matéria dos juízos, mas as condições e circunstâncias, em que as idéias e suas relações formam-se, são subjetivamente invariáveis. Portanto, esses juízos ocorrem segundo as leis naturais do pensamento, sendo impossível pensá-los diferentemente. A terceira e última classe compreende os juízos de proximidade, distância, simultaneidade, sequencia etc. Esses juízos têm apenas uma necessidade subjetiva habitual ou hipotética, pois neles a força de pensar é guiada pela coexistência das impressões sensíveis ou associação de representações pela imaginação. Por conta disso, Tetens iguala a necessidade dessa última classe de juízos à casualidade subjetiva (1777, I, pp. 512-519).[103]

O importante aqui, segundo Tetens, é não confundir as diferentes classes de juízos. Em um contexto comparável ao de 1775, ele adverte que é essa confusão que produz erros não só na filosofia, mas também no entendimento humano comum, alimentando suas controvérsias:

> Simplesmente colocar de lado os raciocínios e seguir apenas o assim chamado *senso comum* é um princípio que conduz ao sentimentalismo (...). Em contrapartida, não reparar em nenhuma sentença do *senso comum* e

diferença é que nos primeiros há uma presença forte e freqüente de fatores singulares. Segundo Tetens, há muitos conceitos e juízos assim na estética e na moral – e.g., gosto, sublime, belo, dignidade, etc. –, pois, aqui, mesmo quando um mesmo objeto é apreendido pelo mesmo órgão sensível, ele apresenta-se diversamente, em virtude do estado anímico, das sensações secundárias precedentes e acompanhantes, etc.

[103] Vemos aqui, mais uma vez, um distanciamento em relação à tradição empirista britânica. Segundo o próprio Tetens, Hume reconheceu o caráter indubitável dos primeiros princípios. Contudo, há mais juízos necessários do que considerou, pois confundiu a necessidade habitual com a necessidade subjetiva natural presente na segunda classe. Um caso exemplar disso é o princípio de causalidade. Diferentemente de Hume, que vê a relação de causa e efeito como um costume derivado de repetidas experiências, Tetens argumenta que o verdadeiro fundamento dessa relação não está no fato empírico, pois na experiência resultam eventos, cujas causas não observamos. Nesse sentido, defende que a relação de causa-efeito é fundamentada na natureza do pensamento, que sempre considera uma coisa resultante como algo produzido e dependente de uma causa. Segundo ele, assim como no pensamento de uma coisa irreal, que passa a existir, deve haver um fundamento psicológico que a preceda – um fundamento subjetivo *a priori* –, também no pensamento de objetos, que existem fora do nosso entendimento, sempre que os representamos como resultantes, temos que nos referir a um fundamento objetivo *a priori* do qual dependem (1777, I, pp. 501-512).

> querer escutar somente a sentença da razão discursiva é um princípio que conduz a um falso racionalismo (...). O que resta, portanto, é isso: deve-se investigar ambos, os juízos do entendimento comum e os da razão (...). Eu afirmo que na seguinte questão – "se sabemos com certeza que existe evidência em um caso? Se podemos distinguir os casos que são pensados segundo *leis naturais necessárias* daqueles em que apenas pensamos idéias secundárias *casualmente associadas*? Se não seria evidente que alguns princípios particulares, axiomas gerais, princípios empíricos e raciocínios baseiam-se na necessidade natural imutável?"– o *ceticismo* se diferencie propriamente da doutrina que afirma algo; tanto da *filosofia verdadeira* quanto do *falso racionalismo* e do *sentimentalismo* do entendimento comum, que se contrapõe a ele. (Tetens, 1777, I, pp. 584-586 – itálicos no original)[104]

Consideremos aqui dois casos exemplares, a fim de mostrarmos como, para Tetens, a saída para as contradições está no exame dos juízos em questão. Um primeiro caso seria o juízo do homem comum sobre o tamanho do sol e da lua. No conhecimento ordinário, admite-se que esses corpos são duas grandezas iguais, pois predomina o ímpeto de pensar a partir de qualidades e relações obtidas junto às impressões sensíveis. Mas mesmo sendo incapaz de mudar a impressão sensível desses objetos, o físico pode convencer-se de que o sol é maior que a lua através do uso de raciocínios e investigações sobre a natureza da visão. Aqui, a razão raciocinante o impede de manter como necessário o juízo de igualdade admitido no entendimento humano comum. Mais do que isso, ao revelar que essa igualdade é uma qualidade que não compete aos próprios corpos e tem seu lugar apenas a certa distância, os raciocínios e reflexões cessam o mal-entendido entre a astronomia e o entendimento humano comum (1777, I, pp. 450-459).

De um lado, Tetens admite as contribuições da razão raciocinante, que, ao julgar com esforço e consciência de seus procedimentos e propósitos, possibilita a correção de preconceitos sensíveis resultantes de ações instintivas – isto é, pensamentos sem a determinação clara de conceitos, o auxílio de raciocínios e a exclusão de circunstâncias casuais. De outro, ele claramente enfatiza que os filósofos não devem restringir-se a

[104] Die Raisonnements nur schlechthin bey Seite setzen, und dem so genannten Sensus kommunis allein folgen, ist ein Princip, das zur Schwärmerey führet (...). Dagegen auf den Ausspruch des Sensus kommunis gar nicht achten, sondern allein den Ausspruch der raisonnirenden Vernunft hören wollen, ist ein Princip, das zur falschen Vernünfteley führet (...). Was bleibet also übrig, als dieβ: Man muβ sie beide untersuchen, die Urtheile des Gemeinverstandes, und die Urtheile der Vernunft (...) Bey der Frage: „ob wir denn in Einem Fall es mit Zuverlässigkeit wissen, daβ Evidenz da sey? ob wir die Fälle, in denen nach *nothwendigen Naturgesetzen* geurtheilet wird, von solchen unterscheiden können, in welchen wir nur nach *zufälligen associirten* Nebenideen denken? ob es nicht evident sey, daβ einige besondere Grundsätze, einige allgemeine Axiome, einige Erfahrungssätze und einige Schluβkenntnisse zuverlässig auf unveränderlicher Naturnothwendigkeit beruhen?" bey dieser Frage, sage ich, scheidet sich eigentlich der *Skepticismus* von der Lehre, die etwas behauptet; sowohl von der *wahren Philosophie*, als von der *falschen Vernünfteley*, und von der ihr entgegenstehenden *Schwärmerey* des gemeinen Verstandes. (Tetens, 1777, I, pp. 584-586 – itálicos no original)

raciocínios e reflexões, desprezando as experiências presentes no entendimento humano comum, pois, assim – como anunciou na passagem acima –, seus juízos correm o risco de se tornarem construções fantasiosas e devaneios.

Isso é o que ele procura destacar em sua discussão sobre a existência dos objetos externos, ao afirmar que nesse caso o idealismo e o ceticismo compartilham o mesmo erro. Quando trata dessa questão, como corretamente observaram Locaille (2014) e Stapleford (2014), Tetens não se preocupa em demonstrar a realidade dos objetos externos, deixando para os idealistas e céticos o ônus de apresentarem provas contrárias a isso. Para ele, importa mostrar que o entendimento humano comum julga segundo leis necessárias do pensamento, quando afirma a existência de objetos a partir da experiência – isto é, a partir das representações que temos deles.

Nesse contexto, Tetens apresenta, portanto, o modo de formação do conceito de substancialidade, conforme suas investigações psicológicas das faculdades cognoscitivas. De acordo com ele, a primeira ação da alma aqui consiste em separar a massa indiferenciada de impressões sensíveis, conforme seu grau de clareza, robustez e duração (ver seção 2.2.1). Essa divisão favorece a associação das impressões sensíveis semelhantes em representações internas ou externas. Assim, as impressões sensíveis mais intensas, duradoras e misturadas a outras sensações simultâneas comovem a alma e produzem mudanças perceptíveis nos órgãos sensoriais, sendo, por isso, reunidas em representações internas da alma ou do corpo. Já as mais claras e suaves – como as impressões visuais de figura e cor, que atravessam os olhos sem que possamos sentir as mudanças ocasionadas neles e notar as atividades da alma durante essa sensação – são atribuídas a objetos externos.[105]

Nesse ponto, é fundamental observar que a divisão e reunião das representações nessas duas classes antecedem as ações do pensamento, e fornecem a matéria, a partir da qual se estabelecem concomitantemente as ideias de alma, corpo e objeto externo. Todavia, para que um objeto possa ser pensado como um objeto real, que existe por si e perdura no tempo, Tetens acrescenta que deve haver uma distinção entre o objeto e sua representação, o que resulta, segundo ele, da comparação entre a impressão sensível renovada – naturalmente mais fraca – e a impressão sensível semelhante e presente. A partir dessa distinção, é pensada uma ligação causal, pressupondo o objeto como a fonte da representação sensível. Por fim, para

[105] A posterior distinção entre as representações internas fundamenta-se na mesma regra. Em comparação com as sensações corpóreas, as sensações das atividades anímicas são mais intensas e intimamente ligadas à força de pensar. Por essa razão, Tetens reafirma que não é possível conhecer as atividades cognoscitivas da alma no momento em que estão presentes, mas apenas posteriormente, o que remete a nossa discussão anterior sobre seu uso cauteloso da auto-observação (ver seção 2.1.2).

esse objeto ser tomado como perdurando no tempo, suas impressões sensíveis devem ter uma integralidade interna e serem sentidas como contínuas e duradouras.[106] Em outras palavras, devem preencher a alma integralmente, de modo que não exista nenhuma outra sensação simultânea, em relação à qual possam ser tomadas como sua parte ou traço (1777, I, pp. 395-400).

Com base nesses exemplos, podemos indicar a atitude conciliatória que Tetens tem em relação ao conhecimento racional e à opinião do homem comum. Trata-se de dois conhecimentos que resultam da mesma faculdade de pensar, e que se diferenciam apenas no seu grau de espontaneidade.[107] Deste modo, qualquer contradição entre eles é interpretada como um erro cometido por um dos dois lados. Para demonstrar que um juízo fundamentado em uma ligação casual estabelecida por hábitos é erroneamente tomado como necessário, pode-se recorrer à comparação de novas experiências e a provas estabelecidas por raciocínios que instruem sobre as ligações entre os fenômenos. Mas, para garantir que um juízo resulta da lei natural do pensamento, é necessário recorrer à investigação do próprio ato de pensar – analisar seu desenvolvimento, desde sua origem sensível e material até sua forma necessária, mesmo no caso dos juízos mais elevados da razão –, separando, assim, os que não admitem nenhuma exceção daqueles que são meras construções ilusórias. Como essa tarefa é parte da psicologia empírica, novamente notamos sua condição preliminar e indispensável à metafísica.

A partir disso, podemos dizer que os *Ensaios Filosóficos* prosseguem com o propósito explicitamente mencionado em *Sobre a Filosofia Especulativa em Geral*, na medida em que detalha e aprofunda a investigação psicológica dos conceitos gerais e princípios fundamentais da ontologia. Em que pese, porém, mais essa indicação da prioridade da investigação psicológica, essa posição aparecerá de forma clara e definitiva, só mais tarde, na *Metafísica*. Antes, porém, de passarmos para sua análise, é necessário esclarecermos um segundo aspecto na relação da psicologia empírica com a metafísica, a saber, sua relação com a psicologia racional.

---

[106] É interessante notar que, para Tetens, o conceito de tempo não é abstraído dos próprios objetos, mas sim dos atos de sentir a sequência, sucessão, duração e alternância das impressões sensíveis. Segundo ele, isso vale também para o conceito de espaço.

[107] Nesse sentido, concordamos com a interpretação de Sellhoff (2014), quando afirma que na metafísica procede-se como no senso comum, mas de forma elucidada e determinada, pois nela há um desenvolvimento do conhecimento racional. Essa interpretação é reforçada, quando observamos que, em *Metaphysik*, Tetens refere-se ao conhecimento do senso comum como uma "metafísica natural" (*natürliche Metaphysik*), quando seu conhecimento empírico sobre a alma e as coisas no mundo conduz ao um conhecimento de Deus e do mundo (2015, p.3).

4.2 A RELAÇÃO CORPO-ALMA

O próximo passo em nossa demonstração do papel vital desempenhado pela psicologia empírica nas discussões metafísicas está relacionado à maneira como Tetens compreende o problema corpo-alma e algumas questões clássicas da psicologia racional diretamente relacionadas a ele – e.g., substancialidade, imaterialidade e imortalidade da alma, etc. Antes de passarmos a essas considerações, é importante notar que parte da discussão acerca da relação corpo-alma apresentada nos *Ensaios Filosóficos* pertence à psicologia racional. Embora Tetens não faça aqui qualquer alusão direta à psicologia racional, quando observamos a seção dedicada a ela no curso de *Metafísica*, isso fica claro, na medida em que se trata, em sua grande parte, de uma reafirmação mais resumida dos argumentos apresentados aqui.[108]. Não vemos nisso, porém, nenhuma contradição com o seu projeto de psicologia empírica, pois, como procuraremos mostrar, Tetens não admite conclusões que extrapolam o que a experiência lhe permite conhecer, e mantém-se fiel ao seu método analítico. Contudo, em nossa exposição, tomaremos o cuidado de indicar o uso de conceitos e raciocínios próprios de sua psicologia racional.

Ao discutir a natureza do ser anímico no homem, isto é, ao tratar da relação da alma com a natureza animal do homem, composta de forças corpóreas mecânicas e nervosas, Tetens parte de dois princípios, que, segundo ele, podem ser sustentados empiricamente, embora em relação ao segundo princípio seja necessário o auxílio de alguns raciocínios.[109] Ele assim os apresenta:

> O primeiro princípio é este: "Certa parte interna de nosso corpo contribui para toda manifestação da alma; podemos chamar essa parte de cérebro, *sensorium commune*, órgão da alma, esquema da percepção, ou como quisermos."
> A outra verdade fundamental é a seguinte: "Existe em nós, além do órgão corpóreo da alma, um ser que atua em união com ele, mas que é algo existente por si ou uma substância, que chamamos de alma, no sentido psicológico, ou nosso Eu. E esse ser incorpóreo ou é o único que constitui, no homem, a natureza sensível, pensante, e ativa da alma, ou então é a parte mais nobre desse todo, sua substância principal, cujas características e ações

[108] É exclusivamente nesse curso de 1789 que Tetens apresenta uma definição explícita de sua psicologia racional, e seus principais temas: a imaterialidade da alma, a relação corpo-alma, o estado da alma antes do nascimento, a imortalidade da alma, a alma dos animais. Na seção seguinte, apresentaremos mais alguns aspectos dessa psicologia racional, quando analisarmos os parâmetros definitivos da relação entre psicologia empírica e metafísica.

[109] Ao longo dessa seção esse uso de raciocínios, inclusive de conceitos ontológicos, ficará mais claro. Por enquanto, cabe apenas frisar que esses dois princípios mostram claramente o que foi discutido anteriormente, a saber: o fato de a psicologia empírica de Tetens não tratar de um ser anímico incorpóreo (seção 2.1.1).

> constituem o essencial daquilo que chamamos de sentir, pensar e querer. Por isso mesmo, não estamos errados em atribuir àquela substância também nossas características, forças e expressões anímicas como sendo a natureza mais nobre." (Tetens, 1777, II, pp. 158-159 – itálicos no original)[110]

Mas o que significa exatamente a união corpo-alma postulada nesses princípios? Há entre as mudanças ocorridas no corpo e aquelas ocorridas na alma uma ligação causal real? Ou suas forças espontâneas e completamente distintas apenas agem harmoniosamente, sem que uma influencie à outra? Ou, ainda, seria necessário postular a assistência de Deus para garantir as mudanças e a harmonia geral requerida aqui? Tetens reconhece que a dificuldade em explicar a relação corpo-alma levou a todos esses questionamentos, e avalia que os sistemas psicológicos existentes têm-se mostrado incapazes de fazer aqueles princípios empíricos completamente compreensíveis, além de não refutarem completamente as explicações rivais.[111]

Ao recusar a primazia de um desses sistemas em detrimento dos outros, Tetens se vê então obrigado a formular sua própria explicação sobre a relação corpo-alma, o que faz por meio da investigação da sede da representação.[112] Dentre as várias hipóteses possíveis sobre a sede da representação, há três consideradas por ele como as principais.

A primeira e mais comum afirmação é a de que as modificações ou efeitos das sensações são características da alma, guardadas e renovadas apenas por ela. Ao cérebro caberia disponibilizar a matéria para a sua atividade, sem que houvesse nele qualquer registro ou capacidade de reprodução das modificações sensíveis. Essa hipótese, avalia Tetens, apesar

---

[110] Der erste Satz ist dieser: "Zu jedweder Seeleaüβerung wirket ein gewisser innerer Theil unsers Körpers bey; wir mögen diesen Theil das Gehirn, das *sensorium commune*, Seeleorgan, schema perceptionis, oder wie wir wollen, benennen.„
Die andere Grundwahrheit ist folgende: „Es giebt auβer den gedachten körperlichen Seelenorganen in uns ein Wesen, das zwar in Vereinigung mit jenen wirkt, aber für sich ein eigenes bestehendes Ding oder eine Substanz ist, die wir die Seele in psychologischer Bedeutung oder unser Ich nennen. Und dieβ letztere unkörperliche Wesen ist es entweder allein, was das empfindende, denkende und thätige Seelenwesen im Menschen ausmacht, oder es ist doch der vornehmste Theil dieses Ganze, die Hauptsubstanz desselben, deren Beschaffenheiten und Aktionen das Wesentliche von dem ausmachen, was wir Empfinden, Denken und Wollen nennen, und der wir daher auch unsere Seelebeschaffenheiten und die Seelenkräfte und die Seelenaüβerungen als dem vornehmsten Wesen nicht unrecht beylegen. „(Tetens, 1777, II, pp. 158-159 – itálicos no original)

[111] Tetens refere-se aqui à teoria da harmonia pré-estabelecida de Leibniz, às teorias da assistência ocasional ou plena de Deus, representadas por R. Descartes (1596-1650) e N. Malebranche (1638-1715), respectivamente, e às teorias do influxo natural, seja a concepção predominante no entendimento humano comum, que entende a alma como fator causal determinante dos eventos mentais, seja a visão apresentada por Bonnet, que atribui ao cérebro a ocorrência mental, restando à alma apenas o fortalecimento ou o enfraquecimento dos movimentos corpóreos. Wunderlich (2014) caracteriza essas duas teorias do influxo como influxo máximo – teoria da máxima influência anímica – e influxo mínimo – teoria da mínima influência anímica –, respectivamente.

[112] Portanto, as faculdades do sentimento e da representação servem aqui de base para ilustrar as demais discussões concernentes às atividades anímicas mais espontâneas – e.g., pensamento, consciência, vontade etc. Já tópicos mais gerais, como a sede da alma, não são tratados por Tetens.

de explicar as representações voluntárias e a elaboração de representações pelo pensamento, não explica as representações involuntárias que importunam a alma mesmo contra sua vontade e esforço. (1777, II, pp. 223-238)

Em direta oposição à primeira hipótese, Tetens cita a teoria de Bonnet, para quem os movimentos das fibras cerebrais constituem idéias materiais em resposta às impressões sensíveis. Nesse caso, a capacidade de representação é uma consequência da organização cerebral, restando à alma reagir e comportar-se junto aos movimentos cerebrais, fortalecendo ou enfraquecendo sua atenção sobre eles, o que afeta a permanência ou interrupção das representações no cérebro. Embora essa segunda hipótese se sobressaia em relação à primeira, especialmente quando se considera os efeitos da doença e da idade sobre a memória, e a ocorrência das representações involuntárias, Tetens nota que há também aqui uma concordância apenas parcial com o que é observado na experiência. A esse respeito, ele destaca que a maior dificuldade da teoria psicológica bonnetiana é a restrição do poder interno da alma à autodeterminação da atenção. De acordo com sua interpretação, isso contraria os fatos anímicos obtidos pelo auto-sentimento, mais particularmente a distinção entre a associação espontânea da imaginação produtiva e a reprodução de representações segundo a coexistência e semelhança das impressões sensíveis. Além disso, acrescenta Tetens, há aqui uma concepção precária da liberdade da alma, que, em seu sentido pleno, deve implicar a mais elevada espontaneidade da alma, isto é, a capacidade de agir, mas também de deixar de fazer algo ou agir de forma diferente sob circunstâncias iguais.[113] Por fim, Tetens observa que o fato de haver poucas observações sobre o funcionamento da organização cerebral obriga Bonnet a construir seus conceitos e princípios a partir de especulações; problema esse já apontado por ele quando defendeu o auto-sentimento como o método psicológico por excelência (ver seção 2.1.1) (1777, II, pp. 239-283).

Após constatar a insuficiência dessas primeiras hipóteses, Tetens chega finalmente à terceira e última hipótese, à qual atribui maior probabilidade. Trata-se de uma hipótese intermediária que pressupõe que tanto no cérebro quanto na alma são mantidos e recuperados traços de impressões sensíveis anteriores. Nesse ponto, Tetens esclarece que, embora a natureza das ideias materiais e de suas associações ainda não seja suficientemente conhecida, não restam dúvidas de que as impressões sensíveis propagam-se e associam-se tanto no

[113] É oportuno ressaltar novamente que, em Tetens, a espontaneidade da alma não se identifica com um poder interno completamente livre. Como corretamente enfatiza Halmann (2014), a liberdade encontra-se em todos os tipos de atividade anímica, mas varia conforme aumenta ou diminui a dependência da ação em relação às condições internas, corpóreas e externas. Assim, há casos em que apenas a atividade interna da alma produz a ação; mas outras em que a alma necessita de causas externas – ocasiões – para agir.

cérebro quanto no próprio corpo – como atestam os movimentos involuntários, os movimentos de animais decapitados etc. Deste modo, ele afirma que, no homem, o ato de representar deve ser considerado um processo simultaneamente material e psíquico (1777, II, pp.284-299).

Vale aqui ressaltar que Tetens está ciente de que essa explicação é apenas uma hipótese, que, contudo, tem seu uso justificável pelo fato de não contradizer os dados da experiência nem deixar lacunas na compreensão do modo como as representações são aceitas e renovadas. Para demonstrar isso, não se limita a apontar concordâncias com os fatos introspectivos, e recorre também a uma série de observações médico-fisiológicas sobre a natureza animal,[114] que atestam sua harmonia com o que é observado nos movimentos involuntários e nas ações voluntárias. Assim, Tetens entende que essa terceira hipótese permite explicar ações, em que as forças corpóreas são mais determinantes, como acontece na reação natural da pupila à luminosidade, nos movimentos peristálticos, no uso preferencial de um dos lados do corpo. Nessas ocasiões de movimentos involuntários, pode-se que dizer que o efeito da alma é em geral muito limitado ou insignificante, exceto nos casos em que a atividade imaginativa é demasiadamente intensa, como demonstram os efeitos do placebo, a histeria, a hipocondria etc. Esses exemplos, apesar de raros e extraordinários, mostram, segundo Tetens, que a determinação anímica pode modificar uma sequência de movimentos orgânicos naturais, e eventualmente substituir uma causa orgânica (1777, II, pp. 315-339).

Por outro lado, essa mesma hipótese não nega o fato de a alma ser a causa principal de ações voluntárias, que se direcionem a determinados objetos por meio do anseio e desejo, e de habilidades voluntárias, como pintar, escrever, dançar, tocar um instrumento etc. De acordo com Tetens, o que acontece aqui – assim como no caso anterior – está sujeito à influência simultânea da alma e da organização cerebral, com a diferença de que agora a força anímica é mais ativa. Trata-se de ações e habilidades que pressupõem a representação do objeto desejado e da sequência de movimentos a serem executados, respectivamente, sendo governadas por essa representação. Isso, contudo, não coloca em questão a função da força orgânica, pois, como lembra Tetens, toda representação é resultado de uma sensação. Assim, antes da alma poder representar-se uma ação e desenvolvê-la conforme sua vontade, a própria ação deve ser realizada. Portanto, inicialmente as ações voluntárias são meramente

[114] Tetens refere-se especialmente ao trabalho de J. A. Unzer (1727-1799), *Physiologie der thierischen Natur* de 1771. A enfática referência a essa obra não significa, contudo, um pleno acordo com as interpretações de Unzer. De fato, Tetens mostra-se interessado apenas nas observações sobre a natureza animal e nos princípios gerais derivados delas.

instintivas.[115] Além disso, Tetens observa que para o completo desenvolvimento de uma habilidade, não basta representar a série de movimentos, é preciso exercitar o corpo, a fim de que adquira a velocidade e a disposição necessárias aos movimentos. Portanto, há novamente aqui uma cooperação entre as forças anímica e corpórea, embora nesse caso a primeira força seja maior que a segunda, pelo menos até que a habilidade torne-se mais mecânica (1777, II, pp. 339-357).

A partir disso, podemos entender que Tetens admite uma comunidade do corpo com a alma – uma influência real e recíproca entre eles –, pensada, sobretudo, em termos de cooperação, de modo que às modificações sentidas ou reproduzidas na alma correspondam modificações no cérebro e vice-versa, e juntas constituam uma representação sensível completa.[116] Um exame mais cuidadoso dessa hipótese admitida por Tetens nos permite ainda notar uma aproximação em relação à teoria do influxo natural, mas em uma versão modificada. O próprio Tetens esclarece essa ligação causal modificada no terceiro capítulo de sua psicologia racional na *Metafísica:*

> Toda modificação na alma depende, em parte, de seu princípio interno, e, assim, não é completamente uma paixão. Pode ser que em toda paixão exista uma causa externa apenas para a razão de ela ser assim e não de outro modo, mas, que, ao contrário, a força que contém o princípio do absoluto está na própria substância.
> Se esse for o caso, trata-se então de um sistema intermediário entre a completa causalidade e a harmonia. A causalidade está sempre no ser em que a modificação ocorre. Mas dessa causalidade não segue o que acontece sem circunstâncias e causas externas, que são, então, apenas causas ocasionais. Mas, assim, há uma verdadeira ligação causal entre as duas. (Tetens, 2015, p.251)[117]

Com isso, torna-se novamente visível que, embora seja correto atribuir ao ser anímico as ações de sentir, pensar e desejar, visto que é o princípio a partir do qual elas ocorrem –

---

[115] Aqui, vale lembrar o que esclarecemos no primeiro capítulo (seção 1.2.3). Tetens utiliza o termo 'instinto' para designar a expressão de forças cegas, isto é, impulsos e atividades que não são determinados por uma representação clara de seu objeto e modo de ação.

[116] Na *Metafísica*, Tetens (2015, p.59) define essas modificações correspondentes na alma e no corpo como modificações harmônicas (*harmonischen Veränderungen*). Sellhoff (2015) identifica aqui uma referência a G. F. Meier (1718-1777), que, define modificações correspondentes como mudanças em uma substância que dependem da influência de outra substância.

[117] Jede Modifikation der Seele hängt zum Theil ab von ihrem innern Princip, in so fern ist keine ganz und gar eine Paβion. Dieβ kann so weit gehen, daβ in jeder Paβion nur das Warum so und nicht anders eine äuβere Ursache habe, die Kraft hingegen, welche das Princip des Absoluten enthält, in der Substanz selbst sey.
Wenn es so ist, so ist dieβ ein System, welches zwischen der völligen Causalität und der Harmonie gleichsam ein Mittel ist. Die Causalität ist allemal in dem Wesen, worin die Modification erfolgt. Aber aus dieser Causalität erfolgt das nicht, was erfolgt, ohne äuβere Umstände , äuβere Ursachen, die als dann nur causa occasionales sind. Aber demnach ist eine wahre ursachliche Verknüpfung zwischen beyden. (Tetens, 2015, p.251)

como Tetens sustentará na demonstração da imaterialidade da alma –, essa afirmação não exclui a ação do órgão corpóreo, que é necessário não apenas para conduzir a impressão sensível de um objeto à alma, mas também à sua reação, já que os traços deixados pelas modificações sensíveis também devem ser reproduzidos no cérebro.

Nesse ponto, contudo, deparamo-nos com um importante questionamento. Como é possível a interação entre duas substâncias distintas? Entre um ser corpóreo e um incorpóreo, como está expressamente afirmado no seu segundo princípio inicialmente apresentado. Tetens vai buscar a solução para esse questionamento na filosofia de Leibniz. Esse apelo à filosofia leibniziana – aparentemente inconsistente, tendo em vista que Leibniz, em sua teoria da harmonia pré-estabelecida, endossa uma causalidade intrasubstancial, em detrimento do influxo físico intersubstancial[118] – é uma estratégia perfeitamente compreensível quando atentamos para o fato de que, na Alemanha, desde a primeira metade do século XVIII, há um movimento intelectual de revalorização da teoria do influxo, desenvolvido em estreita relação com a teoria da harmonia pré-estabelecida. Nesse período, como bem retratam os clássicos trabalhos de Watkins (1995, 1998) e, mais recentemente, Lorini (2016), surgem novos representantes da teoria do influxo, que não só estruturam suas teorias em resposta às críticas de Leibniz, mas, também as fundamentam em princípios leibnizianos, interpretados diferentemente no interior de cada teoria em que são empregados.[119]

Deste modo, não nos surpreende o fato de Tetens mostrar-se convencido de que o caminho correto para se conceber a interação corpo-alma está dado na monadologia leibniziana, como fica claro na seguinte passagem:

> É certamente verdade que material e imaterial sejam contrapostos no sentido dos imaterialistas, mas se o senhor Priestley tivesse estudado Leibniz e Wolff, descobriria que segundo a opinião de muitos filósofos, essa heterogeneidade diz respeito apenas à diferença entre uma coisa e um monte de coisas unidas umas às outras. A alma é apenas uma coisa existente por si, uma força; o corpo é um todo constituído por muitas unidades, cujas partes estão unidas umas às outras de acordo com o lugar; e a matéria é o agregado

[118] Partindo da harmonia pré-estabelecida, Leibniz estabelece que os verdadeiros predicados das mônadas já são pré-estabelecidos em seu próprio conceito. Portanto, elas são unidades substanciais impenetráveis a qualquer ação do exterior, sendo por isso incompatível com explicação apresentada na teoria do influxo natural (Lorine, 2016; Watkins, 1998). Além da recusa por parte de Leibniz, a teoria do influxo natural também foi duramente criticada por Wolff. Em *Metafísica Alemã* (1720), Wolff a avalia como um produto ingênuo do senso comum e coloca em questão sua admissão na filosofia. Por um lado, ele alega que não há nenhuma evidência empírica da relação causal entre a alma e o corpo, e, por outro, rechaça a teoria do influxo por infringir o princípio de conservação de forças e a autonomia tanto da alma quanto do corpo (Araujo, 2013).

[119] Nesse contexto, destacam-se, por exemplo, os trabalhos de A. G. Baumgarten (1714-1762), C. A. Crusius (1715–1775), G. Darjes (1714–1791), J. C. Gottsched (1700-1766), J. P. Reusch (1691-1754), M. Knutzen (1713-1751). Para maiores detalhes de suas teorias, conferir Watkins (1995, 1998).

> ou o conjunto de tais substâncias simples, quando se desconsidera sua união específica a um todo no pensamento. (Tetens, 1777, II, p. 181-182)[120]

Está claro, então, que Tetens relativiza a heterogeneidade entre o corpo e a alma, ao admitir que o corpo e a alma são constituídos por unidades substanciais ou mônadas.[121] Definidos nesses termos, a diferença entre eles nada mais é do que uma diferença entre um agregado de substâncias – substância composta – e uma substância simples. Segundo Tetens, no corpo, as unidades substanciais – ainda que em íntima comunicação e ordenação – têm suas próprias modificações e qualidades, sem que isso pertença simultaneamente a outras partes e ao corpo como um todo. Isso faz com que a unidade corpórea seja um composto resultante da adição de partes distintas e existentes por si. Já a unidade substancial da alma caracteriza-se por ser um todo contínuo. Assim, mesmo quando admitimos uma diversidade de atos anímicos – isto é, uma variação em termos de faculdades, estados etc. –, isso difere do que ocorre no corpo, pois cada modificação em uma parte é simultaneamente uma modificação em outras partes, mas também no todo. Junto a isso, esclarece-se a continuidade entre as faculdades da alma, à qual nos referimos anteriormente (seção 2.2). Além disso, essa distinção entre substância simples e composta é pressuposta na prova da imaterialidade da alma, como veremos logo adiante.

Mas, se, por um lado, a apropriação da monadologia leibniziana permite a Tetens eliminar um obstáculo à teoria do influxo natural, por outro lado, sua admissão nos leva a alguns questionamentos importantes em relação seu ao projeto psicológico. Ora, Tetens já havia anunciado que não é possível determinar empiricamente a natureza fundamental da força anímica, o que significa, então, exatamente sua existência como unidade substancial? Como ele legitima essa nova afirmação? Haveria aqui uma mudança no seu plano de análise, isto é, uma passagem do nível empírico para uma discussão lógico-racional sobre a natureza da alma?

---

[120] Nun ist es zwar wahr, daβ immateriell und materiell nach dem Sinn der Immaterialisten als solche einander entgegengestellet werden; aber wenn Hr. Priestley Leibnitzen und Wolfen studieret hätte, so würde er gefunden haben, daβ, nach der Meinung mancher Philosophen, jene Heterogeneität nur so weit gehe, als die Verschiedenheit zwischen Einem Dinge und zwischen einem Haufen von mehren, die mit einander vereinigt sind. Die Seele ist nur Ein für sich bestehendes Ding, Eine Kraft; der Körper ist ein aus mehrern Einheiten bestehendes Ganzes, dessen Theile mit einander dem Ort nach vereiniget sind; und Materie ist das Aggregat, oder die Menge solcher einfachen Substanzen, wenn man ihre bestimmte Vereinung zu Einem Ganzen in Gedanken bey Seite setzet. (Tetens, 1777, II, p. 181-182)

[121] É importante deixar claro que se trata aqui de uma interpretação e apropriação da monadologia leibniziana. Tetens rejeita o encerramento das mônadas em si mesmas, o que lhe permite afirmar a interação entre elas. É somente a partir dessa acepção que podemos entender, por exemplo, sua afirmação inicial de que a alma é uma força ativa, mas simultaneamente capaz de receber impressões e sofrer mudanças produzidas por causas externas a ela, como acertadamente sugeriu Barnouw (1983).

A nosso ver, não parece ocorrer aqui nenhuma mudança radical em seu plano de análise, tendo em vista que Tetens é cauteloso em não ultrapassar aquilo que a experiência pode oferecer. Não é por acaso que ele próprio identifica seu distanciamento em relação ao que os imaterialistas procuram demonstrar em suas provas:

> Eu não me atrevo a ir além da conclusão de "que, no ser anímico humano, além do órgão corpóreo, existiria um ser incorpóreo simples, uma verdadeira unidade substancial, que, de fato, é a coisa que sente, pensa e quer". A luz, que iluminou até aqui, se apaga quando se pretende provar aquilo que, de outro modo, os imaterialistas procuraram demonstrar. O resultado até aqui comprovado conduz apenas a uma ideia que, por assim dizer, encontra-se entre a ideia habitual dos últimos e a ideia oposta dos materialistas. (Tetens, 1777, II, p. 210)[122]

Para compreendermos o sentido específico desse afastamento de Tetens em relação à tradição metafísica,[123] o primeiro aspecto a ser ressaltado é que a unidade substancial é aqui entendida como a unidade do eu imediatamente dada através do auto-sentimento. Trata-se, portanto, de um princípio empírico, como fica claro na seguinte passagem:

> Trata-se de um princípio de observação tão comprovado quanto possível, "que o Eu, que vê, é o mesmo que ouve, saboreia, cheira, sente, pensa, quer;" ainda que não saibamos em que consistem essas manifestações da alma e só tenhamos delas representações confusas e relativas, como são nossas aparências dos corpos. Eu, que sinto, penso, sou afetado, sofro, ajo, sou um único e mesmo ser, coisa ou força, como se quiser chamar; tanto assim que não tenho nenhum conceito de uma identidade maior do que essa identidade do meu Eu. Não consigo representar que A seja mais idêntico a A, ou que uma coisa possa ser mais idêntica a si mesma do que o Eu que pensa o é idêntico ao Eu que deseja. (Tetens, 1777, II, p. 191)[124]

---

[122] Weiter, als bis zu dieser Folgerung, „daβ in dem menschlichen Seelenwesen, auβer dem körperlichen Organ, ein einfaches unkörperliches Wesen, eine wahre substantielle Einheit vorhanden sey, welche eigentlich das fühlende, denkende und wollende Ding ist", getraue ich mich nicht fortzugehen. Das Licht, daβ bis hierher scheinet, verliert sich,wenn man ein mehreres von dem erweisen will, was sonsten die Immaterialisten zu beweisen suchen. Daβ bisher erwiesene Resultat führet nur auf eine Vorstellung, die gleichsam zwischen der gewöhnlichen Vorstellung der letztern, und zwischen der entegegensetzten des Materialisten, in der Mitte lieget. (Tetens, 1777, II, p. 210)

[123] Esse afastamento é amplamente mencionado na literatura secundária – e.g., Dessoir (1964), Harms (1878), Sturm (2001), Thiel (2014). No entanto, deve-se fazer a ressalva de que até então não tinha recebido nenhuma análise detalhada.

[124] Es ist ein so sehr erwiesener Beobachtungssatz, als es sonsten einer seyn kann,"daβ das Ich, welches siehet, das nämlich ist, welches höret, schmecket, riechet, fühlet, denket, will;" wenn wir auch nicht wissen, worinn diese Aeuβerungen der Seele bestehen, und nur so verwirrte und relative Vorstellungen davon haben, als unsere Scheine von den Körpern sind. Ich, der ich fühle, denke, afficirt werde, leide, handle, bin so sehr Eins und dasselbige Wesen, Ding oder Kraft, wie man es nennen will, daβ ich keinen Begriff von einer gröβern Identität habe, als diese Identität meines Ichs ist. Ich kann mir nicht vorstellen, daβ A mehr einerley mit A, oder ein Ding mehr einerley mit sich selbst seyn könne, als das Ich, welches denket, es ist mit dem Ich, welches will. (Tetens, 1777, II, p. 191)

Que a identidade do eu, à qual Tetens se refere, está baseada em fatos empíricos fica também evidente em outras passagens dos *Ensaios Filosóficos.* Esse é o caso, por exemplo, da declaração apresentada no quinto ensaio, quando rejeita a possibilidade da representação do Eu ser uma soma de representações singulares feita pela imaginação, e contrapõe à afirmação de Hume o fato de as representações sensíveis internas serem sempre imediatamente sentidas em relação a um fundamento – um sentimento constante, ainda que obscuro do Eu –, resultando daí a ideia de um todo permanente, em relação à qual as modificações anímicas são naturalmente sentidas como seus traços salientes – suas qualidades (1777, I, pp. 391-395).

Mais adiante, Tetens apresenta outra declaração fundamental para a nossa interpretação. Trata-se de sua advertência para não se tomar a unidade substancial e a imaterialidade sugeridas pelo auto-sentimento como provas sólidas a favor de sua imortalidade. Em suas palavras:

> Em que medida o órgão corpóreo da alma é indispensável não só para produzir os atos do pensamento, mas também para manter a faculdade de pensar? Essa questão não fica imediatamente decidida quando se prova a imaterialidade da alma; e o que muitos disseram baseia-se no que não depende muito da imaterialidade da alma. Pois, se agora se aceita que nosso Eu é um ser simples ou incorpóreo, ele fica, assim, apenas excluído da destruição, à qual estaria sujeito como matéria; mas não se exclui a dúvida acerca da permanência da alma como ser que pensa e sente. E ainda que se saiba aquilo, mas não sobre essa última, então, como alguns pensam, não deveríamos nos preocupar muito com isso. (Tetens, 1777, II, pp. 200-201)[125]

Para que possamos compreender a relevância dessa passagem, primeiro cabe destacar que Tetens endossa o argumento dos imaterialistas contra a hipótese de que a alma seria um atributo do corpo.[126] Nesse contexto, sua principal referência é o célebre *Phaedon* de M. Mendelssohn (1729-1786),[127] mais particularmente o terceiro argumento de seu segundo

---

[125] In welcher Maβer ist das körperliche Organ der Seele unentbehrlich, nicht nur um wirkliche Denkaktus hervorzubringen, sondern um ihre Denkvermögen zu behalten? Diese Frage wird noch nicht zugleich entschieden, wenn die Immaterialität der Seele bewiesen ist; und darauf gründet sich, was Verschiedene gesagt haben, daβ von der Immaterialität der Seele nicht sehr vieles abhange. Denn wenn es nun auch ausgemacht wird, daβ unser Ich ein unkörperliches oder einfaches Wesen ist: so wird es dadurch nur der Zerstörung entzogen, der es sonsten als Materie unterworfen seyn würde; aber es wird dadurch keine Fortdauer als Seele, als fühlendes und denkendes Wesen, nicht auβer Zweifel gesetzet. Und ob man nun jenes wisse, wenn man doch das letztere nicht weiβ, daran dürfe uns, wie einige meinen, wenig gelegen seyn. (Tetens, 1777, II, pp. 200-201)

[126] Essas provas racionais são parte da psicologia racional, como fica claro na *Metafísica*. Entretanto, como em sua demonstração há o emprego de princípios empíricos, decidimos apresentá-las como um reforço a mais à tese de que na psicologia empírica Tetens não transcende o que a experiência lhe permite sustentar.

[127] *Phaedon oder über die Unsterblichkeit der Seele in drey Gesprächen* (*Fédon ou sobre a imortalidade da alma em três diálogos*), publicado em 1767, é uma obra que revigorou o argumento de Platão segundo o

diálogo, onde Mendelssohn infere a simplicidade da alma a partir da unidade necessária do pensamento – o "Aquiles de todos os raciocínios dialéticos da psicologia pura", segundo a interpretação de Kant (1781-87/2001, A351).[128]

Na exposição dessa prova, Tetens considera duas possibilidades. Primeiramente, ele toma a alma como um agregado de substâncias, cujo poder é dissimilar ao todo. Isso implica dizer que as substâncias não têm em si o ato de sentir ou pensar, pois isso é uma ação do coletivo – isto é, constituída pela reunião das ações elementares. Nesse caso, afirma Tetens, é necessário pressupor um ser onde as ações elementares colidem, e é esse ser aquilo que propriamente sente e pensa. Portanto, sentir, pensar, querer devem ser atos de um ser simples, pois, do contrário, permaneceriam dispersos.[129] Em seguida, ele avalia a possibilidade de existir mais de uma substância assim no homem – a hipótese de que alma seria uma agregação de substâncias que pensam, desejam e percebem de modo semelhante entre si e em relação ao todo. Essa última possibilidade é rechaçada por contradizer a experiência, que conduz a um único ser anímico ou eu no homem.

Ao mesmo tempo, porém, em que Tetens enfatiza que a alma é a unidade imprescindível para a ocorrência das atividades de sentir, pensar e querer, é notável também sua afirmação – expressa na passagem anterior – de que sua simplicidade e imaterialidade de modo algum garantem a permanência de suas atividades após a morte, isto é, após cessar a união e o auxílio do corpo. A nosso ver, essa restrição em seu raciocínio é mais um reforço à interpretação até aqui apresentada. Em outras palavras, o interesse de Tetens aqui é

---

pensamento leibniziano, e tornou-se uma notável referência na segunda metade do Iluminismo alemão. Aqui, é curioso notar que um dos aspectos mais perspicazes da argumentação de Mendelssohn, a saber, a demonstração de que a simplicidade da alma impossibilita pensar sua incorruptibilidade – por ser simples, ela não pode sofrer um perecimento gradual sem chegar a uma contradição com a tese da continuidade do tempo, nem ser extinta, pois isso não seria naturalmente possível – não é considerado na exposição de Tetens, nem mesmo na *Metafísica*, quando apresenta as principais provas a favor da incorruptibilidade e imortalidade da alma. Kant também falha em apresentar esse argumento, embora em sua réplica à Mendelssohn demonstre uma compreensão precisa do mesmo, como procuramos mostrar em trabalho anterior (Lauro, Dreher & Araujo, 2014).

[128] De acordo com Heimsoeth (1966), esse título resulta do elevado poder de persuasão e da ampla aceitação do argumento da simplicidade da alma, sendo, por isso, comparável ao mais difícil e irrefutável argumento de Zenão de Eléia sobre o movimento: os ligeiros pés de Aquiles jamais alcançariam uma lenta tartaruga, que corre a sua frente, uma vez que haveria uma série sucessiva e infinita de pontos que sempre os separa.

[129] Aqui, podemos pensar que a crítica de Kant ao argumento da simplicidade da alma é aplicável à psicologia empírica de Tetens, na medida em que não há aqui a diferença fundamental entre o plano transcendental e o psicológico. De acordo com a crítica kantiana, "nada é mais natural e mais sedutor do que a aparência, que nos faz tomar a unidade, na síntese dos pensamentos, por uma unidade percebida no sujeito desses pensamentos" (1781-87/2001A402). Sobre a natureza do ser pensante, reforça Kant, temos apenas uma afirmação indeterminada, que expressa a necessidade puramente lógica de constância e unidade dos pensamentos. Nesse sentido, a transposição desse princípio lógico de unidade à realidade de uma substância simples, tomada como sujeito desses pensamentos, é um erro. Entretanto, não podemos deixar de notar que, na *Metafísica*, após reafirmar seu princípio empírico acerca da unidade do eu, Tetens acrescenta a seguinte expressão: "objeção do senhor Kant" (Tetens, 2015, p.243). Isso nos permite sugerir que Tetens reconheceu essa objeção de Kant, embora não apresentasse nenhuma resposta a ela.

claramente o de se manter no campo dos fatos empíricos, atendo-se, por isso, à existência da alma na vida do homem, antes que à sua permanência metafísica.[130]

Tendo esclarecido como o problema corpo-alma é tratado na psicologia empírica de Tetens, parece-nos agora oportuno indicar sua relação com outro plano de investigação: a análise lógico-racional, o qual pertence à sua psicologia racional, como ficará claro na seção seguinte. Apesar de Tetens não fazer aqui nenhuma referência explícita à sua psicologia racional, o curso de *Metafísica* nos permite revelar que ela está subentendida nos *Ensaios Filosóficos*, mais particularmente nas passagens em que Tetens avalia as hipóteses existentes e formula sua hipótese sobre a sede da representação, defende sua hipótese de influxo natural, admite o conceito de mônadas e o argumento de Aquiles, apresenta reservas quanto à imortalidade da alma. Sendo assim, não deveríamos considerar aqui uma possível influência da psicologia empírica sobre a psicologia racional, tendo em vista que essas hipóteses, conceitos e argumentos metafísicos só são aqui aceitos ou rechaçados de acordo com seu grau de concordância com as observações e princípios empíricos já estabelecidos? Aqui, não devemos nos esquecer de que um dos objetivos de Tetens nos *Ensaios Filosóficos* é justamente esclarecer a exatidão de alguns princípios da psicologia racional, como vimos na introdução do capítulo anterior. Além disso, nas suas discussões metafísicas iniciais, encontramos claros indícios dessa relação (ver seção 1.2.1).

4.3 A ARQUITETÔNICA DA METAFÍSICA

Tendo apresentado a relevância da psicologia empírica para a ontologia e a psicologia racional, a questão fundamental, que novamente deve ser colocada, é aquela referente ao lugar que a psicologia empírica ocupa no sistema metafísico de Tetens. A resposta definitiva a essa questão nos é dada somente no curso de *Metafísica* de 1789, quando Tetens finalmente apresenta uma reestruturação de sua metafísica, revendo aí lugar da psicologia empírica. Portanto, nesse curso, Tetens não só reúne reafirmações de temas tratados em suas próprias obras, como também apresenta alguns contornos mais definitivos das disciplinas metafísicas.

Logo no início de suas considerações, Tetens expõe as disciplinas fundamentais da metafísica – 1) ciência da alma, psicologia, pneumática ou doutrina da alma; 2) ciência do mundo em geral ou cosmologia geral; 3) ciência de Deus ou teologia da razão; e 4) ciência

[130] Em que consiste a vida da alma após a morte e as suas ações antes do nascimento são questões que Tetens discute em sua psicologia racional. Portanto, vale reforçar que suas reservas em discutir essas questões nos *Ensaios Filosóficos* não implicam um agnosticismo – como sugere Wunderlich (2014). Trata-se apenas de um reconhecimento dos limites de sua psicologia empírica.

das coisas em geral, ciência fundamental, ontologia, ou, ainda, metafísica no sentido estrito da palavra –, retomando o que já havia apresentado em seus ensaios filosóficos de 1760 e 1775. Em seguida, porém, ele anuncia pela primeira vez que na ordenação dessas quatro disciplinas, pode-se começar pela psicologia empírica. Em suas próprias palavras:

> A metafísica divide-se naturalmente nas 4 partes mencionadas acima. Essas podem ser ordenadas de diferentes modos. Em uma exposição completamente *sintética*, a *ciência fundamental* precede. Mas não há nenhum problema em começar com a *psicologia empírica*, a fim de preparar o entendimento para a elaboração dos conceitos gerais na *ontologia*. (Tetens, 2015, p. 4 – itálicos no original).[131]

Podemos então constatar o caráter propedêutico da psicologia empírica. Segundo nossa interpretação, essa afirmação de que a psicologia empírica é uma ciência preparatória para ciências mais abstratas, como a ontologia,[132] deve ser entendida em relação direta com o método filosófico adotado por Tetens. Desde o início de suas considerações filosóficas, torna-se evidente que Tetens segue exclusivamente um procedimento analítico, acreditando poder encontrar uma solução para os problemas da metafísica na investigação empírica. Em outras palavras, isso implica dizer que a psicologia empírica desempenha aí esse papel imprescindível da experiência, na medida em que fornece experiências imediatas e seguras sobre a alma e suas faculdades cognoscitivas.

Ora, se até mesmo a ontologia, que, em suas obras iniciais, ocupa o primeiro lugar na estruturação da metafísica por ter conceitos e princípios fundamentais às demais disciplinas, não pode prescindir da psicologia empírica, então nos parece justificável sua prioridade em relação a todas as disciplinas metafísicas. Deste modo, o curso de metafísica apresentado por Tetens tem a seguinte ordem: psicologia empírica, ontologia, psicologia racional, cosmologia e teologia.

Tendo situado o novo lugar da psicologia empírica no sistema metafísico de Tetens, deparamo-nos com uma dificuldade. Em *Sobre a Filosofia Especulativa*, Tetens não havia afirmado que a investigação da alma, quando comparada com a investigação da natureza, requer maior auxílio de raciocínios e reflexões, inclusive de conceitos e princípios

---

[131] Die Metaphysik zerfällt natürlich in die obenerwähnten 4 Teile. Diese können auf verschiedene Art geordnet werden. Bey einem völlig *synthetischen* Vortrage wird die *Grundwißenschaft* vorangesezt. Aber es hindert nichts auch bey der *Erfahrungsseelenlehre* anzufangen, um den Verstand zur Bearbeitung der Gemeinbegriffe in der Ontologie vorzubereiten. (Tetens, 2015, p. 4 – itálicos no original)

[132] Em um contexto semelhante aos seus textos filosóficos iniciais e ao que discutimos na primeira seção desse capítulo, Tetens afirma que os conceitos gerais e princípios fundamentais da ontologia não são deduzidos imediatamente da experiência, e reconhece a necessidade de se mostrar a sua objetividade por meio da psicologia empírica.

ontológicos? Além disso, ele não se permitiu misturar raciocínios, reflexões e observações em alguns momentos dos *Ensaios Filosóficos,* por conta da assimetria entre essas investigações? Como podemos então conciliar essas afirmações com o novo lugar da psicologia empírica na metafísica?

Para compreendermos melhor o sentido exato da relação entre a psicologia empírica e a ontologia, temos que, primeiramente, entender algumas diferenças fundamentais entre o modo de proceder da psicologia empírica e da psicologia racional, que só foram esclarecidos na *Metafísica.* De fato, há uma única passagem na *Metafísica*, em que Tetens esclarece essas diferenças:

> *A psicologia ou doutrina da alma é a ciência da alma humana e da alma dos seres semelhantes a ele.*
> Divide-se em *observante* (psicologia empírica) e *raciocinante* (racional). Àquela pertence o que é imediatamente conhecido com base em observação e inferências fáceis a partir da mesma. A essa, aquilo que é conhecido da alma por meio de um raciocínio mais desenvolvido a partir de princípios gerais fundamentais, aplicado às observações. (Tetens, 2015, p. 7 – itálicos no original)[133]

No que diz respeito ao domínio da psicologia empírica, podemos entender a passagem acima como uma reafirmação concisa do método analítico detalhado nos *Ensaios Filosóficos.* Já em relação à psicologia racional, aparece pela primeira vez uma breve afirmação sobre seu método. A psicologia racional procede a partir de princípios gerais fundamentais aplicados sobre o que a experiência estabelece. Isso nos leva a crer que, para Tetens, a psicologia racional deve se servir de conceitos e princípios metafísicos, sem desprezar os dados da experiência psíquica.

Aqui, notamos, portanto, mais uma indicação a favor da afirmação anterior, segundo a qual a psicologia racional depende da psicologia empírica, que lhe fornece princípios relativos à experiência, aos quais suas hipóteses devem ser aplicadas e corroboradas. Porém, para sermos mais precisos, falta aqui uma ressalva. Ainda que o conhecimento da alma pelo auto-sentimento constitua grande parte dos princípios empíricos presentes na psicologia racional de Tetens – especialmente em relação ao problema corpo-alma e à imaterialidade da alma, como vimos anteriormente –, não há aqui qualquer indicação que nos permita concluir que as

---

[133] *Die Psychologie oder Seelenlehre ist die Wißenschaft von der menschilichen Seele und den ihr ännlichen Wesen.*
Sie wird in die *betrachtende* (psychologia empyrica) und in die *raisonnirende* (rationalis) abgeteilt. Zu jener wird das gerechnet, was unmittelbar aus Beobachtung und durch leichte Folgerungen aus selbigen erkannt wird. Zu dieser dasjenige, was mittelst eines mehr entwickelten Raisonnements aus allgemeinen Grundsätzen auf die Beobachtungen angewandt, von der Seele erkannt wird. (Tetens, 2015, p. 7 – itálicos no original)

observações tenham que ser restritas ao plano puramente psicológico. De fato, não podemos deixar de notar que em relação a temas que extrapolam aquilo que o auto-sentimento permite conhecer – estado da alma antes do nascimento, imortalidade da alma, por exemplo –, Tetens recorre a observações fornecidas por outras disciplinas, de modo especial à fisiologia, embora não ofereça nenhuma elucidação sobre esse auxílio.[134]

A partir da demarcação dos domínios de cada parte da psicologia, estamos em condições de pensar o significado da influência da ontologia sobre a psicologia. Uma primeira possibilidade interpretativa seria restringirmos essa influência à psicologia racional, já que nela está explicitamente admitido o uso de conceitos e princípios metafísicos, e se reúnem os temas que mais requerem o seu auxílio. Nesse sentido, as afirmações dos textos iniciais referentes à dependência de raciocínios e conteúdos ontológicos caberiam apenas à psicologia racional. Essa análise, contudo, não nos parece completa, pois assim não explicamos as declarações posteriores presentes nos *Ensaios Filosóficos:* a psicologia empírica não é um mero conhecimento factual; aqui é mais difícil e raro separar raciocínios e experiências; não é prejudicial raciocinar e observar simultaneamente. Deste modo, resta-nos uma segunda interpretação. Embora quanto ao método de sua filosofia Tetens só se permita começar pela psicologia empírica, isso não significa que ela se mantém separada das reflexões e raciocínios da psicologia racional e da ontologia. Nesse sentido, justifica-se sua filiação à metafísica.

Tendo esclarecido o papel da psicologia empírica como disciplina metafísica, vamos agora, como etapa final de nossa discussão sobre seu estatuto, considerar, ainda que brevemente, a possibilidade de interpretarmos a obra de Tetens, sobretudo, os *Ensaios Filosóficos*, como parte da tradição antropológica do Iluminismo, como sugerem Puech (2012), Roth e Stiening (2014) e Sellhoff (2014, 2015), ao destacarem que há aqui uma investigação antropológica entrelaçada com a psicologia empírica.

Dada sua ênfase na natureza psicofísica do homem, não nos parece incorreto pensar uma relação entre psicologia empírica e antropologia em Tetens. Contudo, precisaríamos aqui determinar de forma mais exata essa relação, especialmente quando consideramos as sutilezas dessa relação na Alemanha do século XVIII. A esse respeito, o trabalho de Linden (1976) e, mais recentemente o de Sturm (2009), permitem observar que, além da riqueza e diversidade de posições quanto à caracterização da antropologia e psicologia, não há nesse período uma compreensão inequívoca desses termos, pois esses campos de conhecimento não estão não estão institucionalizados como disciplinas. Isso significa que uma investigação, designada por

[134] Assim, Tetens (2015) apresenta analogias entre a formação e o desenvolvimento do corpo e a organização e desenvolvimento da alma.

um grupo de autores como psicologia, por outro é considerada como parte da antropologia, e ainda para um terceiro grupo pode ser algo inteiramente indistinto. Sem adentrarmos nos pormenores dessa relação, interessa-nos aqui apenas fazer algumas considerações, que, a nosso ver, devem servir mais como caminhos para uma investigação futura do que propriamente como uma resposta definitiva.

Um primeiro aspecto a ser considerado nessa discussão encontra-se na afirmação do próprio Tetens, quando diz que sua psicologia empírica afasta-se inicialmente não só das especulações metafísicas, mas também das hipóteses fisiológicas que estavam em voga na 'nova psicologia', representada, sobretudo, pela obra de Bonnet. Como vimos, trata-se aqui de uma proposta de antropologia fisiológica ou médica, que prioriza a investigação dos fenômenos anímicos a partir de propriedades e organizações cerebrais. Ora, por recusar a primazia e a autonomia do auto-sentimento na investigação empírica da alma, não restam dúvidas de que a psicologia empírica de Tetens está em oposição direta a essa vertente antropológica.

É claro que essa evidente rivalidade em relação à antropologia fisiológica de modo algum implica negar qualquer aproximação da psicologia empírica de Tetens com temas antropológicos, especialmente quando lembramos que, em sua definição inicial, a antropologia aparece ligada ao estudo da natureza humana em sua totalidade – aspectos anímicos e físicos (ver seção 2.1.1). Portanto, quando Tetens admite explicita ou implicitamente a unidade corpo-alma como um pressuposto necessário em sua investigação psicológica, faz sentido pensar que ele aproxima-se dessa concepção de antropologia. Mas aqui falta ainda uma ressalva muito importante. Quando discute a natureza psicofísica do homem, Tetens vê nos dados introspectivos da psicologia empírica, juntamente com os dados fisiológicos da medicina, uma maneira satisfatória de conduzir a investigação da natureza psicofísica do homem. Portanto, as questões relativas à antropologia presentes nos *Ensaios Filosóficos* – bem como nos seus primeiros ensaios – são tomadas por ele como parte de sua psicologia empírica, e encontram aí sua fundamentação. É precisamente nesse sentido que caracterizamos o empreendimento de Tetens como muito mais decisivo na constituição de uma ciência psicológica, embora ainda concebida como disciplina metafísica, que de uma antropologia.

5 CONCLUSÃO

Iniciamos nosso trabalho apontando duas questões centrais na interpretação do estatuto da psicologia empírica no projeto filosófico de Tetens, a saber, a concepção de psicologia presente ao longo de sua obra e o papel da investigação psicológica em seu sistema metafísico. Em resposta a essas questões, acreditamos que nossa análise nos permite sustentar a existência de um projeto coerente e unificado de psicologia empírica em Tetens. Sendo assim, verificamos que, embora seus textos iniciais nem sempre apresentem uma discussão detalhada da psicologia empírica, eles podem ser considerados em uma gradual aproximação dos *Ensaios Filosóficos*, especialmente quando se destaca que a filosofia natural deve figurar como um ideal metodológico para as investigações da natureza humana. Portanto, ao contrário do que consta na maior parte da literatura secundária, apontamos evidências textuais de que, além dos *Ensaios* de Locke, as regras de investigação de Newton sempre foram uma referência crucial para a compreensão do método analítico adotado nas investigações psicológicas de Tetens – algo que, exceto por nosso trabalho (Lauro & Araujo, no prelo), ainda não foi destacado na literatura secundária.

A unidade e continuidade em seu projeto intelectual se sustentam, contudo, para além das características metodológicas da psicologia empírica, na medida em que se fazem presentes também em relação ao estatuto da psicologia empírica como disciplina metafísica e ao seu papel propedêutico ao conhecimento metafísico. A esse respeito, mostramos que, já em seus textos filosóficos iniciais, Tetens concebe a psicologia empírica como parte da metafísica, e sugere que sua investigação teria um importante papel na fundamentação de uma nova metafísica. Em um desdobramento dessas ideias, os *Ensaios Filosóficos* reafirmam a confiança inicial no método analítico como principal solução para as dificuldades da metafísica. Nesse cenário, a psicologia empírica fornece, por um lado, intuições empíricas evidentes sobre a formação e validade dos conceitos racionais usados na ontologia, e, por outro, serve de fundamento seguro para as teses e hipóteses sobre a natureza da alma presentes na psicologia racional. Não obstante essas considerações apresentadas em sua obra magna representem o cerne do projeto filosófico de Tetens, um explícito reconhecimento de um novo lugar para a psicologia empírica em seu sistema metafísico só foi apresentado, contudo, no seu curso final de *Metafísica*. Aqui, Tetens destaca que a psicologia empírica serve de base para as demais disciplinas metafísicas, devendo antecedê-las.

A partir desses esclarecimentos, esperamos ter contribuído para uma análise mais sistemática da psicologia empírica em Tetens, algo que até aqui não consta da maior parte da

historiografia da psicologia nem da historiografia da filosofia. Ademais, esperamos ter feito justiça à originalidade e à profundidade do pensamento de Tetens. Como vimos, não se trata aqui de recusar as referências às tradições filosóficas inglesa, alemã, francesa e sua influência, mas sim de evitar e corrigir interpretações que identificam seu projeto filosófico inteiramente com uma dessas tradições, negligenciando, assim, as críticas e os esforços de Tetens em revisá-las e suplementá-las com teses e argumentos próprios.

Em que pese, porém, as contribuições desse trabalho, não podemos deixar de mencionar algumas de suas limitações. Uma questão que surgiu ao longo do trabalho, que infelizmente não pode ser satisfatoriamente discutida, diz respeito à relação entre a psicologia e a antropologia no século XVIII. Como afirmamos no último capítulo, dada a riqueza e a diversidade de projetos de antropologia nesse período, seria necessário investigar mais detalhadamente esses projetos para só então tentarmos relacioná-los com a proposta de psicologia empírica presente em Tetens. A nosso ver, sem uma investigação mais detalhada para apoiar essa relação, qualquer referência à psicologia empírica de Tetens como parte dos projetos oitocentistas de investigação da natureza humana permanece sem uma fundamentação satisfatória. A esse respeito, nos parece oportuno indicar que é preciso investigar não só a relação da psicologia empírica de Tetens com os projetos de antropologia filosófica, mas também com os de antropologia fisiológica, tendo em vista que boa parte das discussões apresentadas por ele na seção dedicada ao desenvolvimento humano fundamenta-se em analogias entre o desenvolvimento fisiológico do corpo humano e o desenvolvimento da alma.

Finalmente, cabe indicar a importância do projeto psicológico de Tetens para o desenvolvimento histórico da psicologia. Sobre este ponto, primeiramente é importante ressaltar que, mesmo sem termos evidências que nos permitam detalhar as investigações psicológicas de Tetens, suas investigações não são apenas um ideal programático, mas empreendimentos realizados. Isso nos permite sugerir que seu projeto de psicologia empírica teve influência nos debates sobre introspecção, experimentação e quantificação de fenômenos psíquicos, que surgiram na tradição alemã do século XVIII e permaneceram ao longo de todo o desenvolvimento posterior da psicologia na Alemanha. Sua clássica tripartição da alma – sentimento, entendimento e vontade – também parece ter tido uma presença marcante na tradição psicológica alemã. Mesmo que não seja possível observar uma adesão à sua teoria das faculdades da alma, ela parece ter servido de fundamento para se pensar as diferentes capacidades da alma ou mente, como podemos observar, por exemplo, no projeto de psicologia científica de Wundt (Araujo, 2010, 2016).

Em que pese, porém, nossa menção a essas duas contribuições, isso de modo algum esgota a presença de Tetens na tradição psicológica. De fato, suas obras são repletas de temas – e.g., memória, percepção, apercepção, representação, consciência, desenvolvimento, etc. – de particular interesse não só para as discussões psicológicas. Nesse sentido, esperamos que nosso trabalho sirva como incentivo a novas pesquisas, que busquem rever e ampliar o conhecimento psicológico presente no século XVIII.

REFERÊNCIAS

Apitzsch, A. (2010). *Die psychologischen Voraussetzungen der Erkenntniskritik Kants Dargestellt und auf ihre Abhängigkeit von der Psychologie Chr. Wolfs und Tetens' Geprüft. Nebst allgemeinen Erörterungen über Kants Ansicht von der Psychologie als Wissenschaft*. South Carolina: Nabu Press. (Trabalho original publicado em 1871).

Araujo, S. F. (2010). *O projeto de uma psicologia científica em Wilhelm Wundt: uma nova interpretação*. Juiz de Fora: Ed. UFJF.

Araujo, S. F. (2012). O lugar de Christian Wolff na história da psicologia. *Universitas Psychologica, 11*(3), 1013–1024.

Araujo, S. F. (2013). *Ecos do passado: estudos de história e filosofia da psicologia*. Juiz de For a: Editora da UFJF.

Araujo, S. F. (2016). *Wundt and the philosophical foundations of psychology: A reappraisal*. New York, New York: Springer.

Araujo, S. F. (2017a). Toward a philosophical history of psychology: An alternative path for the future. *Theory & Psychology*, *23*,1-21.

Araujo, S. F. (2017b). On methodological pluralism, context, and misinterpretation in the historiography of psychology: A reply to Brock and Burman. *Theory & Psychology*, *27* (3), 426-433.

Araujo, S. F. & Lauro, M. M. (2018). A natureza da psicologia nos Ensaios filosóficos (1777) de Johann Nicolaus Tetens. *Revista de Psicología*, *27*(1), 1-12.

Barnouw, J. (1979). The philosophical achievement and historical significance of Johann Nicolas Tetens. *Studies in Eighteenth Century Culture*, *9*, 301-335.

Barnouw, J. (1983). Psychologie empirique et épistémologie dans les «Philosophische Versuche» de Tetens. *Archives de Philosophie*, *46*, 271-289.

Beck, L. W. (1969). *Early German philosophy*. *Kant and his predecessors*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.

Bell, M. (2005). *The German tradition of psychology in literature and thought, 1700-1840*. Cambridge: Cambridge University Press.

Brett, G. S. (1953). *History of psychology*. London: George Allen & Unwin. (Trabalho original publicado em 1921).

Carus, F. A. (1808). *Geschichte der Psychologie*. Berlin: Springer

Cassirer, E. (1997). A filosofia do iluminismo (3ª ed.). Campinas: Editora da UNICAMP. (Trabalho original publicado em 1932).

Dessoir, M. (1964). *Geschichte der neueren deutschen Psychologie*. Band 1. Amsterdam: Bonset. (Trabalho original publicado em 1901).

Dessoir, M. (1892). Des Nic. Tetens Stellung in der Geschichte der Philosophie. *Vierteljahrsschrift für wissenschaftliche Philosophie*, *16*, 355-368.

Engfer, J. (2005). Einleitung. In J. N. Tetens, *Die philosophischen Werke* (Vol. 3, pp. xv-xli). Hildesheim: Georg Olms.

Fischer, K. P. (1975). John Locke in the German Enlightenment: An interpretation. *Journal of the History of Ideas*, *36*(3), 431- 445.

Frank, M. (2002). *Selbstgefühl: eine historisch-systematische Erkundung*. Frankfurt von Main: Suhrkamp.

Goodwin, J. (2005). *História da psicologia moderna* (M. Rosas, Trad.). São Paulo: Cultrix.

Gundlach, H. (2006). Psychology as science and as discipline: The case of Germany. *Physis. Rivista internazionale di Storia della Scienza*, *43*(12), 61-89.

Hahmann, A. (2014). Tetens über die Freiheit als Vermögen der Seele. In G. Stiening & U. Thiel (Eds.), *Johann Nikolaus Tetens (1736-1807): Philosophie in der Tradition des europäischen Empirismus* (pp.199-215). Berlin: de Gruyter.

Harms, F. (1878). *Ueber die Psychologie von Johann Nicolas Tetens*. Berlin: Dümmler.

Hatfield, G. (1995). Remaking the science of mind: Psychology as natural science. In C. Fox, R. Porter & R. Wokler (eds.), *Inventing human science* (pp. 184-231). Berkeley: University of California Press.

Hatfield, G. (2012). Psicologia, filosofia e ciência cognitiva: reflexões sobre a história e a filosofia da psicologia experimental. In S. F. Araujo (Org.), *História e filosofia da psicologia: perspectivas contemporâneas* (pp. 224-258). Juiz de Fora: Ed. UFJF. (Trabalho original publicado em 2002).

Hauser, C. (1994). *Selbstbewusstsein und personale Identität*. *Positionen und Aporien ihrer vorkantischen Geschichte Locke, Leibniz, Hume und Tetens*. Stuttgard-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.

Heimsoeth, H. (1966). *Transzendentale Dialektik*: ein Kommentar zur Kritik der reinen Vernunft, erster Teil: Ideenlehhre und Paralogismen. Berlin: Walter de Gruyter & CO.

Heinz, J. (2014). Etymologie als Voraussetzung einer „vernünftigen Metaphysik“: Tetens‘ Frühschriften zur Etymologie. In G. Stiening & U. Thiel (Eds.), *Johann Nikolaus Tetens (1736-1807): Philosophie in der Tradition des europäischen Empirismus* (pp.365-376). Berlin: de Gruyter.

Hothersall, D. (2006). *História da psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill.

Jahnke, J. (1990). Psychologie im 18. Jahrhundert. Literaturberich 1980 bis 1989. *Das achtzehnte Jahrhundert*, *14*, 253-278.

Jahnke, J. (2009). Neure Arbeiten zur Psychologie im 18. Jarhundert. Historiographische Probleme, Ergebnisse und Tendenzen. *Psychologie und Geschichte*, *2*, 19-24.

Kant, I. (2001). C*rítica da razão pura* (A. F. Morujão & M. P. Santos, Trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (*Trabalho original publicado em* 1781/1787).

Kant, I (2007). Letter to Marcus Herz of April, 1778. In A. Zweig (Ed.), *Correspondence* (pp. 231-232). Cambridge: Cambridge University Press.

Kitcher, P. (1990). *Kant's transcendental psychology*. Oxford: Oxford University Press.

Kitcher, P. (2011). *Kant's thinker*. Oxford: Oxford University Press.

Klein, D. B. (1970). *A history of scientific psychology*. *Its origins and philosophical backgrounds*. New York/London: Basic Books.

Krouglov, A. N. (2005). Der Begriff transzendental bei J. N. Tetens: historischer Kontext und Hintergründe. *Aufklärung*, *17*, 35-75.

Krouglov, A. N. (2009). Die Ontologie von Tetens und seiner Zeit. *Quaestion*, *9*, 269-283.

Krouglov, A. N. & Delfosse, H. P. (2017). *Über die allgemeine speculativische Philosophie: historich-kritische Ausgabe*. Stuttgart: Frommann Holzboog.

Kuehn, M. (1989). Hume and Tetens. *Hume Studies*, *15*(2), 365-376.

Kuehn, M. (2004). The German Aufklärung and British philosophy. In S. Brown (Ed.), *British philosophy and the age of Enlightenment* (pp. 253-272). London: Taylor & Francis Library.

Lauro, M. M. (2014). *A psicologia empírica e sua relação com a filosofia em Johann Nicolas Tetens*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: UFJF.

Lauro, M. M., Dreher, L. H. & Araujo, S. F. (2014). Sobre a fundamentação da psicologia racional no século XVIII: uma análise do confronto entre Mendelssohn e Kant acerca da simplicidade da alma. *Memorandum*, *26*, 12-30.

Lauro, M. M. & Araujo, S. F. (2015). A recepção da psicologia de Johann Nicolas Tetens (1736-1807) na historiografia da psicologia e da filosofia. In S. F. Araujo & F. Caropreso (Orgs.), *Temas atuais em história e filosofia da psicologia* (pp. 71-101). Juiz de Fora: Ed. UFJF.

Lauro, M. M. & Araujo, S. F. (no prelo). *Experimenting with philosophy: Tetens and the application of Newton's method to the study of human mind.* Manuscrito submetido para publicação.

Leary, D.E. (1982). Immanuel Kant and the development of modern psychology. In W. R. Woodward & M. G. Asch (Eds.), *The problematic science. Psychology in nineteenth-century thought* (pp.17-42). New York: Praeger Publishers.

Linden, M. (1976). *Untersuchungen zum Anthropologiebegriff des 18. Jahrhunderts*. Frankfurt a. M.: Peter Lang.

Lindenberger, U. & Baltes, P. B. (1999). Die Entwicklungspsychologie der Lebensspanne (Lifespan-Psychologie): Johann Nicolaus Tetens (1736-1807) zu Ehren. *Zeitschrift für Psychologie, 20*, 299-323.

Locaille, J. (2014). Tetens und die Widerlegung des Idealismus im 5. Versuch. In G. Stiening & U. Thiel (Eds.), *Johann Nikolaus Tetens (1736-1807): Philosophie in der Tradition des europäischen Empirismus* (pp.133-146). Berlin: de Gruyter.

Locke, J. (2010). *Ensaio sobre o entendimento humano* (E. A. de Soveral, Trad.). 2 vols. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Trabalho original publicado em 1700).

Lorini, G. (2016). Receptions of Leibniz's pre-established harmony Wolff and Baumgarten. *Theodicy and Reason*, 163-180**.**

Lorini, G. (2018). „Pegasus' Shoulders": Tetens' *Phantasie* and *Dichtkraft.* On the Way of Kant's Anthropology. *Con-Textos Kantianos, 7*, 205-233.

Moravia, S. (1978). From homme machine to homme sensible: Changing eighteenth-century models of man's image. *Journal of the History of Ideas, 39*(1), 45-60.

Moravia, S. (1980). The Enlightenment and the sciences of man. *Hist. Sci., 18*, 247-268.

Müller-Brettel, M. & Dixon, R. A. (1990). Johann Nicolas Tetens: A forgotten father of developmental psychology? *International Journal of Behavioral Development*, *13*(2), 215-230.

Newton, I. (2017). *Principia: Princípios matemáticos de filosofia natural***.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (Trabalho original publicado em 1713).

Nowitzki, H. P. (2014). „Wortforschen ist nicht Becanissen..." Tetens Sprachkritik und Philosophiereform. In G. Stiening & U. Thiel (Eds.), *Johann Nikolaus Tetens (1736-1807): Philosophie in der Tradition des europäischen Empirismus* (pp.*343*-364). Berlin: de Gruyter.

Pereira, T. C. R. & Araujo, S. F. (2015). A psicologia empírica na Metafísica Alemã (1720) de Christian Wolff. In S. F. Araujo & F. Caropreso (Orgs.), *Temas atuais em história e filosofia da psicologia* (pp. 13-42). Juiz de Fora: Ed. UFJF.

Pillsbury, W. B. (1929). *The history of psychology*. New York: Norton & Company.

Puech, M. (1992). Tetens et la crise de la métaphysique allemande en 1775 (Über die allgemeine speculativische Philosophie). *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger, 182*(1), 3-29.

Richards, R. (1980). Christian Wolff's prolegomena to empirical and rational psychology: Translation and commentary. *Proceedings of the American Philosophical Society*, *124*(3), 227-239.

Robinson, D. N. (1976). *An intellectual history of psychology*. New York: Macmillan.

Roth, U. & Stiening, G. (2014). Zur Einführung. In J. N. Tetens, *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwicklung* (pp. xix-xxxi). Berlin: de Gruyter.

Schultz, D. P. & Schultz, S. E. (2015). *História da psicologia moderna*. São Paulo: Cengage Learning.

Schütz, C. G. (1771). Betrachtungen über die verschiednen Methoden der Psychologie; nebst einem kritischen Auszug aus des Hrn. Abt von Condillac Traité des sensations. In C. Bonnet, *Analytischer Versuch über die Seelenkräfte* (pp. 187-288). Bremen/Leipzig: Johann Henrich Cramer.

Schwarz, K. & Pfister,R. (2016). Scientific psychology in the 18th Century: a historical rediscovery. *Perspectives on Psychological Science*, *11*(3), 399-407.

Sellhoff, M. (2014). Tetens' Vorlesun über Metaphysik von 1789 und deren systematische Architetonik im 18. Jahrhundert. In G. Stiening & U. Thiel (Eds.), *Johann Nikolaus Tetens (1736-1807): Philosophie in der Tradition des europäischen Empirismus* (pp. 45-62). Berlin: Walter der Gruyter.

Sellhoff, M. (2015). Einleitung. In J. N. Tetens, *Metaphysik* (xi-cxxii). Hamburg: Felix Meiner Verlag.

Sommer, R. (1892). *Grundzüge einer Geschichte der deutschen Psychologie und Asthetik von Wolff-Baumgarten bis Kant-Schiller*. Würzburg: Stahel.

Stapleford, S. (2014). Tetens' refutation of idealism and properly basic belief. In G. Stiening, & U. Thiel (Eds.), *Johann Nikolaus Tetens (1736-1807): Philosophie in der Tradition des europäischen Empirismus* (pp. 147-165). Berlin: Walter der Gruyter.

Sturm, T. (2006). Is there a problem with mathematical psychology in the eighteenth century? A fresh look at Kant's old argument. *Journal of the History of the Behavioral Sciences, 42*(4), 353-377.

Sturm, T. (2009). *Kant und die Wissenschaften vom Menschen*. Paderborn: Mentis.

Tetens, J. (1760). *Gedanken über einige Ursachen, warum in der Metaphysik nur wenige ausgemachte Wahrheiten sind*. Bützow und Wismar: Berger & Boedner.

Tetens, J. N. (1913). *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwickelung*. 2vols. Berlin: Reuther & Reichard. (Trabalho original publicado em 1777).

Tetens, J. N. (1913). *Über die allgemeine speculativische Philosophie*. Berlin: Reuther & Reichard. (Trabalho original publicado em 1775).

Tetens, J. N. (2005).Abhandlung von den vorzüglichsten Beweisen des Daseins Gottes. In J. N. Tetens, *Die philosophischen Werke* (Vol. 3, pp.133-209). Hildesheim: Georg Olms. (Trabalho original publicado em 1761).

Tetens, J. N. (2005). Gedanken von dem Einfluβ des Climatis in die Denkungsart des Menschen. In J. N. Tetens, *Die philosophischen Werke* (Vol. 3, pp.1-8). Hildesheim: Georg Olms. (Trabalho original publicado em 1759).

Tetens, J. (2005). *Gedanken über einige Ursachen, warum in der Metaphysik nur wenige ausgemachte Wahrheiten sind*. In J. N. Tetens, *Die philosophischen Werke* (Vol. 3, pp. 9-76). Hildesheim: Georg Olms. (Trabalho original publicado em 1760).

Tetens, J. N. (2005). Schreiben an...über die Frage: Ob die Verschiedenheit der Erkenntniβ-Fähigkeiten und Neigungen der Menschen in einer angebohrnen Verschiedenheit, oder in den äusserlichen Umständen seinen Grund habe?. In J. N. Tetens, *Die philosophischen Werke* (Vol. 3, pp. 211-222). Hildesheim: Georg Olms. (Trabalho original publicado em 1761).

Tetens, J. N. (2005). Ueber den Nutzen der Etymologie. In J. N. Tetens, *Die philosophischen Werke* (Vol. 3, pp. 277-281). Hildesheim: Georg Olms. (Trabalho original publicado em 1765).

Tetens, J. N. (2005). Ueber den Uhrsprung der Ehrbegierde.In J. N. Tetens, *Die philosophischen Werke* (Vol. 3, pp. 291-296). Hildesheim: Georg Olms. (Trabalho original publicado em 1766).

Tetens, J. N. (2005).Ueber den verschiedenen Nuzen der menschlichen Erkentnissen.In J. N. Tetens, *Die philosophischen Werke* (Vol. 3, pp. 267-273). Hildesheim: Georg Olms. (Trabalho original publicado em 1765).

Tetens, J. N. (2005). *Ueber die allgemeine speculativische Philosophie*. In J. N. Tetens, *Die philosophischen Werke* (Vol. 4, pp. 1-94). Hildesheim: Georg Olms. (Trabalho original publicado em1775).

Tetens, J. N. (2005). Ueber die Grundsätze und den Nutzen der Etymologie. In J. N. Tetens, *Die philosophischen Werke* (Vol. 3, pp. 257-266). Hildesheim: Georg Olms. (Trabalho original publicado em1765).

Tetens, J. N. (2005). Vor der Verschiedenheit der Menschen nach ihren Haupt-Neigungen. In J. N. Tetens, *Die philosophischen Werke* (Vol. 3, pp. 223-239). Hildesheim: Georg Olms. (Trabalho original publicado em 1762).

Tetens, J. N. (2014). *Philosophische Versuche über die menschliche Natur und ihre Entwickelung.* 2 vols. Berlin: De Gruyter. (Trabalho original publicado em 1777)

Tetens, J. N. (2015). *Metaphysik*. Hamburg: Meiner.

Thiel, U. (1997). Varieties of inner sense: Two pre-kantian theories. *Archive für Geschichte der Philosophie*, *79*, 58-79.

Thiel, U. (2014). Zwischen empirischer Psychologie und rationaler Seelenlehre. Tetens über das Selbstgefühl. In G. Stiening & U. Thiel (Eds.), *Johann Nikolaus Tetens (1736-1807): Philosophie in der Tradition des europäischen Empirismus* (pp.89-102). Berlin: de Gruyter.

Uebele W. (1911). *Johann Nicolaus Tetens, nach seiner Gesamtentwicklung betrachtet, mit besonderer Berücksichtigung des Verhältnisses zu Kant*. Berlin: Reuther & Reichard.

Vesper, A. (2014). Tetens und Wolff. In G. Stiening & U. Thiel (Eds.), *Johann Nikolaus Tetens (1736-1807): Philosophie in der Tradition des europäischen Empirismus* (pp.27-44). Berlin: de Gruyter.

Vidal, F. (2000). La psychologie empirique et son historicisation pendant l´Aufklärung. *Revue d'Histoire des Sciences Humaines*, *2*, 29-55.

Vidal, F. (2011). *The sciences of the soul*. Chicago, IL: The University of Chicago Press.

Villa, G. (1903). *Contemporary psychology*. New York: Macmillan.

Watkins, (1995). The development of physical influx in early eighteenth-century Germany: Gottsched, Knutzen, and Crusius. *The Review of Metaphysics*, *49*(2), 295-339.

Watkins, (1998). From pre-established harmony to physical influx: Leibniz's reception in eighteenth century Germany. *Perspectives on Science*, *6*(1), 1-46**.**

Watkins, E. & Kuehn, M. (2009). *Kant's critique of pure reason: Background source of materials*. New York: Cambridge University Press.

Wunderlich, F. (2005). *Kant und die Bewußtseinstheorien des 18. Jahrhunderts*. Berlin: Walter de Gruyter.

Wunderlich, F. (2014). Eine „dritte Mittelidee von der Beschaffenheit des Seelenwesen". Johann Nikolaus Tetens und die Annäherung von Influxus physicus und Harmonismus. In G. Stiening & U. Thiel (Eds.), *Johann Nikolaus Tetens (1736-1807): Philosophie in der Tradition des europäischen Empirismus* (pp.219-250). Berlin: de Gruyter.

Zammito, J. H. (2002). *Kant, Herder and the birth of anthropology*. Chicago: University of Chicago Press.

Zöller, G. (1998). Tetens, Johann Nicolaus (1736-1807). In E. Craig (Ed.), *Routledge encyclopedia of philosophy* (pp. 319-322). London and New York: Routledge.